Meg Cabot

Terceiro volume da série iniciada com *O diário da princesa*, romance que deu origem à superprodução dos Estúdios Disney estrelada por Julie Andrews e Anne Hathaway

A PRINCESA APAIXONADA

RECORD

Meg Cabot

Terceiro volume da série iniciada com *O diário da princesa*, romance que deu origem à superprodução dos Estúdios Disney estrelada por Julie Andrews e Anne Hathaway

A PRINCESA APAIXONADA

RECORD

Digitalização: Lara Souto Santana

Correção: Lídia Melo Batista

A

PRINCESA

APAIXONADA

OUTRAS OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA RECORD

A garota americana

O garoto da casa ao lado

Série **O Diário da Princesa**

O diário da princesa

A princesa sob os refletores

A princesa à espera

A princesa de rosa-shocking

Lições de princesa

Série **A Mediadora**

A terra das sombras

O arcano nove

Reunião

A hora mais sombria

Meg Cabot

A

PRINCESA

APAIXONADA

Tradução de

MARIA CLÁUDIA DE OLIVEIRA

10ª EDIÇÃO

E D I T O R A R E C O R D

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2006

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Cabot, Meg

C116P A princesa apaixonada / Meg Cabot: tradução de Maria 10ª ed. Cláudia de Oliveira — 10ª ed. — Rio de Janeiro: Record: 2006.

256p

Tradução de: Princess in love

Continuação de: A princesa sob os refletores

ISBN 85-01-06567-6

1. Literatura infanto-juvenil. I. Oliveira, Maria Cláudia de. II, Título.

CDD — 028.5

03-0374 CDU — 087.5

Título original norte-americano

PRINCESS IN LOVE

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 —Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-06567-6

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

Para Benjamin, com amor

Agradecimentos

Muito obrigada a Beth Ader, Jennifer Brown, Barbara Cabot, Sarah Davies, Laura Langlie, Abby McAden e David Walton.

— Um dos Jingimentos” de Sara é que ela é

uma princesa — disse Jessie. — Ela brinca disso

o tempo todo, até na escola. Ela quer que

Ermengarde também seja uma, mas Ermengarde

diz que é muito gorda.

— Ela é muito gorda — disse Lavinia.

— E Sara é muito magra.

— Sara diz que não, isso não tem nada a

ver com a sua aparência ou suas posses. Só tem a

ver com o que você pensa, e o que

você faz — explicou Jessie.

— A PRINCESINHA

FRANCES HODGSON BURNETT

Aula de inglês

Dever de casa (para 8 de dezembro): Na Escola Albert Einstein, temos uma população de estudantes muito diversificada. Mais de 170 diferentes nações, religiões e grupos étnicos estão representados em nosso corpo estudantil.

Abaixo, descreva a maneira com que sua família celebra o feriado exclusivamente americano, o Dia de Ação de Graças. Por favor, utilize margens apropriadas.

MEU DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS

Por Mia Thermopolis

6:45 da manhã — Sou acordada com o som de minha mãe vomitando. Ela está agora bem no meio de seu

terceiro mês de gravidez. O obstetra dela diz que todo esse vômito deve parar no próximo trimestre. Mal consigo esperar. Venho marcando os dias que faltam em meu calendário do „N Sync. (Na verdade eu não gosto do „N

Sync. Pelo menos não tanto assim. Minha melhor amiga, Lilly, me deu esse calendário de brincadeira. Mas um dos caras é realmente muito gato.) 7:45 da manhã — O sr. Gianini, meu novo padrasto, bate na minha porta. Só que agora eu devo chamá-lo de Frank. Mas isso é muito difícil de lembrar, já que na escola, onde ele é meu professor de álgebra no primeiro ano, eu devo chamá-lo de sr.

Gianini. Então eu simplesmente não o chamo de nada (na frente dele).

Hora de levantar, diz o sr, Gianini. Vamos passar o Dia de Ação de Graças na casa dos pais dele em Long Island. Temos de ir agora, se quisermos evitar o trânsito.

8:45 da manhã — Não há trânsito tão cedo assim no Dia de Ação de Graças. Chegamos à casa dos pais do sr. G em Sagaponic três horas adiantados.

A sra. Gianini (mãe do sr. Gianini, não minha mãe. Minha mãe ainda é Helen Thermopolis porque ela é uma pintora moderna suficientemente conhecida por este nome e também porque ela não acredita no culto do patriarcado) ainda está de bobes no cabelo. Ela parece muito surpresa. Deve ser não só porque chegamos tão cedo, mas também porque, mal minha mãe entrou na casa, foi forçada a correr até o banheiro com a mão na boca, por causa do cheiro do peru assando. Estou esperando que isso signifique que meu futuro meio-irmão ou irmã seja

vegetariano, já que o cheiro de carne cozida costumava fazer minha mãe ficar com fome, e não enjoada.

Minha mãe já havia me informado no carro, a caminho da saída de Manhattan, que os pais do sr. Gianini são muito antiquados e costumam fazer uma refeição típica do Dia de Ação de Graças. Ela acha que eles não vão gostar de ouvir meu tradicional discurso de Ação de Graças, sobre como os Pioneiros são culpados de terem cometido genocídio em massa dando a seus novos amigos, os Nativos Americanos, cobertores infestados com o vírus da varíola, e que é repreensível que nós celebremos

nacionalmente todo ano esta violação e destruição de uma civilização inteira.

Em vez disso, minha mãe falou, eu devia conversar sobre temas mais neutros, como o tempo.

Eu perguntei se poderia falar sobre a quantidade incrível de pessoas que freqüentam a ópera Reykjavik na Islândia (mais de 98 por cento da população do país já viu *Tosca* pelo menos uma vez).

Minha mãe suspirou e disse, “Se você precisa mesmo”, o que tomei como um sinal de que ela está começando a ficar cansada de ouvir falar na Islândia.

Bem, sinto muito, mas acho a Islândia extremamente fascinante e não vou descansar até ter visitado o hotel de gelo.

9:45 a 11:45 da manhã — Assisto à parada da Macy‟s do Dia de Ação de Graças com o Sr. Gianini pai, no que ele chama de sala de recreação.

Não existem salas de recreação em Manhattan.

Só corredores.

Lembrando a advertência de minha mãe, eu evito repetir outra de minhas tradicionais loucuras sobre feriados, de que o Dia de Ação de Graças da Macy‟s é um exemplo brutal do crescimento da fúria assassina do capitalismo americano.

Em algum instante durante a transmissão, consegui ver Lilly de pé na multidão do lado de fora do Office Max, na Broadway com a 37, a câmera de vídeo grudada a seu rosto levemente amassado (como o de um pug), enquanto passa um dirigível carregando Miss América e William Shatner, celebridade de *Star Trek*. Aí eu sei que Lilly vai denunciar a Macy‟s no próximo epi-

13

sódio de seu programa de televisão de acesso livre, LiIly Tells It Like It Is (toda sexta à noite, às nove, no canal a cabo 67 de Manhattan).

12:00 — A irmã do sr. Gianini filho chega com seu marido, os dois filhos e as tortas de abóbora. Os filhos, que têm a minha idade, são gêmeos, um garoto, Nathan, e uma garota, Claire. Eu sei de cara que Claire e eu não vamos nos dar bem porque quando somos apresentadas ela me olha de cima a baixo da maneira com que as animadoras de torcida fazem no corredor da escola e fala, numa voz muito esnobe, “Você é que é a tal princesa?”.

E embora eu esteja perfeitamente consciente de que, com um metro e oitenta de altura, sem seios visíveis, os pés do tamanho de esquis e os cabelos como numa

moita em minha cabeça, como o algodão do cotonete, a maior monstrenga da turma dos calouros na Escola Albert Einstein para Garotos (tomada mista *circa* 1975), não preciso ser lembrada disso por garotas que nem mesmo se importam em descobrir que por trás dessa fachada mutante bate o coração de uma pessoa que está só se esforçando, exatamente como todas as outras pessoas no mundo, para alcançar a auto-realização.

Não que eu sequer me preocupe com o que Claire, a sobrinha do sr. Gianini, pensa de mim. Quer dizer, ela está usando uma minissaia de pele de pônei. E não é uma imitação de pele de pônei. Ela deve saber que um cavalo precisou morrer só para que ela pudesse ter aquela saia, mas obviamente ela não está nem aí.

E Claire pegou o telefone celular e saiu para o *deck*, onde o sinal de recepção é melhor (mesmo que esteja fazendo um grau negativo lá fora, ela aparentemente não se importa. Ela tem

aquela saia de pele de pônei para aquecê-la, afinal de contas). Ela continua me encarando através das portas de vidro de correr e rindo enquanto fala no telefone.

Nathan — que está vestido em jeans *baggy* tem um *pager*, além de um monte de jóias de ouro — pergunta a seu avô se pode mudar de canal. Então, em vez das opções tradicionais para se assistir no Dia de Ação de Graças, como futebol ou a maratona de filmes feitos-para-a-TV no Lifetime Channel, somos forçados agora a assistir à MTV2. Nathan conhece todas as músicas e canta junto com eles. Muitas delas têm palavrões que foram bipados, mas Nathan canta assim mesmo.

1:00 da tarde — A comida é servida. Começamos a comer.

1:1 5 da tarde — Terminamos de comer.

1:20 da tarde — Ajudo a sra. Gianini a limpar tudo. Ela diz para eu não ser ridícula e que eu deveria ir “fofocar um pouco” com Claire.

É assustador, se você pensar no assunto, como as pessoas mais velhas podem ser inocentes às vezes.

Em vez de ir fofocar um pouco com Claire, eu fico onde estou e digo à sra.

Gianini como estou gostando de ter o filho dela morando conosco. O sr. G é muito bom em ajudar na casa, e já até ficou com minha antiga tarefa de limpar os banheiros. Sem mencionar a TV de 36 polegadas, a máquina de fliperama e a mesa de totó que ele levou quando se mudou para lá.

A sra. Gianini fica imensamente gratificada por ouvir isso, pode-se dizer assim.

Pessoas velhas gostam de ouvir coisas legais sobre seus filhos, mesmo se o filho, no caso o sr. Gianini, tem 39 anos e meio.

15

3:00 da tarde — Temos de partir se vamos encarar o trânsito de volta para casa. Eu digo adeus. Claire não responde, mas Nathan sim. Ele me dá um toque para cair na real, A sra. Gianini nos dá um monte de sobras de peru. Eu agradeço a ela, mesmo que não coma peru, já que sou vegetariana.

6:30 da tarde — Finalmente conseguimos voltar para a cidade, depois de passar três horas e meia num trânsito de pára-choques a pára-choques pela Long Island Expressway. Embora não haja nada muito expresso nela, se você quiser saber.

Eu mal tenho tempo de trocar de roupa e colocar meu vestido Armani azul bebê, longo e justo, com sapatilhas combinando, antes que a limusine buzine lá embaixo e Lars, meu guarda-costas, chegue para me escoltar até minha segunda refeição de Ação de Graças.

7:30 da noite — Chegada ao Plaza Hotel. Sou saudada pelo porteiro, que me anuncia às massas reunidas no Palm Court:

“Apresentando Sua Alteza Real Princesa Amelia Mignonette Grimaldi Thermopolis Renaldo.”

Deus não permitiu que ele dissesse apenas Mia.

Meu pai, o príncipe de Genovia, e sua mãe, a princesa viúva, haviam alugado o Palm Court para a noite a fim de oferecer um banquete de Dia de Ação de Graças para todos os seus amigos. Apesar de minhas objeções tenazes, papai e Grandmère se recusaram a sair de Nova York até que eu tivesse aprendido tudo o que há para saber sobre ser uma princesa... ou até a minha apresentação formal ao povo genoviano na véspera de Natal, o que viesse primeiro. Eu garanti a eles que não é como se eu fosse

aparecer no castelo jogando azeitonas nas damas de honra e me coçando embaixo dos braços. Quer dizer,

tenho catorze anos: faço alguma idéia de como agir, para ser bastante clara.

Mas Grandmère, pelo menos, não parece acreditar nisso, então ela ainda está me submetendo a aulas diárias de como ser uma princesa. Lilly recentemente contactou as Nações Unidas para ver se essas lições constituem uma violação dos direitos humanos. Ela acredita que é ilegal forçar uma menor a se sentar durante horas praticando empurrar seu prato de sopa para longe — “Sempre, sempre *longe* de você, Amelia!” — a fim de fazer o maior esforço para conseguir algumas gotas de sopa de lagosta. As Nações Unidas não tiveram a menor simpatia pela minha situação.

Foi idéia de Grandmère fazer o que ela chama de jantar de Ação de Graças “à antiga”, apresentando mexilhões num molho de vinho branco, pombos recheados de *foie gras*, caudas de lagosta e caviar iraniano, o que você jamais poderia conseguir antigamente, por causa do embargo. Ela convidou duzentos de seus amigos mais íntimos, mais o imperador do Japão e a mulher dele, já que eles estavam na cidade para uma conferência de comércio mundial.

É por isso que estou tendo que usar sapatilhas. Grandmère diz que é falta de educação ser mais alta do que um imperador.

8:00 — 11:00 da noite — Converso polidamente com a imperatriz enquanto comemos.

Como eu, ela era apenas uma pessoa normal até o dia em que se casou com o imperador e passou a fazer parte da realeza. Eu, claro, nasci na realeza. Eu só não sabia

disso até setembro, quando meu pai descobriu que não podia mais ter filhos, devido ao fato de a quimioterapia para câncer no testículo tê-lo deixado estéril. Então ele teve de admitir que era na verdade um príncipe e tudo o mais, e que embora eu seja

“ilegítima”, já que meu pai e minha mãe nunca se casaram, ainda sou a única herdeira do trono de Genovia.

E ainda que Genovia seja um país muito pequeno (população 50.000), empoleirado numa encosta do Mediterrâneo entre a Itália e a França, ainda assim é uma grande responsabilidade ser princesa dele.

Parece que não é grande o suficiente para alguém aumentar minha mesada para mais de dez dólares por semana. Mas é grande o suficiente para que eu tenha que ter um guarda-costas me seguindo por todos os lugares, no caso de algum terroristazinho europeu, usando calças de couro pretas e rabo de cavalo, enfiar na cabeça a idéia de me seqüestrar.

A imperatriz sabe tudo a esse respeito — quer dizer, a droga que é ser apenas uma pessoa normal num dia e depois no outro ter seu rosto na capa da revista *People*. Ela até me deu uns conselhos. Disse que eu devia sempre me certificar de que meu quimono está bem amarrado antes de levantar o braço para saudar o povão.

Eu agradeci a ela, mesmo não tendo um quimono.

1:30 da noite — Estou tão cansada por ter me levantado tão cedo para ir a Long Island que bocejei duas vezes na cara da imperatriz. Tentei evitar esses bocejos do jeito que Grandmère me ensinou, trincando os dentes e me recusando a abrir a boca. Mas isso só

faz meus olhos se encherem de água, e o resto de meu rosto se esticar como se eu estivesse me arrastando através de um buraco negro. Grandmère me lança um olhar mau por cima da salada de peras e nozes, mas não adianta. Mesmo seu olhar malévolo não consegue me tirar de meu estado de extrema sonolência.

Finalmente, meu pai nota e me concede um alívio real na sobremesa. Lars me leva de carro para o apartamento. Grandmère está claramente aborrecida porque estou indo embora antes de servirem os queijos. Mas é isso ou desmaiar no *fromage bleu*. Eu sei que no fim das contas Grandmère vai dar o troco, indubitavelmente, tipo me forçando a aprender os nomes de cada membro da família real sueca, ou algo igualmente atroz.

Grandmère sempre faz o que quer.

Meia-noite — Depois de um longo e cansativo dia dando graças aos fundadores de nossa nação — aqueles genocidas hipócritas conhecidos como Pioneiros — eu finalmente vou para a cama.

E isso conclui o Dia de Ação de Graças de Mia Thermopolis.

19

Sábado, 6 de dezembro

Acabada.

Isso é o que a minha vida está. A-C-A-B-A-D-A.

Sei que já disse isso antes, mas desta vez estou falando muito sério.

E por quê? Por que DESTA VEZ? Surpreendentemente, não é porque: Há três meses, descobri que sou a herdeira do trono de um pequeno país europeu, e que no fim deste mês vou ter que ir ao supracitado pequeno país europeu e ser formalmente apresentada pela primeira vez ao povo sobre o qual um dia eu reinarei, e que indubitavelmente me odiará porque, dado o fato de que meus sapatos favoritos são minhas botas de combate e meu programa de TV favorito é Baywatch, eu não faço muito o tipo princesa-real.

Ou porque:

Minha mãe, que está esperando um filho do meu professor de álgebra dentro de aproximadamente sete meses, recentemente fugiu com o supracitado professor de álgebra.

Ou nem mesmo porque:

Na escola eles estão nos entupindo com tanto dever de casa — e depois da escola, Grandmère está me torturando tão interminavelmente com toda essa coisa de ser princesa que eu tenho que ter aprendido até o Natal — que eu nem mesmo fui capaz de manter esse diário atualizado, sem falar em todas as outras coisas.

Oh, não. Não é por causa de nada disso. Por que minha vida está acabada?

Porque arranjei um namorado.

Aos quatorze anos de idade, acho que já era hora. Quer dizer, todas as minhas amigas têm namorados. Todas elas, até Lilly, que culpa o gênero masculino por muitos, se não todos, os males da sociedade.

E tudo bem, o namorado de Lilly é Boris Pelkowsky, que deve, com a idade de quinze anos, ser um dos maiores virtuoses de violino da nação, mas isso não quer dizer que ele não enfie seu suéter dentro das calças ou que não tenha restos de comida grudados no aparelho com muita freqüência. Não é exatamente o que eu chamaria de uma peça ideal para se namorar, mas parece que Lilly gosta dele, e isso é o que importa.

Eu acho.

Tenho que admitir, se Lilly — possivelmente a pessoa mais exigente deste planeta (e eu devo saber, já que sou sua melhor amiga desde o jardim de infância) — arranja um namorado e eu ainda não tenho um, começo a pensar que tem alguma coisa muito errada comigo. Além do gigantismo e daquilo que os pais de Lilly, os drs. Moscovitz, que são psiquiatras, chamam de minha inabilidade para verbalizar minha raiva interior.

E então, um dia, de repente, eu arranjo um. Um namorado, quer dizer.

Bem, certo, não de repente. Kenny começou a me mandar todas aquelas cartas anônimas de amor. Eu não sabia que era ele. Eu meio que pensei (tudo bem, quis) que fosse outro que estivesse mandando as cartas. Mas, no fim das contas, acabou sendo Kenny. E aí eu já tinha entrado muito fundo, de verdade, para sair fora. Então, *voilà*! Eu arranjei um namorado.

Problema resolvido, certo?

Não. Não mesmo.

E não é que eu não goste de Kenny. Eu gosto. Gosto mesmo. Nós temos muitas coisas em comum. Por exemplo, nós dois apreciamos o valor não apenas da forma humana, mas de as formas de vida, e nos recusamos a dissecar fetos de porco e sapos nas aulas de biologia. Em vez disso, estamos escrevendo redações sobre os ciclos da vida de vários vermes e larvas de comida.

E nós dois gostamos de ficção científica. Kenny sabe muito mais de ficção do que eu, mas ficou muito impressionado até agora com a extensão da minha familiaridade com os trabalhos de Robert A. Heinein e Isaac Asimov, ambos autores que fomos forçados a ler na escola (embora ele não pareça se lembrar disso).

Eu não contei a Kenny que na verdade acho a maior parte da ficção científica um saco, já que parece conter muito poucas mulheres.

Há muitos personagens de garotas na animação japonesa, de que Kenny também gosta bastante. Ele decidiu devotar sua vida à promoção disso (quando não está ocupado tentando descobrir a cura do câncer). Eu notei que muitas das garotas na animação japonesa parecem ter colocado o sutiã no lugar errado.

Além do mais, eu realmente acho que deve ser sinistro um piloto de guerra ter um monte de cabelos longos flutuando em torno do *cockpit* enquanto está atirando contra as forças do mal.

Mas, como disse, não mencionei nada disso ao Kenny. E geralmente nós ficamos bem juntos, nos divertimos juntos. E de certa forma é muito bacana ter um namorado.

Tipo assim, não preciso me preocupar agora com a possibilidade de não ser convidada para

o Baile Inominável de Inverno da Escola Albert Einstein (chamado assim porque seu antigo nome, Baile de Natal da Escola Albert Einstein, ofendia muitos de nossos estudantes não-celebradores-do-Natal).

E por que é que não tenho que me preocupar com a possibilidade de não ser convidada para o maior baile do ano letivo, com exceção do baile de formatura?

Porque vou com Kenny.

Bom, tudo bem, ele ainda não me convidou exatamente, mas ele vai convidar.

Porque é meu namorado.

Isso não é demais? Às vezes acho que devo ser a garota mais sortuda do mundo.

Quer dizer, falando sério. Pense nisso: eu posso não ser bonita, mas não sou grosseiramente desfigurada; moro em Nova York, o lugar mais maneiro do planeta; sou uma princesa; tenho um namorado. O que mais poderia uma garota querer?

Oh, Deus.

A QUEM EU ESTOU ENGANANDO?????

Esse meu namorado? Aqui está o grande lance:

EU NEM GOSTO DELE.

Bom, tudo bem, não é que eu não goste dele. Mas essa coisa de namorado, sei lá.

Kenny é um cara bem legal e tudo — não me interprete mal. Quer dizer, ele é engraçado e não é chato, com certeza. E ele é bem gato, sabe, um tipo alto e magro.

Só que quando eu vejo Kenny andando pelo corredor, meu coração não começa a bater mais rápido, da maneira que os corações das garotas começam a bater mais rápido naqueles romances de adolescentes que minha amiga Tina Hakim Baba está sempre lendo.

E quando Kenny pega minha mão, no cinema, ou onde for, não é como se minha mão ficasse toda latejando na dele, do jeito que as mãos das garotas ficam naqueles livros.

E quando ele me beija? Aqueles fogos de artifício de que as pessoas sempre falam?

Esqueça. Nada de fogos de artifício. Zero. Nada.

É engraçado, porque antes de eu ter um namorado, eu costumava passar muito tempo tentando descobrir como arranjar um e, quando consegui arranjar, em como fazer com que ele me beijasse.

Mas agora que eu realmente tenho um namorado, o que eu faço quase o tempo todo é tentar encontrar maneiras de escapar do beijo dele.

Um jeito que descobri que funciona quase sempre é a virada de cabeça. Se eu noto que os lábios dele estão vindo na minha direção, eu simplesmente viro minha cabeça no último minuto, aí tudo o que ele consegue alcançar é o meu rosto, e talvez um pouco de cabelo.

Acho que o pior é que, quando Kenny olha profundamente dentro de meus olhos —coisa que ele faz muito — e me pergunta sobre o que estou pensando, normalmente estou pensando nessa certa pessoa.

E essa pessoa não é Kenny. Não é Kenny mesmo. Éo irmão mais velho de Lilly, Michael Moscovitz, a quem eu amo desde, oh, não sei, MINHA VIDA INTEIRA.

Mas espera aí, que ainda não acabou. Vai ficar pior.

Porque agora parece que todo mundo considera a mim e Kenny como o Um Só.

Sabe? Agora nós somos Kenny-e-Mia. Agora, em vez de sermos Lilly e eu saindo juntas no sábado à noite, somos Lilly-e-Boris e Kenny-e-Mia. Às vezes minha amiga Tina Hakim Baba e o namorado dela, Dave Farouq El-Abar, e minha outra amiga Shameeka

Taylor e o namorado dela, Daryl Gardner, juntam-se a nós, virando Lilly-e-Boris e Kenny-e-Mia e Tina-e-Dave e Shameeka-e-Daryl.

Então, se Kenny e eu terminarmos, com quem vou sair no sábado à noite? Quer dizer, falando sério. Lilly-e-Boris e Tina-e-Dave e Shameeka-e-Daryl não vão simplesmente levar a Mia junto. Vou ficar tipo segurando vela.

Sem contar que, se Kenny e eu terminarmos, com quem eu vou ao Baile Inominável de Inverno? Quer dizer, se é que ele vai mesmo me convidar.

Oh, Deus, eu tenho que ir agora. Lilly-e-Boris e Tina-e-Dave e Kenny-e-Mia devem ir esquiar no gelo no Rockefeller Center.

Tudo o que posso dizer é, tome cuidado com os seus desejos. Eles podem acabar se tornando realidade.

26

Sábado, 6 de dezembro, 11 da

noite

Achei que minha vida estava acabada porque agora eu tenho um namorado e não gosto dele de verdade e tenho que terminar com ele sem ferir seus sentimentos, o que é, eu acho, provavelmente impossível.

Deus, eu não sabia como a minha vida poderia estar realmente acabada.

Não até hoje à noite, pelo menos.

Hoje à noite, Lilly-e-Boris e Tina-e-Dave e Mia-e-Kenny se juntaram a um novo casal, Michael-e-Judith.

É isso aí: Michael, o irmão de Lilly, apareceu no rinque de patinação no gelo e levou com ele a presidente do Clube do Computador — do qual ele é tesoureiro —Judith Gershner.

Judith Gershner, como Michael irmão de Lilly, é veterana na Escola Albert Einstein.

Judith Gershner, como Michael, está no rol de honra.

Judith Gershner, como Michael, provavelmente vai entrar em qualquer universidade na qual ela se inscreva, porque Judith Gershner, como Michael, é brilhante.

De fato, Judith Gershner, como Michael, ganhou um prêmio no ano passado na Feira Anual Biomédica e Tecnológica da Escola Albert Einstein por seu projeto de ciência, no qual ela clonou de verdade uma mosca de fruta.

Ela clonou uma mosca de frut a. Em casa. No *quarto* dela.

27

Judith Gershner sabe como clonar moscas de fruta no quarto. E eu? Não consigo nem multiplicar frações.

Hmmm. Ai, meu Deus, eu não sei. Se você fosse Michael Moscovitz — sabe, um aluno totalmente A que já passou para a Columbia por antecipação —, com quem você ia preferir sair? Uma garota que consegue clonar moscas de fruta no quarto ou uma garota caloura que está levando D em Álgebra, apesar do fato de *sua mãe ser casada com o professor de Álgebra*?

Não que seja impossível Michael me convidar pra sair. Quer dizer, tenho que admitir, houve umas duas vezes em que eu pensei que ele ia. Mas isso foi claramente apenas um desejo de minha parte. Quer dizer, por que um cara como Michael, que vai realmente bem na escola e provavelmente vai se distinguir em qualquer carreira que resolva seguir, chamaria para sair uma garota como eu, que estaria reprovada agora no primeiro ano se não fosse por todas aquelas aulas de reposição com o sr. Gianini e, ironicamente, com o próprio Michael?

Mas Michael e Judith Gershner, por outro lado, são perfeitos um para o outro. Judith até se parece com ele, um pouco. Quer dizer, os dois têm os mesmos cabelos pretos ondulados e a pele branca de ficarem fechados o tempo todo, pesquisando coisas sobre genomas na Internet.

Mas se Michael e Judith Gershner combinam tanto, como é que, quando eu os vi pela primeira vez andando na nossa direção enquanto estávamos amarrando nossos patins alugados, eu tive essa sensação tão ruim por dentro?

Quer dizer, não tenho absolutamente nenhum direito de sentir inveja do fato de que Michael Moscovitz convidou Judith Gershner para ir patinar com ele. Absolutamente nenhum direito mesmo.

A não ser pelo fato de que, quando eu os vi juntos pela primeira vez, fiquei chocada.

Quer dizer, Michael mal sai do quarto, por conta de estar sempre no computador fazendo a manutenção do seu e-zine, o *Crackhead*. O último lugar onde eu jamais

esperaria vê-lo era no rinque de patinação no gelo do Rockefeller Center durante o auge da histeria de iluminação-de-árvore-de-Natal. Michael geralmente evita lugares que ele considera armadilhas turísticas, o que inclui qualquer lugar ao norte da Bleecker Street.

Mas ali estava ele, e ali estava Judith Gershner, com seu macacão, seus Rockports e sua capa de esqui, tagarelando com ele sobre alguma coisa — provavelmente alguma coisa muito inteligente, tipo DNA.

Eu cutuquei Lilly de lado — ela estava amarrando os patins — e disse, nessa voz que espero não ter mostrado o que eu estava sentindo por dentro: “Olha aí o seu irmão.”

E Lilly nem ficou surpresa de vê-lo! Ela olhou para cima, viu Michael e respondeu:

“Ah, é. Ele disse que talvez fosse aparecer.”

Aparecer com uma *garota*? Será que ele mencionou *isso*? E teria sido muito difícil para você, Lilly, ter me contado isso antecipadamente, para que eu pudesse ter tempo de fazer uma pequena preparação mental?

Só que Lilly não sabe o que sinto pelo irmão dela, então acho que nunca ocorreria a ela gentilmente me dar um toque.

Aqui está a maneira sutil com a qual lidei com a situação. Foi totalmente tranqüilo (NÃO).

Enquanto Michael e Judith estavam procurando um lugar para colocar seus patins: 29

EU:

(casualmente, para Lilly) Não sabia que seu irmão e Judith Gershner estavam namorando.

Lilly:

(chateada por alguma razão) Por favor. Eles não estão namorando. Ela só estava lá em casa, trabalhando com Michael em algum projeto para aquele estúpido Clube do Computador. Eles ouviram dizer que íamos todos patinar, e Judith disse que queria vir também.

Eu:

Bem, para mim isso parece mostrar que eles estão saindo juntos.

Lilly:

E daí? Bons, será que você precisa *respirar* em cima de mim o tempo todo?

Eu:

(para Michael e Judith enquanto eles andavam até nós) Oi, e aí, galera?

Michael, eu não sabia que você sabia patinar.

Michael: (dando de ombros) Eu já participei de um time de hóquei.

Lilly:

(resfolegando) É, o Pee Wee Hockey. Foi antes de ele decidir que esportes em equipe eram uma perda de tempo porque o sucesso do time era ditado pelo desempenho de todos os jogadores como um todo, ao

contrário de esportes determinados por *performances* individuais, como tênis e golfe.

Michael: Lilly, você nunca cala a boca?

Judith:

Eu adoro patinar no gelo! Embora não seja muito boa nisso.

E certamente não é. Judith é uma patinadora tão ruim que teve de segurar as duas mãos de Michael enquanto ele patinava de costas na

frente dela, só para evitar que caísse de cara no chão. Não sei o que me esparatou mais: que Michael consiga patinar de costas, ou que ele não parecesse se importar por ter que rebocar Judith em volta do rinque. Quer dizer, posso não ser capaz de clonar uma mosca de fruta, mas pelo menos consigo ficar de pé sem ajuda num par de patins de gelo.

Kenny, entretanto, parecia realmente pensar que o método de patinação de Michael e Judith era melhor do que esquiar da maneira tradicional — sabe, sozinho —, então ele ficava vindo e tentando fazer com que eu o deixasse me rebocar pelo mesmo caminho por que Michael estava rebocando Judith.

E mesmo que eu ficasse tipo “Pô, Kenny, eu sei patinar”, ele disse que a questão não era essa. Finalmente, depois de ele ter me atazanado por mais ou menos meia hora, eu desisti e deixei-o segurar minhas duas mãos enquanto ele patinava na minha frente, de costas.

O problema é que Kenny não é muito bom em patinar de costas. Eu consigo patinar para a frente, mas não sou boa o suficiente nisso a ponto de, se alguém ficar se balançando na minha frente, conseguir evitar uma batida, se ele cair.

E foi exatamente o que aconteceu. Kenny caiu e eu não consegui parar, então eu bati nele, meu queixo bateu no joelho dele, eu mordi a língua e minha boca se encheu de sangue e eu não quis engolir, então cuspi. Só que infelizmente aquilo tudo caiu em cima do *jeans* de Kenny e no gelo, o que claramente impressionou todos os turistas que estavam parados em torno das grades do rinque, tirando fotos de seus amados em frente à enorme árvore de Natal do Rockefeller Center — todos eles se viraram e começaram a tirar fotos da garota cuspindo sangue no gelo, um momento verdadeiramente nova-iorquino.

E aí Iars chegou *arrasando* — ele é campeão de patinação no gelo, graças a sua educação nórdica; um contraste e tanto com seu treinamento de guarda-costas no coração do deserto de Gobi —, me pegou, olhou para a minha língua, me deu seu lenço, me disse para manter pressão no machucado e então falou: “Já basta de patinação por esta noite.”

E foi isso. Agora eu estou com esse buraco sangrento na ponta da minha língua, e dói falar, e eu fiquei totalmente humilhada na frente de milhões de turistas que tinham vindo olhar aquela árvore idiota naquele Rockefeller Center idiota, isso sem falar dos meus amigos e, pior que tudo, na frente de judith Gershner que também foi aceita por antecipação na Columbia (ótimo, a mesma

universidade para onde Michael vai no outono), onde ela fará medicina, e me avisou que eu devia ir ao hospital, já que parecia provável que eu poderia precisar de pontos. Em minha *língua*. Tive sorte, disse ela, porque não arranquei a ponta.

Sorte!

Então tá, eu vou te dizer como eu sou sortuda: sou tão sortuda que enquanto eu fico deitada aqui na cama escrevendo isso, sem ninguém além de meu gato de onze quilos, Fat Louie, para me fazer comparahia (e Fat Louie só gosta de mim porque eu dou comida para ele), o garoto por quem sou apaixonada desde sempre está lá na cidade bem agora com uma garota que sabe clonar moscas de fruta e sabe dizer se feridas precisam de pontos ou não.

Uma coisa boa sobre essa língua, entretanto: se Kenny estava pensando em tentar um beijo de língua, nós não podemos mesmo, até cicatrizar. E de acordo com o dr. Fung

— que minha mãe cha-

mou assim que Lars me trouxe para casa — isso pode levar qualquer coisa entre três e dez dias.

Beleza!

DEZ COISAS QUE ODEIO NA ESTAÇÃO

DE FESTAS EM NOVA YORK

1. Turistas que vêm de fora da cidade em seus veículos utilitários gigantes e tentam atropelar você sobre a faixa de pedestres, pensando que estão dirigindo como nova-iorquinos agressivos. Na verdade, estão dirigindo como débeis mentais.

Além disso, já há poluição suficiente nesta cidade. Por que eles não podem simplesmente usar o transporte público, como pessoas normais?

2. A árvore idiota do Rockefeller Center. Eles me pediram para ser a pessoa que aperta o botão para acendê-la este ano, já que sou considerada “Realeza de Nova York” pela imprensa, mas quando eu disse a eles que cortar árvores contribui para a destruição da camada de ozônio, eles cancelaram o convite e pediram ao prefeito para fazer isso no meu lugar.

3. Canções de Natal idiotas berrando para fora de todas as lojas.

4. Patinações no gelo idiotas com garotos idiotas que pensam que podem patinar de costas quando não podem.

5. Pressão para comprar presentes “significativos” idiotas para todo mundo que você conhece.

6. Provas finais.

7. A droga do mau tempo de Nova York. Nada de neve, só chuva molhada e fria, todo santo dia. O que foi que aconteceu com o Natal branco? Vou dizer a você: aquecimento global. Sabe por quê? Porque todo mundo fica dirigindo utilitários e cortando árvores!

8. Especiais de Natal idiotas e manipuladores na TV.

9. Comerciais de Natal idiotas e manipuladores na TV.

10. Tradição do beijo debaixo do visco. Essa coisa devia ser proscrita. Nas mãos de garotos adolescentes, se torna uma desculpa socialmente aprovada para pedir beijos. Isso é assédio sexual, se quiser saber minha opinião.

Além do mais quem faz isso são só os garotos errados.

34

Domingo, 7 de dezembro

Acabei de voltar do jantar com Grandmère. Todos os meus esforços para me livrar de ir lá — até a observação de que estou realmente sofrendo com uma língua perfurada

— foram em vão.

E este jantar foi ainda pior do que o normal. Isto porque Grandmère queria repassar meu itinerário de viagem para Genovia, que, por sinal, é esse: *Domingo, 21 de dezembro*

3 da tarde

Chegada em Genovia

3:30— 5:00 da tarde

Encontrar e saudar o staff do palácio

5:00—7 da noite

Tour do palácio

7:00— 8:00 da noite

Mudar de roupa para jantar

8:00—11:00 da noite

Jantar com os dignitários genovianos

35

Segunda-feira, 22 de dezembro

8:00 — 9:30 da manhã

Café da manhã com oficiais genovianos

10:00 —11:30 da manhã

Tour pelas escolas públicas genovianas

12:00 — 1:00 da tarde

Encontro com estudantes genovianos

1:30 — 3:00 da tarde

Almoço com membros da Associação de Professores Genovianos 3:30 — 4:00 da tarde

Tour no Porto de Genovia e cruzeiro naval genoviano (no *Prince Phillipe*) 5:00 —6:00 da tarde

Tour pelo Hospital Geral genoviano

6:00 — 7:00 da noite

Visitar pacientes do hospital

7:00 — 8:00 da noite

Trocar de roupa para o jantar

8:00 — 11:00 da noite

Jantar com a princesa viúva, o príncipe e conselheiros militares genovianos 36

Terça-feira, 23 de dezembro

8:00 — 9:00 da manhã

Café da manhã com membros da Associação Genoviana de Plantadores de Oliveiras 10:00 — 11:00 da manhã

Cerimônia de iluminação da Árvore de Natal, no pátio do Palácio de Genovia 11:30 — 1:00 da tarde

Encontro com a Sociedade Histórica Genoviana

1:00 —3:00 da tarde

Almoço com a Comissão Genoviana de Turismo

3:30 —5:30 da tarde

Tour pelo Museu Nacional Genoviano de Arte

6:00 — 7:00 da noite

Visita ao Memorial Genoviano dos Veteranos de Guerra, colocar flores no túmulo do Soldado Desconhecido

7:30 — 8:30 da noite

Trocar de roupa para o jantar

8:30 — 11:30 da noite

Jantar com a Família Real de Mônaco

E por aí vai.

Tudo isso culmina com minha aparição no pronunciamento anual de meu pai, transmitido em cadeia nacional ao povo de Genovia na véspera de Natal, durante o qual ele vai me apresentar às massas. Então espera-se que eu faça um discurso sobre como estou animada com o fato de ser herdeira de papai, e como prometo tentar fazer o melhor trabalho possível, como ele fez, liderando Genovia na virada do século XXI.

Nervosa? Eu? Como fato de ir à TV e prometer a cinqüenta mil pessoas que não vou abandonar o país deles?

Nããão. Não eu.

Eu só tenho vontade de vomitar toda vez que penso nisso, só isso.

Não importa. Não que eu tenha pensado que minha viagem para Genovia ia ser como ir à Disneylândia, mas mesmo assim. Qualquer um acharia que eles iam programar *alguns* momentos de diversão. Não estou nem mesmo pedindo uma Cavalgada Maluca do Mr. Toad. Só, tipo assim, natação ou cavalgada.

Mas aparentemente não há tempo para diversão em Genovia.

Como se planejar meu itinerário já não fosse ruim o suficiente, eu também tive de encontrar meu primo Sebastiano. Sebastiano Grimaldi é o filho da filha da irmã do avô de meu pai. O que eu acho que na verdade o torna meu primo umas duas vezes afastado.

Mas não afastado o suficiente já que, se não fosse por mim, ele estaria herdando o trono de Genovia.

Sério. Se meu pai tivesse morrido sem jamais ter tido um filho, Sebastiano seria o próximo príncipe de Genovia.

Talvez seja por isso que meu pai, cada vez que olha para Sebastiano, tem essa tremedeira enorme.

Ou talvez seja só porque meu pai sente por Sebastiano o que sin-

to por meu primo Hank: gosto dele em teoria, mas na prática ele meio que me enche.

Sebastiano não enche Grandmère, no entanto. Dá até para dizer que Grandmère simplesmente o adora. O que é realmente estranho, porque sempre achei que Grandmère fosse incapaz de amar qualquer pessoa. Bem, com exceção de Rommel, seu *poodle* número zero.

Mas qualquer pessoa pode ver que ela adora Sebastiano. Quando ela o apresentou a mim, e ele fez uma saudação com aquele grande floreio e beijou o ar sobre minha mão, Grandmère estava praticamente rindo debaixo de seu turbante de seda rosa. De verdade.

Eu nunca vi Grandmère rir abertamente antes. Sorrir levemente, muitas vezes. Mas rir, nunca.

Talvez seja por isso que meu pai começou a mastigar o gelo do uísque com soda de um jeito muito irritante. O sorriso de Grandmère desapareceu imediatamente quando ela ouviu aquela mastigação toda.

— Se você quer mastigar gelo, Phillipe — Grandmère disse, friamente —, você pode ir e jantar no McDonald‟s com o resto do proletariado.

Meu pai parou de mastigar o gelo.

Acontece que Grandmère trouxe Sebastiano de Genovia para que ele pudesse desenhar meu vestido para a apresentação em rede nacional aos meus conterrâneos.

Sebastiano é um estilista de moda muito promissor — pelo menos é o que diz Grandmère. Ela diz que é importante que Genovia apóie seus artistas e artesãos, ou eles vão todos acabar escapando para Nova York, ou, ainda pior Los Angeles.

O que é muito ruim para Sebastiano, já que ele parece o tipo que poderia realmente gostar de viver em L.A. Ele é trintão, com cabelos

longos escuros amarrados num rabo de cavalo, e é todo grande e cheguei. Como por exemplo, hoje à noite, em vez de uma gravata, Sebastiano estava usando um laço de seda branca. E também um casaco de veludo azul com calças de couro.

Estou totalmente disposta a perdoar Sebastiano pelas calças de couro se ele me desenhar um vestido que seja bem legal. Um vestido que fizesse Michael Moscovitz esquecer Judith Gershner e suas moscas de fruta e

encher a cabeça dele com nada mais além de pensamentos sobre mim, Mia Thermopolis.

Só que as chances de Michael me ver com esse vestido são muito pequenas, claro, já que minha apresentação ao povo genoviano vai ser transmitida apenas pela televisão genoviana, e não pela CNN ou qualquer coisa assim.

Além do mais, Sebastiano parecia pronto para encarar o desafio. Depois do jantar, ele até tirou uma caneta e começou a rabiscar — bem na toalha de mesa branca! — um desenho que ele achou que podia acentuar o que chamou de minha cintura fina e longas pernas.

Só que, ao contrário de meu pai, que nasceu e foi criado em Genovia mas fala inglês fluente, Sebastiano não tem um real preparo para compreensão da língua. Ele fica esquecendo as últimas sílabas das palavras. Então cintura vira "cintu". Exatamente como café vira "caf" e, quando ele descreve alguma coisa como mágico, sai como

"magic".

Todos os meus esforços para não rir dele não fizeram nenhum bem, entretanto, já que Grandmère me pegou e, levantando uma de suas sobrancelhas pintadas, começou:

"Amelia, seja educada, não ache graça dos hábitos idiomáticos de outras pessoas. Os seus estão bem longe de ser perfeitos."

O que certamente é verdade, considerando o fato de que, com minha língua inchada, eu não consigo pronunciar qualquer palavra que comece com *s*.

Não apenas Grandmère realmente não ligou para o fato de Sebastiano dizer “caf” à mesa de jantar, como também não ligou para o fato de ele desenhar na toalha de mesa.

Ela baixou os olhos para seu rascunho e disse: “Brilhante. Simplesmente Brilhante.

Como sempre.”

Sebastiano pareceu muito satisfeito. “Você acha mesmo?”, perguntou ele.

Só que eu não achei que seu rascunho era tão brilhante. Ele parecia simplesmente um vestido normal para mim. Certamente nada que fizesse alguém esquecer o fato de que eu estou tão pronta para clonar uma mosca de fruta como para usar produtos de cabelo testados em animais.

“Hmm”, disse eu. “Não poderia ser um pouco mais... sei lá... sexy?”

Grandmère e Sebastiano trocaram olhares. “Sexy?”, Grandmère ecoou, com um sorriso maldoso. “Como? Fazendo-o mais decotado? Mas você ainda não tem nada aí para mostrar!”

Agora, falando sério. Eu esperaria ouvir esse tipo de coisa das animadoras de torcida na escola, que haviam feito do ato de humilhar as outras pessoas — especialmente eu —um novo tipo de esporte olímpico. Mas que tipo de pessoa diz coisas como essa para sua

única neta? Eu estava querendo dizer, claro, uma fenda lateral, ou talvez umas franjas.

Não estava pedindo nada tipo Jennifer Lopez.

Mas acredite que Grandmère achou que era alguma coisa assim. Por que eu tenho que ser amaldiçoada com uma avó que raspa as sobrancelhas e parece gostar de fazer graça das minhas imperfeições?

Por que eu não posso ter uma avó normal, que me asse biscoitos e não consiga parar de alardear para as amigas no clube de *bridge* o quanto eu sou maravilhosa?

Foi enquanto Grandmère e Sebastiano estavam cacarejando sobre esta grande piada às minhas custas que meu pai abruptamente se levantou e saiu da mesa, dizendo que tinha de dar um telefonema. Suponho que seja cada um por si quando se trata de Grandmère, mas qualquer um esperaria que meu próprio pai me defendesse pelo menos de vez em quando.

Sei lá, talvez eu estivesse me sentindo estranha com aquele buraco enorme na minha língua (que nem mesmo tem um *piercing* hipoalergênico para que eu possa fingir ter feito aquilo só para ser contestadora). Eu me sentei ali escutando a conversa de Grandmère e Sebastiano sobre como era patético o fato de que eu nunca seria capaz de usar um tomara-que-caia, a menos que algum milagre da natureza ocorresse durante a noite e me inchasse de um tamanho 32A para um 34C, e eu não pude deixar de pensar que provavelmente, dada a minha sorte, vai acabar se revelando que Sebastiano não está na cidade só para me desenhar um vestido para minha

apresentação real, mas para me matar a fim de que ele possa assumir ele mesmo o trono de Genovia.

Ou, como Sebastiano diria, “ass” o trono.

Falando sério. Esse tipo de coisa acontece em *Baywatch* toda hora. Você não ia acreditar no número de membros da família real que Mitch já teve que salvar de ser assassinado.

Tipo assim, supondo que eu coloque o vestido que Sebastiano desenhou para eu usar quando for apresentada ao povo de Genovia, e ele termine me espremendo até a morte, exatamente como aquele

espartilho que a Branca de Neve coloca na versão original da história, dos irmãos Grimm. Sabe, a parte que eles deixaram de fora do filme da Disney porque era muito nojenta.

Enfim, e se o vestido me espremer até a morte, e então eu estiver deitada em meu caixão, parecendo totalmente pálida e com ar de rainha, e Michael vier ao meu funeral e termine dando uma olhada em mim e não se dê conta até exatamente aquele instante que ele sempre me amou?

Então ele *terá* que terminar com Judith Gershner.

Aí. Isso podia acontecer.

Tudo bem, provavelmente não, mas pensar sobre isso era melhor do que escutar Grandmère e Sebastiano falarem sobre mim como se eu nem estivesse ali. Falando sério. Fui despertada de minha pequena e prazerosa fantasia

sobre Michael se consumindo por mim o resto da vida pela frase do Sebastiano: “Ela tem uma boa estrutura óssea,” Quando me dei conta de que era eu a *ela* a que ele estava se referindo, tomei como um elogio a frase sobre minha estrutura óssea.

Um segundo depois já não era mais um elogio quando ele continuou: “Eu coloco maquiagem nela para ela parecer uma mod.”

Sugerindo que eu não pareço uma modelo sem maquiagem (embora eu não pareça mesmo).

Grandmère certamente não ia partir em minha defesa, entretanto. Ela estava alimentando Rommel em seu colo, com restos de sua vitela marsala. O cachorro estava tremendo como sempre, já que todo o seu pêlo havia caído devido a alergias caninas.

“Eu não acho que o pai dela deixaria”, disse ela a Sebastiano. “Phillipe é exageradamente antiquado.”

O roto rindo do esfarrapado! Quer dizer, Grandmère ainda acha que gatos ficam por aí tentando sufocar seus donos enquanto eles estão dormindo. Sério. Ela vive tentando me convencer a dar Fat Louie para alguém.

Então, enquanto Grandmère estava falando sobre como o filho dela é antiquado, eu me levantei e me juntei a ele no terraço.

Ele estava checando as mensagens no celular. Estarão esperando por ele para jogar raquetebol amanhã com o primeiro ministro da França, que está na cidade para a mesma conferência que o imperador do Japão.

“Mia”, disse ele, quando me viu. “O que você está fazendo aqui fora? Está congelando. Volte lá para dentro.”

“Já vou, num minuto”, respondi. Fiquei ali perto dele e olhei a vista da cidade. Ela realmente inspira medo, a vista de Manhattan da cobertura do Plaza. Quer dizer, você olha para todas aquelas luzes em todas aquelas janelas e pensa que para cada luz provavelmente há pelo menos uma pessoa, ou talvez mais, talvez tipo umas dez pessoas, e isso é, bem, muito impressionante.

Eu morei em Manhattan a vida inteira. Mas ela ainda me impressiona.

Enfim, enquanto eu estava de pé ali olhando para todas aquelas luzes, subitamente me dei conta de que uma delas provavelmente pertencia a Judith Gershner. Judith estava provavelmente sentada em seu quarto nesse exato instante clonando algo novo. Um pombo, ou o que seja. Eu tive ainda outro *flashback* dela e Michael olhando para mim no chão depois que eu tinha acabado de abrir minha língua ao meio. Hmmm, deixe-me ver: garota que pode clonar coisas, ou garota que morde sua própria língua? Não sei, quem *você* escolheria?

44

Meu pai deve ter notado que algo estava errado, já que ele veio dizer: “Olha, eu sei que Sebastiano é meio demais, mas simplesmente o suporte nas próximas duas semanas. Por mim.”

“Eu não estava pensando em Sebastiano”, falei, tristemente.

Meu pai fez aquele barulho de ronco, mas não fez nenhum movimento para voltar para dentro, mesmo que estivesse fazendo uns quatro graus lá fora, e meu pai, bem, ele é completamente careca. Eu podia ver que as pontas de suas orelhas estavam ficando vermelhas de frio, mas ainda assim ele não se moveu. Ele nem mesmo estava vestindo um casaco, só outro daqueles seus ternos Armani cinza-chumbo.

Eu achei que isso era um convite suficiente para prosseguir. Você vê, geralmente meu pai não é a pessoa a quem eu vá procurar primeiro se eu tiver um problema. Não que não sejamos próximos. É só que, sabe, ele é homem.

Por outro lado, ele tem muita experiência na área de romances, então achei que ele poderia ser capaz de oferecer alguma luz a este dilema particular.

“Pai”, comecei. “O que você faz se você gosta de alguém, mas ele, assim, não sabe?”

Meu pai respondeu: “Se Kenny não sabe que você gosta dele até agora então eu temo que ele nunca vá entender a mensagem. Você não saiu com ele todos os fins de semana desde o Halloween?”

Este é o problema de ter um guarda-costas que está na folha de pagamento de seu pai: todas as suas coisas pessoais são totalmente discutidas pelas suas costas.

“Não estou falando de Kenny, pai”, falei. “É outra pessoa. Só que, como eu disse, ele não sabe que gosto dele.”

“O que há de errado com o Kenny?”, meu pai quis saber. “Eu gosto do Kenny.”

Claro que meu pai gosta do Kenny. Porque as chances de eu e Kenny jamais passarmos das preliminares são tipo nulas. Que pai não quer que sua filha adolescente namore um cara como esse?

Mas se meu pai tinha qualquer esperança séria de manter o trono genoviano nas mãos dos Renaldos, e não deixá-lo escorregar para as mãos de Sebastiano, seria melhor ele superar essa coisa do Kenny, porque eu tenho bastante certeza de que Kenny e eu não iremos procriar, de jeito nenhum. Não nesta vida, pelo menos.

“Pai”, pedi “esqueça Kenny, tá legal? Kenny e eu somos apenas amigos. Estou falando sobre outra pessoa.”

Meu pai estava olhando por cima do suporte do balcão como se quisesse cuspir. Não que ele fosse fazer isso. Não acho que fosse. “Eu conheço ele? Essa outra pessoa, quer dizer?”

Eu hesitei. Eu nunca havia realmente admitido para ninguém em voz alta que eu tinha uma queda pelo Michael. Verdade. Para ninguém. Quer dizer, para quem eu poderia contar? Lilly só ia gozar da minha cara, ou pior, contar ao Michael. E mamãe, bem, ela já tem seus próprios problemas.

“É o irmão de Lilly”, respondi rapidamente, para acabar logo com aquilo.

Meu pai pareceu preocupado. “Ele não está na faculdade?”

“Ainda não”, disse eu. “Ele vai no outono”. Quando ele ainda pareceu alarmado, eu o tranqüilizei: “Não se preocupe, pai. Eu não tenho chances. Michael é muito inteligente. Ele nunca gostaria de alguém como eu.”

Então meu pai ficou todo ofendido. Era como se ele não conseguisse descobrir como ficar, se preocupado com o fato de eu gostar de um veterano, ou com raiva de que o veterano não gostasse de mim.

“Como assim, ele nunca gostaria de alguém como você?”, perguntou meu pai. “O

que há de errado com você?”

“Pô, pai,”, argumentei, falando bem alto, “eu praticamente fui reprovada em álgebra, lembra? Michael vai para uma escola da Ivy League no outono, por merecimento. O que ele ia querer com uma garota como eu?”

Agora meu pai estava *realmente* irritado. “Você pode ter puxado sua mãe no que diz respeito a sua atitude com os números, mas você me puxou em todos os outros aspectos.”

Isso foi surpreendente de ouvir. Eu levantei o queixo e tentei acreditar naquilo.

“Sei”, disse eu.

“E você e eu, Mia, não somos pouco inteligentes”, continuou meu pai. “Se você quer esse cara, o Michael, você deve fazer com que ele saiba disso.”

“Você acha que eu devia simplesmente chegar nele e dizer tipo „aí, eu gosto de você‟”?

Meu pai sacudiu a cabeça com desgosto. “Não, não, não”, explicou, “claro que você deve ser mais sutil que isso. Faça-o saber mostrando como você se sente.”

“Oh”, respondi. Eu posso ter puxado meu pai em todos os outros aspectos exceto na matemática, mas eu não tinha idéia sobre o que ele estava falando.

“É melhor entrarmos”, finalizou ele. “Ou sua avó vai suspeitar de que estamos conspirando contra ela.”

47

Mas qual é a novidade? Grandmère está sempre suspeitando de que alguém está conspirando alguma coisa contra ela. Ela acha que os funcionários da lavanderia do Plaza estão conspirando contra ela. Ela culpa o sabão que eles usam nas roupas de cama por causa da queda de pêlo do Rommel.

Lembrando de conspirações, perguntei a meu pai: “Você acha que Sebastiano está conspirando para me matar para que ele mesmo possa subir ao trono?”

Meu pai fez um ruído estranho, mas conseguiu não cair na gargalhada. Acho que isso não teria parecido muito principesco.

“Não, Mia”, respondeu. “Não acho.”

Mas meu pai realmente não tem muita imaginação. Eu decidi ficar em alerta com Sebastiano, por via das dúvidas.

Minha mãe acabou de enfiar a cabeça na porta do meu quarto para dizer que Kenny está no telefone.

Suponho que ele queira me convidar para ir ao Baile Inominável de Inverno.

Realmente, já estava na hora.

48

Domingo, 7 de dezembro, 11 da

noite

Tudo bem, estou chocada. Kenny NÃO me convidou para o Baile Inominável de Inverno. Ao contrário, eis como foi nossa conversa:

Eu:

Alô?

Kenny:

Oi, Mia. É o Kenny.

Eu:

Ah, oi, Kenny. Qual é o problema?

Kenny parecia diferente, por isso a minha pergunta.

Kenny:

Eu só queria saber se você está bem. Quer dizer, se sua língua está bem.

Eu:

Está um pouco melhor, eu acho.

Kenny:

Porque eu fiquei preocupado de verdade. Sabe. Eu realmente, realmente não tive a intenção de...

Eu:

Kenny, eu sei. Foi só um acidente.

Foi aí que comecei a perceber que eu tinha feito a pergunta errada ao meu pai. Eu devia ter perguntado a ele qual é a melhor maneira de terminar com alguém, não qual é a melhor maneira de fazer alguém saber que você gosta dele.

Enfim, para voltar ao que Kenny disse:

49

Kenny:

Bem, eu só quis telefonar e desejar boa-noite para você. E dizer que espero que você se sinta melhor. E também para você saber... bem, Mia, que eu te amo.

Eu:

...

Eu não disse nada na hora, porque fiquei completamente LOUCA!!!! E não era assim como se tivesse acontecido de repente, porque agente está namorando, afinal de contas.

Mas mesmo assim, que tipo de cara liga para uma garota e diz no telefone “Eu te amo”??? Tirando os maníacos psicóticos esquisitos? E Kenny não é um maníaco psicótico esquisito. Ele só é Kenny. Então o que ele está

fazendo me ligando e dizendo no telefone que me ama????

E então eu, brilhante, eis o que faço. Porque ele ainda estava no telefone esperando uma resposta e tudo. Então eu digo:

Eu:

Ah, tá legal.

Ah, ta legal.

Um garoto diz que me ama e isso é o que eu respondo: “Ah, tá legal.” Ah, beleza, minha futura carreira no corpo diplomático está garantida.

Então, pobre Kenny, ele está esperando alguma outra resposta que não seja “Ah, tá legal”, como qualquer pessoa esperaria.

Mas eu sou totalmente incapaz de responder outra coisa. Em vez disso, eu falo: Eu:

Bem, a gente se vê amanhã.

50

E DESLIGO!!!!!

Oh, meu Deus, eu sou a garota mais má e mal-agradecida do mundo. Depois que Sebastiano me matar vou queimar no inferno.

Sério.

PARA FAZER ANTES DE PARTIR PARA GENOVIA

1. Lista detalhada para mamãe e o sr. G: Como cuidar de Fat Louie enquanto eu estiver fora.

2. Estocar comida e areia de gato

3. Presentes de Natal/Hannukah! Para:

Mamãe — bomba elétrica para o seio? Conferir.

Sr. G — baquetas de bateria

Papai — livro sobre vegetarianismo. Ele deve comer melhor se quiser manter seu câncer em remissão.

Lilly — o que ela sempre quer, fitas virgens para seu programa de TV

Lars —Ver se a Prada faz um coldre de ombro para a Glock dele Kenny — luvas? Alguma coisa NÃO romântica

Fat Louie — bola de erva-de-gato

Grandmère — O que você dá a uma mulher que tem tudo, incluindo um pingente de safira de 89 quilates dado a ela pelo Sultão de Brunei? Sabão de cordinha?

4. Terminar com Kenny... Só que como eu posso? Ele me AMA.

Mas não o suficiente para me convidar para o Baile Inominável de Inverno, eu reparei.

Segunda-feira, 8 de dezembro,

sala de estudos

Lilly não acredita em mim quando digo que Kenny ligou e disse que me ama.

Contei tudo a ela no carro, a caminho da escola hoje de manhã (graças a Deus Michael tinha uma consulta de dentista e não estava lá. Eu preferia morrer a discutir minha vida amorosa na frente dele. Já é ruim o suficiente ter que discuti-la na frente do meu guarda-costas. Se eu tivesse de discuti-la na frente dessa pessoa que eu venho adorando durante metade da minha vida, acho que eu ficaria completamente no limite do distúrbio de personalidade).

Foi quando Lilly falou: “Eu me recuso categoricamente a acreditar que Kenny faria algo assim.”

“Lilly”, insisti, mantendo minha voz baixa para que o motorista não ouvisse. “Estou falando muito sério. Ele me disse que me ama. *Eu te amo*. Isso foi o que ele disse. Foi completamente casual e estranho.”

“Ele provavelmente não disse isso. Ele provavelmente disse outra coisa, e você entendeu mal.”

“Ah é, o quê? Eu te *ano*?”

“Bem, claro que não”, disse Lilly. “Isso nem mesmo faz qualquer sentido.”

“Bem, então o quê? O que Kenny poderia ter dito parecido com *eu te amo*, mas não fosse *eu te amo*?”

Então Lilly ficou irada. “Sabe, você está estranha com Kenny esses dias. Desde que vocês dois começaram a

namorar, praticamente. Eu não sei o que está errado com você.

Tudo o que eu sempre ouvia antes era „Por que eu não tenho namorado? Como pode todo mundo que eu conheço ter namorado menos eu? Quando vou arranjar um namorado?‟ E agora você tem um namorado e não está gostando nem um pouco dele.”

Mesmo que ela estivesse dizendo a verdade, eu fingi que estava ofendida, porque venho tentando realmente com força não demonstrar o fato de que não estou apaixonada por Kenny.

“Isso é muita mentira”, eu disse. “Eu gosto muito do Kenny”.

“Ah, é? Acho que a verdade sobre esse assunto é que você, Mia, simplesmente não está pronta para ter um namorado.”

Cara, eu realmente vi tudo vermelho depois *desta* observação.

“Eu? Não estou pronta para ter um namorado? Você está brincando! Eu esperei a minha vida inteira para ter um namorado!”

“Bem, se isso é verdade” — Lilly estava parecendo muito superior — “por que você não deixa ele te beijar na boca?”

“Onde você ouviu *isso*?”, quis saber.

“Kenny contou a Boris, claro, que me contou.”

“Oh, ótimo”, disse eu, tentando me manter calma. “Então agora nossos namorados estão falando sobre nós pelas costas. E você é conivente com isso?”

“Claro que não”, respondeu Lilly. “Mas eu realmente acho intrigante, de um ponto de vista psicológico.”

Este é o problema de ser a melhor amiga de alguém cujos pais são psiquiatras. Tudo que você faz é interessante para eles de um ponto de vista psicológico.

“O lugar onde eu deixo qualquer pessoa me beijar”, explodi, “é problema *meu*! Não seu, e nem do Boris também.”

“Bem”, disse Lilly. “Só estou falando, se Kenny realmente disse o que você diz que ele disse — sabe, a palavra com A — então deve ser porque não pode expressar a profundidade de seus sentimentos de outra maneira. Sabe. Outra maneira que não *verbalmente*. Já que você não *deixa*, fisicamente.”

Então eu suponho que tecnicamente eu deva ficar agradecida pelo fato de Kenny ter escolhido simplesmente *dizer* as palavras eu te amo, em vez de representá-las fisicamente, o que, Deus sabe, poderia ter realmente envolvido sua língua.

Oh, Deus, eu nem quero mais pensar sobre isso.

Segunda-feira, 8 de dezembro,

sala de estudos

Acabaram de informar os horários dos exames finais. Aqui está o meu: **HORÁRIO DOS EXAMES FINAIS**

15 de dezembro

Dia de leitura

16 de dezembro

Primeiro e Segundo Tempo

Para mim, isso significa que as finais de álgebra e inglês serão no mesmo dia. Mas tudo bem. Estou indo muito bem em inglês. Bem, tirando aquela coisa de diagrama sentencial. Como se eu fosse precisar fazer *aquilo* em meu futuro papel como princesa da menor nação da Europa.

Infelizmente álgebra, me disseram, eu provavelmente precisarei saber. DROGA!

17 de dezembro

Terceiro e Quarto Tempo

Civilizações mundiais: Fácil. Quer dizer, Grandmère me contou histórias suficientes sobre a Europa pós-Segunda Guerra Mundial para eu conseguir passar em qualquer teste. Provavelmente sei mais sobre

isso do que o professor. E EF? Como você pode dar uma prova final em EF? Nós já tivemos aquele Teste de Educação Física Presidencial (Eu fiz tudo direito menos o alongamento sentada).

18 de dezembro

Quinto, Sexto e Sétimo Tempo

Superdotados e Talentosos? Não há exames aqui. Eles não dão provas finais em turmas que são basicamente grupos de estudos. Isso vai ser mole. Tenho francês no sexto tempo. Vou bem na oral, não tão maravilhosamente na escrita. Ainda bem que Tina está na mesma turma. Talvez possamos estudar juntas.

Mas eu tenho biologia no sétimo tempo. Isso não vai ser tão fácil. A única razão pela qual não estou levando pau em biologia é por causa do Kenny. Ele me passa cola na maior parte das respostas.

E se eu terminar com ele, será o fim dessa história.

19 de dezembro

Baile e Carnaval Inominável de Inverno

O Carnaval de Inverno deve ser bacana. Todos os diferentes clubes e grupos da escola vão ter barracas, com tradicionais comidas de inverno, como cidra quente. Isso será seguido à noite pelo baile ao qual espera-se que eu vá com Kenny. Se ele me convidar quer dizer.

A menos, claro, que eu faça a coisa certa e termine com ele.

E neste caso eu não poderei ir de jeito nenhum, porque você não pode ir sem namorado.

Queria que Sebastiano se apressasse e me apagasse de vez.

Segunda-feira, 8 de dezembro,

álgebra

POR QUÊ???? POR QUE eu nem consigo lembrar meu caderno de álgebra?????

PRIMEIRO — Avaliar expoentes.

SEGUNDO — Multiplicar e dividir em ordem, da esquerda para a direita.

TERCEIRO — Executar soma e subtração em ordem, da esquerda para a direita.

EXEMPLO: 2x3-15 ÷ 5 = 6-3 = 3

Oh, Deus. Lana Weinberger acabou de me passar um bilhete.

O que é agora? Isso não pode ser bom. Lana vai implicar comigo para sempre. Não me pergunte por quê. Quer dizer, eu posso até entender o ressentimento dela por mim quando Josh Richter me chamou para o Baile da Diversidade Cultural em vez dela. Mas ele só me chamou por causa dessa coisa de princesa — e eles voltaram a namorar logo depois. Além do mais, Lana me odiava muito antes disso.

Então eu abro o bilhete. Aqui está o que ele diz:

Ouvi falar sobre o que aconteceu com você no rinque de patinação este fim de semana. Acho que o namorado vai ter que esperar um pouco mais se ele quiser praticar qualquer ação lingual, hein?

Oh, meu Deus. Será que *todo mundo* na escola inteira sabe que Kenny e eu ainda não beijamos de língua?

É tudo culpa do Kenny, claro.

E depois, o que virá? A capa do *Post*?

Estou dizendo a você, se nossos pais souberem o que realmente se passa no cotidiano da típica escola americana, eles optariam totalmente pela educação caseira.

Segunda-feira, 8 de dezembro,

Civilizações Mundiais

Está claro o que tenho de fazer.

Eu sempre soube disso, claro, e se não fosse, sabe, pelo baile, eu já teria feito há mais tempo.

Mas está claro agora que eu não posso me permitir esperar até depois do baile. Eu devia ter feito isso na noite passada quando ele ligou, mas não se pode fazer uma coisa dessas por telefone. Bem, quer dizer, uma garota como Lana Weinberger provavelmente poderia, mas não eu.

Não, não acho que posso adiar ainda outro dia: tenho que terminar com Kenny.

Simplesmente não consigo mais continuar a viver esta mentira.

Ainda bem que eu realmente tenho o apoio de pelo menos uma pessoa neste plano: Tina Hakim Baba.

Eu não queria contar a ela. Não planejei contar isso a ninguém. Mas tudo meio que escapuliu hoje no banheiro das garotas entre o segundo e o terceiro tempo, enquanto Tina estava fazendo sua maquiagem nos olhos. Ela tem um trato com o guarda-costas dela, Wahim. Tina não conta aos pais dela que Wahim paquera Mademoiselle Klein, nossa professora de francês, se Wahim não contar ao sr. e à sra. Hakim Baba sobre o vício de Tina: maquiagem Maybelline.

Enfim, de repente eu simplesmente não consegui segurar mais, e terminei contando a Tina o que Kenny me disse ontem à noite no telefone... E muito mais do que isso, na verdade.

Mas primeiro a parte sobre o telefonema de Kenny:

Ao contrário de Lilly, *Tina* acreditou em mim.

Mas Tina também teve uma reação totalmente errada. Ela pensou que era ótimo.

“Oh, meu Deus, Mia, você é tão sortuda”, ela ficou dizendo. “Queria que Dave me dissesse que me ama! Quer dizer, eu sei que ele está totalmente comprometido com nosso relacionamento, mas a idéia dele de romance é me pagar batatas fritas tamanho grande no Mickey D‟s.”

Este não era bem o tipo de apoio que eu estava procurando.

“Mas Tina”, comecei. Eu sentia que Tina, com sua extensa leitura de romances, entenderia. “O negócio é que eu não amo ele.”

Tina arregalou seus olhos pintados para mim. “Não?”

“Não”, confirmei, totalmente infeliz. “Quer dizer, eu gosto muito dele, como amigo.

Mas não estou apaixonada, nem nada. Não por ele.”

“Oh, Deus”, disse Tina, estendendo a mão e agarrando meu pulso. “Tem mais alguém, não tem?”

Nós só tínhamos alguns minutos antes que o sinal tocasse. Nós duas tínhamos que entrar em sala.

E mesmo assim, por alguma razão, escolhi este momento para fazer minha grande confissão. Não sei por quê. Talvez, como eu já havia deixado escapar para o meu pai, não parecia tão difícil contar a outra pessoa, especialmente Tina. Também, não posso parar de pensar so-

bre o que meu pai falou. Sabe, sobre mostrar o que sinto ao cara de quem eu gosto.

Tina, eu senti, era a única pessoa que eu conhecia que saberia como me ajudar a fazer isso.

Então eu continuei: “É.”

Tina quase entornou sua bolsa de cosméticos, de tão excitada que ficou.

“Eu sabia!”, berrou. “Eu sabia que tinha uma razão para você não deixar ele te beijar!”

Meu queixo caiu. “*Você* também sabe disso?”

“Bem.” Tina deu de ombros. “Kenny contou a Dave, que me contou.”

Putz! Por que aquela Oprah vive reclamando de como os homens não estão em contato com suas emoções e não compartilham o suficiente? Me parece que Kenny vem compartilhando bastante nos últimos tempos para desmerecer a reticência masculina por muitos séculos.

“Então quem é ele?”, perguntou Tina, toda ansiosa enquanto fechava seu delineador e o lápis de boca. “O cara de que você gosta?”

Eu emendei: “Não importa. Além do mais, essa coisa toda é completamente inútil.

Ele tem namorada. Eu acho.”

Tina virou rapidamente a cabeça para me encarar, fazendo suas tranças finas e negras baterem em seu próprio rosto, o que é infantil, mas de uma maneira legal.

“É o Michael, não é?”, perguntou ela, agarrando meu braço novamente. Ela estava segurando tão apertado que machucou.

Meu instinto, claro, foi negar tudo. De fato, eu até abri minha boca, pronta para fazer a palavra não *sair* dela.

61

Mas aí eu fiquei tipo, por quê? Por que eu deveria negar isso para a Tina? Tina não contaria a ninguém. E Tina pode ser capaz de me ajudar.

Então em vez de dizer não, eu respirei fundo e disse: “Se você contar a alguém eu mato você, entendeu? MATO

VOCÊ."

Tina fez uma coisa estranha então. Ela deixou meu braço cair e começou a pular para cima e para baixo, em círculos.

"Eu sabia, eu sabia, eu sabia", repetia enquanto pulava. Então ela parou de pular e agarrou meu braço novamente. "Oh, Mia, eu sempre achei que vocês dois fariam o casal mais bonitinho. Quer dizer, eu gosto de Kenny e tudo, mas ele é, sabe..." Ela franziu o nariz. "Não é Michael."

Se eu tivesse achado estranho contar ao meu pai na noite passada a verdade sobre meus sentimentos por Michael, aquilo não era nada — NADA — comparado a como me senti contando a uma pessoa da minha idade. O fato de Tina não ter caído na gargalhada ou falado "aí, hein?" de uma maneira sarcástica significava mais para mim do que eu jamais teria esperado.

E o fato de que ela parecia entender — até aplaudir — meus sentimentos por Michael me fez ter vontade de jogar meus braços em torno dela e dar-lhe um grande e enorme abraço.

Só que não havia tempo para aquilo, já que o sinal estava prestes a tocar.

Em vez disso, eu falei emocionada: "Verdade? Você realmente não acha que é burrice?"

"Pô", respondeu ela. "Michael é *demais*. E *ele* é veterano."

Então ela pareceu perturbada. "Mas e Kenny? E Judith?"

“Eu sei”, disse eu, meus ombros caindo de uma maneira que teria feito Grandmère me dar um tapa atrás da cabeça se tivesse visto aquilo. “Tina, eu não sei o que fazer”.

As sobrancelhas negras de Tina se cerraram em concentração.

“Acho que li um livro onde isso aconteceu uma vez”, lembrou ela. “*Ouça o meu coração*, ele se chamava, eu acho. Se eu pudesse pelo menos lembrar como eles resolveram tudo...”

Mas antes que ela pudesse lembrar o sinal tocou. Estávamos as duas totalmente atrasadas para a aula.

Mas, se você quer saber, valeu a pena. Porque agora, pelo menos, não tenho que me preocupar sozinha. Tenho outra pessoa para se preocupar junto comigo.

Segunda-feira, 8 de dezembro,

S & T

O almoço foi um desastre.

Considerando que todo mundo na escola inteira parece saber, nos mínimos detalhes, exatamente o que eu andava fazendo — ou não fazendo — com minha língua ultimamente, acho que eu não devia ter ficado surpresa. Mas foi ainda pior do que eu podia ter imaginado.

Isso porque eu esbarrei em Michael no bufê de saladas. Eu estava criando minha pirâmide usual grão-de-bico-e-feijão-bicolor quando o vi indo na direção dos grelhados (apesar de todos os meus esforços, os dois Moscovitz continuavam teimosamente carnívoros).

Sério, tudo o que fiz foi falar “Legal” quando ele perguntou como eu estava indo.

Sabe, levando em conta como ele tinha me visto da última vez, que era jorrando sangue pela boca (que bela imagem deve ter sido. Estou tão feliz de ter sido capaz de manter uma aparência de dignidade e beleza em todas as horas na frente do homem que amo).

Enfim, aí eu perguntei a ele, só para ser educada, sabe, como foi a consulta no dentista, O que aconteceu depois não foi minha culpa.

É que Michael começou a me contar sobre como ele teve de ter essa cavidade preenchida, e que seus lábios ainda estavam dormentes por causa da novocaína. Já que eu tinha experimentado uma certa quantidade de sensação de dormência, quando tive minha língua arrancada, eu podia me identificar com isso, então eu só meio que, sabe, *olhei* para os lábios de Michael enquanto ele estava falando, o que eu jamais tinha feito antes realmente. Quer dizer, eu havia olhado para

outras partes do corpo de Michael (particularmente quando ele entra na cozinha de manhã sem camisa, como ele faz toda vez que eu durmo na casa de Lilly). Mas eu nunca havia olhado de verdade para os lábios dele. Sabe. Bem de perto.

Michael realmente tem lábios muito bonitos. Não são lábios finos, como os meus.

Não que você deva dizer isso sobre os lábios de um garoto, mas parece que os lábios de Michael, se você os beijasse, seriam muito suaves.

Foi enquanto eu estava notando isso a respeito dos lábios de Michael que a coisa horrível aconteceu: Eu estava olhando para eles, sabe, e imaginando se eles seriam suaves de se beijar, e enquanto olhava, eu meio que realmente imaginei a gente se beijando, sabe, na minha cabeça. E bem nessa hora eu tive aquela sensação quente —aquela que falam em todos os romances de Tina — e BEM ENTÃO foi quando Kenny passou para pegar seu almoço de sempre: Coca-Cola e sanduíche com sorvete.

Eu sei que Kenny não pode ler minha mente — se ele pudesse, já teria terminado comigo agora totalmente — mas talvez ele tenha tido alguma pista sobre o que eu estava pensando, e foi por isso que ele não disse *Oi* de volta quando Michael e eu dissemos “Oi” para ele.

Bem, isso e todo o resto quando eu disse “Ah, tá legal”, depois que ele disse que me amava.

Kenny deve ter percebido que alguma coisa estava acontecendo, se é que meu rosto estava qualquer coisa próximo do vermelho berrante como eu sentia que estava. Talvez seja *por isso* que ele não disse *Oi* de volta. Porque eu estava parecendo tão culpada. Eu certamente me *sentia* culpada. Quer dizer, ali estava eu, olhando para os lábios de 65

outro cara e imaginando como seria beijá-los, e meu namorado passa bem na hora.

Eu vou mesmo para o inferno das garotas más quando morrer.

Sabe o que eu queria? Queria que todo mundo *pudesse* ler meus pensamentos.

Porque então Kenny jamais teria me pedido para namorar. Ele saberia que eu não penso nele desse jeito. E Lilly não ia gozar da minha cara por não deixar Kenny me beijar. Ela saberia que a razão pela qual não deixo é que estou apaixonada por outra pessoa.

A parte ruim é que ela saberia quem é essa outra pessoa.

E que alguém provavelmente não vai mais falar comigo, porque não é nada maneiro para um veterano sair com uma caloura. Especialmente uma que não pode ir a lugar nenhum sem guarda-costas.

Além do mais, tenho quase certeza de que ele está namorando Judith Gershner, porque depois que ele saiu do *grill* foi se sentar ao lado dela.

Então as coisas estão assim.

Queda estar indo para Genovia amanhã em vez de dentro de duas semanas.

Segunda-feira, 8 de dezembro,

Francês

Apesar desse incidente desastroso no almoço, passei momentos muito Bons em Superdotados e Talentosos. Na

verdade, foi quase como nos velhos tempos. Quer dizer, antes que todos nós começássemos a namorar outras pessoas e todo mundo ficasse tão obcecado com os trabalhos internos de minha boca, e tudo isso.

A sra. Hill passou toda a aula na sala de professores do outro lado do corredor, berrando com o American Express no telefone, nos deixando livres para fazer o que normalmente fazemos durante a aula dela... o que quisermos. Por exemplo, aqueles de nós que, como o namorado de Lilly, Boris, queremos trabalhar em nossos projetos individuais (Boris está aprendendo a tocar uma nova sonata no violino dele), que é para o que supostamente serve a aula Superdotados e Talentosos, fazia isso.

Aqueles de nós, entretanto, como Lilly e eu, que não queriam trabalhar em nossos projetos individuais (o meu é estudar álgebra; o de Lilly é trabalhar no seu programa de TV a cabo), não faziam.

Isso foi especialmente satisfatório, porque Lilly havia esquecido completamente sobre toda aquela coisa do beijo entre Kenny e eu. A razão para isso é que agora ela está irada com a sra. Spears, sua professora de inglês, que arrasou sua proposta de redação final.

Foi realmente injusto da parte da sra. Spears descartar aquilo, porque era realmente muito bem pensado, e bastante criativo. Eu fiz uma cópia dela: 67

Como Sobreviver Escola Secundária

Por Lilly Moscovitz

Tendo passado os dois últimos meses trancadas nesta instituição de educação secundária comumente

conhecida como escola secundária, sinto que sou uma autoridade qualificada no assunto. De reuniões de estímulo a comunicados matutinos, tenho observado a vida na escola secundária e todas as suas complexidades. Em algum momento nos próximos quatro anos eu terei conquistado minha liberdade deste apodrecido buraco infernal, e então vou publicar meu *Guia de sobrevivência na escola secundária*, cuidadosamente compilado.

Poucos de meus colegas e amigos souberam que enquanto eles passavam por suas rotinas diárias eu estava registrando suas atividades para estudo das gerações futuras.

Com meu manual, cada estudante de passagem pelo primeiro ano na escola secundária poderá render um pouco mais. Estudantes do futuro vão aprender que a maneira de resolver suas diferenças com seus colegas não é através da violência, mas através da venda de uma peça de teatro realmente destrutiva — representando personagens baseados naqueles muito particulares que os atormentaram todos estes anos — para um grande filme de Hollywood. O que é o caminho para a verdadeira glória, e não um coquetel Molotov.

Para o prazer de sua leitura, aqui estão alguns exemplos dos tópicos que vou explorar em *Como sobreviver à escola secundária*, por Lilly Moscovitz: 68

1. Romance da Escola Secundária, ou Como Não Posso Abrir Meu Armário Porque Dois Adolescentes Hipersexuados estão Recostados Nele, Fazendo Sacanagem

2. Comida na Cantina: Podem Corndogs Serem Legalmente Listados como Produtos de Carne?

3. Como se Comunicar com os Sub-humanos que Povoam os Corredores 4. Orientadores Educacionais: Quem Eles Pensam que Estão Enganando?

5. Prosperando na Falsificação: A Arte do Passe Livre

Que tal? Agora veja o que a sra. Spears teve a dizer sobre isso: Lilly — *Sentida como estou de saber que sua experiência no que concerne à EAE*

não tem sido positiva, temo que vou ter de torná-la pior pedindo a você para descobrir outro tópico para sua redação final. Entretanto, nota A pela criatividade, como sempre.

— Sra. Spears

Dá pra acreditar nisso? Falar sobre injustiça! Lilly foi censurada! Por direito, sua proposta merecia ter trazido a administração da escola a seus joelhos. Lilly diz que ela está apavorada com o fato de que, considerando o quanto custa nossa mensalidade, este é o tipo de apoio que podemos esperar de nossos professores. Então eu lembrei a ela que isso não é ver como sr. Gianini, que realmente ultrapassa o limite de suas responsabilidades ficando depois da aula todos os dias para conduzir aulas de reposição para pessoas como eu, que não estão indo muito bem em álgebra.

Lilly diz que o sr. Gianini provavelmente só começou a fazer essa coisa de ficar-depois-da-aula para agradar minha mãe, e agora ele não pode parar, porque senão

ela vai perceber que tudo não p passou de um pretexto e vai se divorciar dele.

Não acredito nisso, entretanto. Acho que o sr. G teria ficado depois da escola para me ajudar mesmo que não estivesse saindo com minha mãe. Ele é esse tipo de cara.

Enfim, o resultado disso tudo é que agora Lilly lançou outra de suas famosas campanhas. Isso é realmente uma coisa boa, já que vai manter sua mente longe de mim e de onde estou colocando (ou não colocando) meus lábios. Aqui está como começou: Lilly:

O problema real dessa escola não são os professores. É a apatia do corpo estudantil. Por exemplo, vamos dizer que queremos fazer uma greve.

Eu:

Uma greve?

Lilly:

Você sabe. Todos nos levantamos e saímos da escola ao mesmo tempo.

Eu:

Só porque a sra. Spears devolveu sua proposta de redação final?

Lilly:

Não, Mia. Porque ela está tentando usurpar nossa individualidade nos forçando a nos curvar ao feudalismo corporativo. De novo.

Eu:

Oh. E como ela está fazendo isso?

Lilly:

Nos censurando quando estamos em nossos momentos mais férteis e criativos.

70

Boris:

(surgindo do almoxarifado, onde Lilly o fez entrar quando ele começou a praticar sua última sonata).

Fértil? Alguém falou *fértil*?

Lilly:

Volte para o armário, Boris. Michael, você pode mandar um e-mail coletivo hoje à noite para todo o corpo estudantil, declarando uma greve amanhã às onze?

Michael: (trabalhando na barraca que ele e Judith Gershner e o resto do Clube do Computador vão montar no Carnaval de Inverno). Posso, mas não vou.

Lilly:

POR QUE NÃO?

Michael: Porque era sua vez de lavar a louça na noite passada, mas você não estava em casa, então eu tive que lavar.

Lilly:

Mas eu DISSE a mamãe que eu tinha de ir até o estúdio para finalizar a edição do programa desta semana!

O programa de TV de Lilly, *Lilly Tells It Like It Is*, agora é um dos programas de maior audiência na TV a cabo de Manhattan. Claro, é de acesso livre, então não é como se ela estivesse ganhando nenhum dinheiro com ele, mas um monte das maiores emissoras pegou essa entrevista que ela fez comigo uma noite quando eu estava meio adormecida e passou. Eu achei que foi estúpida, mas acho que muitas outras pessoas acharam que foi boa, porque agora Lilly recebe toneladas de cartas de espectadores, enquanto antes o único correio que ela recebia era de seu maníaco, Norman.

Michael: Olha, se você está tendo problemas com administração de tempo, não desconte em mim. Só não espere que eu docilmente obedeça a suas ordens, especialmente quando você já me deve uma.

Eu:

Lilly, sem ofensa, mas não acho que esta semana seja um bom momento para uma greve, de qualquer forma. Quer dizer, afinal de contas estamos quase nas provas finais.

Lilly:

E DAÍ?

Eu:

Daí que alguns de nós realmente precisam ir às aulas. Eu não posso me arriscar a perder nenhuma aula de reposição. Minhas notas já estão bem ruins.

Michael: Verdade? Achei que você estava indo melhor em álgebra.

Eu:

Se você chamar um D mais de melhor.

Michael: Ah, fala sério. Você tinha que estar melhor que isso. Sua mãe é casada com o professor de álgebra!

Eu:

E daí? Isso não quer dizer nada. Você sabe que o sr. G não tem favoritos.

Michael: Eu poderia achar que ele é um pouco negligente com sua filha adotiva, só isso.

Lilly:

VOCÊS DOIS PODERIAM PRESTAR ATENÇÃO À SITUAÇÃO EM

PAUTA, QUE É A NECESSIDADE VITAL DE REFORMAS SÉRIAS

NESTA ESCOLA?

Felizmente naquele momento o sinal tocou, então nada de greve amanhã até onde eu saiba. O que é uma coisa boa, porque eu realmente preciso do tempo extra de estudo.

72

Sabe, é engraçado a sra. Spears não gostar da proposta de redação final de Lilly, porque ela ficou muito entusiasmada com minha proposta, *Manifesto Contra as*

Árvores de Natal: Por Que Temos de Eliminar o Ritual Pagão de Derrubar Pinheiros Todos os Meses de Dezembro Se Quisermos Reconstituir a Camada de Ozônio.

E meu QI não está nem perto de ser tão alto quanto o de Lilly.

73

Segunda-feira, 8 de dezembro,

sala de estudos

Kenny acaba de me passar o seguinte bilhete:

Mia — *Espero que o que eu disse a na noite passada não tenha deixado você desconfortável. Eu só queria que você soubesse o que sinto*.

Sinceramente,

Kenny

Oh, Deus. *Agora* o que eu devo fazer? Ele está sentado aqui perto de mim, esperando uma resposta. Na verdade, é isso o que ele está pensando que estou escrevendo bem agora. Uma resposta.

O que eu digo?

Talvez esta seja minha oportunidade perfeita para terminar com ele. *Desculpe, Kenny, mas não sinto a mesma coisa — vamos ser apenas amigos*. É isso o que eu devia dizer?

Só que eu não quero ferir os sentimentos dele, sabe? E ele é meu parceiro em Biologia. Quer dizer, qualquer

coisa que aconteça, vou ter que me sentar ao lado dele durante as próximas duas semanas. E eu preferiria muito ter um parceiro em Biologia que goste de mim do que um que me odeie.

E o baile? Quer dizer, se eu terminar com ele, com quem eu vou ao Baile Inominável de Inverno? Sei que é horrível pensar coisas como essa, mas este é o primeiro baile na história de minha vida para o qual eu já tenho companhia.

Bem, quer dizer, se é que ele vai e me convidai-.

E aquela prova final, hein? Nossa prova final de biologia, quer dizer. Sem chance de eu passar sem a cola de Kenny. SEM CHANCE.

Mas o que mais eu posso fazer? Quer dizer, considerando o que aconteceu hoje na mesa das saladas.

É isso. Adeus, companhia para o Baile Inominável de Inverno. Olá, televisão de sexta à noite.

Querido Kenny,

Não é que eu não pense em você como um amigo muito querido. É só que

Segunda-feira, 8 de dezembro,

3 da tarde

Revisão de álgebra com o sr.

Gianini

Tudo bem, o sinal tocou antes que eu tivesse tempo de terminar meu bilhete.

Isso não quer dizer que eu não vá dizer a Kenny exatamente o que sinto. Vou dizer totalmente. Hoje à noite, por sinal. Não ligo se o fato de fazer algo assim por telefone é cruel. Simplesmente não consigo mais agüentar.

DEVER DE CASA

Álgebra: rever questões no fim dos capítulos 1-3

Inglês: redação final

Civilizações mundiais: rever questões no fim dos capítulos 1-4

S & T: nada

Francês: rever questões no fim dos capítulos 1-3

Biologia: rever questões no fim dos capítulos 1-5

Terça-feira, 9 de dezembro,

sala de estudos

Tudo bem. Então eu não terminei com ele.

Mas eu quis. Totalmente

E também não foi porque eu não tive coragem para fazer isso por telefone.

Foi uma coisa que *Grandmère*, entre todas as pessoas, disse.

Não que eu me sinta bem com isso. Com relação a não terminar com ele, quer dizer.

É só que, depois da revisão de álgebra, eu tive que ir ao estúdio onde Sebastiano vende suas últimas criações, para ele poder fazer seus servos tirarem minhas medidas para meu vestido. Grandmère estava dizendo que de agora em diante eu devo apenas usar roupas de estilistas genovianos para mostrar meu patriotismo, ou o que seja. O que vai ser difícil porque, argh, só existe um estilista de roupas genoviano que eu conheça, e é Sebastiano. E vamos apenas dizer que ele não trabalha muito com *jeans*.

Mas enfim. Eu tinha realmente coisas mais importantes para me preocupar do que meu guarda-roupas de primavera.

O que eu imagino que Grandmère deve ter percebido, porque, no meio da descrição de Sebastiano sobre o adorno de contas que ele ia costurar no corpete do meu traje, Grandmère gritou: “Amelia, qual é o problema com você?”

Eu devo ter pulado cerca de meio metro no ar. “O quê?”

“Sebastiano perguntou se você prefere um decote em forma de coração ou quadrado.”

Eu a encarei inexpressivamente. “Decote para quê?”

Grandmère me lançou um olhar mau. Ela faz isso muito freqüentemente. Por isso é que meu pai, mesmo estando na suíte vizinha do hotel, nunca dá uma passada aqui durante minhas lições de princesa.

“Sebastiano”, disse minha avó. “Você por favor deixe a princesa e a mim por um instante.”

E Sebastiano — que estava usando umas calças novas de couro, essas de uma cor tipo tangerina (o novo cinza, ele me disse; e branco, você vai ficar surpresa agora, é o novo preto) — fez uma saudação e deixou o quarto, seguido pelas esquivas damas que estavam tirando minhas medidas.

“Então”, Grandmère disse, imperiosamente. “Algo está claramente perturbando você, Amelia. O que é?”

“Nada”, respondi, ficando totalmente vermelha. Eu sabia que estava ficando totalmente vermelha porque: a) eu podia sentir isso, e b) eu podia ver meu reflexo nos três grandes espelhos à minha frente.

“Não é nada.” Grandmère deu um longo trago no seu Gitanes, apesar de eu já ter pedido repetidamente a ela para não fumar na minha presença, já que respirar fumaça alheia pode causar danos tão grandes quanto nos fumantes de verdade. “O que é?

Problemas em casa? Sua mãe e o professor de matemática já estão brigando, eu suponho. Bem, eu nunca esperei que *aquele* casamento durasse. Sua mãe é muito avoada.”

Tenho que admitir, eu meio que rangi os dentes quando ela falou isso. Grandmère está sempre colocando minha mãe para baixo, mesmo que mamãe tenha me criado

muito melhor sozinha e eu certamente não tenha ficado grávida ou atirado em ninguém ainda.

78

“Para sua informação”, esclareci, “minha mãe e o sr. Gianini estão gloriosamente felizes juntos. Eu não estava pensando neles de jeito nenhum.”

“O que é, então?” perguntou Grandmère, numa voz entediada.

“Nada”, praticamente gritei. “Eu só... bem, eu estava pensando sobre o fato de que eu tenho que terminar com meu namorado hoje à noite, é isso. Não que seja da sua conta.”

Em vez de ficar ofendida com meu tom, que qualquer avó respeitável teria achado insolente, Grandmère apenas tomou um gole de seu drinque e subitamente pareceu muito interessada.

“Ah, é?” fez ela, num tom de voz totalmente diferente — o mesmo tom de voz que ela usa quando alguém lhe dá um conselho sobre o mercado de ações que ela acha que pode ser útil. “Que namorado é esse?”

Deus, o que eu já fiz para ser amaldiçoada com uma avó como essa? Sério. A avó de Lilly e Michael lembra os nomes de todos os amigos deles e faz rocamboles para eles o tempo todo, mesmo que seus pais, os drs. Moscovitz, estejam sempre trazendo doces para casa, ou pelo menos mandando trazer.

Eu? Eu ganho a avó com o *poodle* careca e os anéis de diamantes nove quilates cuja maior alegria na vida é me torturar.

E por que isso, afinal de contas? Quer dizer, por que Grandmère adora tanto me torturar? Eu nunca fiz nada a ela. Nada exceto ser sua única neta, na verdade. E eu não saio por aí anunciando o que sinto por ela. Sabe, eu nunca na verdade *contei* que acho que ela é uma velha malvada que contribui para a destruição do meio ambiente usando casacos de pele e fumando cigarros franceses sem filtro.

79

“Grandmère”, falei, tentando ficar calma. “Eu só tenho um namorado. O nome dele é Kenny.” Eu só contei a você umas cinqüenta mil vezes, acrescentei, em pensamento.

“Achei que essa pessoa Kenny fosse seu parceiro em biologia”, Grandmère disse, depois de tomar um gole de *sidecar*, seu drinque favorito.

“Ele é”, confirmei, um pouco surpresa por ela ter conseguido se lembrar de algo assim. “E também é meu namorado. Só que na noite passada ele ficou completamente esquizofrênico e disse que me ama.”

Grandmère deu uns tapinhas na cabeça de Rommel, que estava sentado em seu colo com um ar infeliz (sua expressão habitual).

“E o que há de tão errado”, Grandmère quis saber, “com um garoto que diz que ama você?”

“Nada”, respondi. “Só que eu não amo o Kenny, entende? Então não seria justo de minha parte, sabe, continuar com isso”.

Grandmère levantou suas sobrancelhas pintadas. “Não vejo por que não.”

Como é que eu entrei nessa conversa? “Porque sim, Grandmère. As pessoas simplesmente não saem por aí *fazendo* coisas assim. Não hoje em dia.”

“É mesmo? Bem, o que observo nas pessoas é o contrário. Exceto, claro, se um deles está apaixonado por outra pessoa. Nesse caso, largar um pretendente indesejado pode ser considerado sábio, para que se possa estar disponível para o homem desejado.”

Ela me encarou. “Há alguém assim em sua vida, Amelia? Alguém — ahn — especial?”

“Não.” Menti automaticamente.

Grandmère bufou. „Você está mentindo.”

“Não, não estou.” Menti novamente.

“Claro que está. Eu não devia dizer isso a você, mas suponho que como este é um mau hábito para uma futura monarca, você deve ser avisada, para que no futuro possa prevenir: Quando você mente, Amelia, suas narinas inflam.”

Eu lancei minhas mãos sobre meu nariz. “Elas não inflam!”

“Inflam, sim”, insistiu Grandmère, obviamente gostando muito de si mesma. “Se você não acredita em mim, olhe no espelho.”

Eu me virei para encarar os grande espelhos que estavam por perto. Tirando as mãos do rosto, examinei meu nariz. Minhas narinas não estavam infladas. Ela estava louca.

“Vou perguntar novamente, Amelia”, Grandmère disse de sua poltrona, numa voz malandra. “Você está apaixonada por outra pessoa nesse exato instante?”

“Não”, menti, automaticamente...

E minhas narinas se inflaram imediatamente!

Oh, meu Deus! Todos esses anos eu venho mentindo, e acaba que sempre que faço isso minhas narinas me denunciam totalmente! É só a outra pessoa olhar para o meu nariz quando eu falo, e vai saber com certeza se estou falando a verdade ou não.

Como pode ninguém ter apontado isso para mim antes?
E Grandmère —

Grandmère, entre todas as pessoas —foi que descobriu!
Não minha mãe, com quem eu vivi por quatorze anos.
Não minha melhor amiga, cujo QI é maior que co de Einstein.

Não. Grandmère.

Se isso vazar, minha vida está acabada.

81

“Muito bem”, gritei dramaticamente, me afastando do espelho para encará-la. “Tudo bem, sim. Sim, estou apaixonada por outra pessoa. Está feliz agora?”

Grandmère levantou as sobrancelhas pintadas a lápis.

“Não precisa gritar, Amelia”, disse ela, com o que eu podia ter tomado por uma brincadeira em qualquer outra pessoa que não fosse ela. “Quem pode ser este alguém em especial?”

“Oh, não”, disse eu, estendendo as duas mãos. Se não fosse totalmente grosseiro, eu teria feito uma pequena cruz com meus dedos médios e segurado-a na frente dela — eis o quanto ela me assusta. E se você pensar bem, com aquela pintura tatuada nos olhos, ela realmente parece um pouco com Nosferatu. “Você não vai arrancar essa informação de mim.”

Grandmère apagou seu cigarro no cinzeiro de cristal que Sebastiano havia providenciado e foi em frente, “muito bem. Eu presumo, então, que o cavalheiro em questão não retribui o seu ardor?”

Não havia sentido em mentir para ela. Não agora. Não com minhas narinas.

Meus ombros caíram. “Não. Ele gosta de uma outra garota. Uma garota muito inteligente que sabe clonar moscas de fruta”.

Grandmère resfolegou. “Um talento útil. Bem, isso não importa agora. Mas suponho, Amelia, que você esteja familiarizada com a expressão que diz que mais vale um pássaro na mão que dois voando?”

Acho que ela deve ter sido capaz de concluir pela minha expressão perplexa que esta era uma expressão que eu nunca havia escutado antes, já que continuou: “Não jogue fora esse Kenny até que você tenha conseguido agarrar alguém melhor.”

Eu a encarei, horrorizada. Verdade, minha avó disse — e fez — algumas coisas realmente frias em sua época, mas esta ganhou o prêmio.

“Agarrar alguém melhor?” Eu não conseguia acreditar que ela realmente queria dizer o que eu achava que queria. “Você quer dizer que eu não devo terminar com Kenny até ficar com outra pessoa?”

Grandmère acendeu outro cigarro. “Mas é claro.”

“Mas Grandmère.” Eu juro por Deus, às vezes não consigo entender se ela é humana ou algum tipo de força vital alienígena mandada para cá por algum outro planeta para nos espionar. “Não se pode fazer isso. Não se pode simplesmente prender um cara assim, sabendo que você não sente a mesma coisa que ele sente por você.”

Grandmère exalou uma longa pluma de fumaça azul. “Por que não?”

“Porque é completamente antiético!” Eu sacudi minha cabeça. “Não. Vou terminar com Kenny. Agora mesmo. Hoje à noite, por sinal.”

Grandmère deu uns tapinhas embaixo do queixo de Rommel. Ele parecia mais infeliz do que nunca, como se, em vez de dar uns tapinhas nele, ela estivesse arrancando a pele de seu corpo. Ele realmente é a tentativa de cachorro mais horripilante que eu já vi na vida.

“Isso” disse Grandmère “é sua prerrogativa, claro. Mas me permita lembrar a você que, se você terminar seu

relacionamento com este jovem, sua nota em biologia vai sofrer.”

Fiquei chocada. Mas muito porque isso era uma coisa que eu mesma já tinha pensado. Fiquei impressionada porque Grandmère e eu estávamos realmente partilhando algo.

O que foi realmente a única razão para eu ter exclamado: “Grandmère!”

“Bem”, continuou Grandmère, batendo a cinza de seu cigarro no cinzeiro. “Não é verdade? Você só está tendo o quê, um C, nessa matéria? E isso é apenas porque este jovem permite que você copie as respostas dele no dever de casa.”

“Grandmère!” gritei novamente. Porque, claro, ela estava certa.

Ela olhou para o teto. “Deixe-me ver”, fez ela. “Com seu D em álgebra, se você tirar qualquer coisa menor que C em biologia, sua média de pontos vai cair um tantinho esse semestre.”

“Grandmère.” Eu não conseguia acreditar nisso. Ela sabia tudo sobre minhas notas!

E ela estava certa. Ela estava muito certa. Mas mesmo assim. “Não vou deixar para terminar com Kenny depois da prova final. Isso seria totalmente errado.”

“Faça o que achar melhor”, Grandmère disse com um suspiro. “Mas certamente será complicado ter que se sentar ao lado dele pelas próximas — quanto falta ainda para o fim do semestre? — Oh, sim, duas semanas.

Especialmente considerando o fato de que depois que você terminar tudo com ele, ele provavelmente não vai mais falar com você.”

Deus, quanta verdade. E nada que eu mesma já não tivesse pensado antes. Se Kenny ficasse com raiva suficiente de mim por terminar com ele, a ponto de não querer mais falar comigo, o sétimo tempo seria muito desagradável.

“E esse baile?”, Grandmère agitou o gelo no seu *sidecar*. “Esse baile de Natal?”

“Não é um baile de Natal”, consertei. “É um baile inominável...”

Grandmère acenou com a mão. Aquele charmoso bracelete cheio de pontas que ela estava usando tilintou.

“Não importa”, disse ela. “Se você parar de namorar esse jovem, com quem você vai ao baile?”

“Não vou com ninguém”, fui categórica, apesar de, claro, meu coração ficar partido só de pensar. “Vou ficar em casa.”

“Enquanto todo mundo se diverte? Realmente, Amelia, você não está sendo nada inteligente. E esse outro jovem rapaz?”

“Que outro jovem rapaz?”

“Esse pelo qual você declara estar tão apaixonada. Ele não vai estar neste baile com a garota da mosca caseira?”

“Mosca de fruta”, corrigi. “E eu não sei. Talvez.”

O pensamento de que Michael pudesse chamar Judith Gershner para o Baile Inominável de Inverno nunca me havia ocorrido. Mas, assim que Grandmère mencionou isso, tive aquela mesma sensação de enjôo que veio no rinque de patinação no gelo quando vi os dois juntos pela primeira vez: tipo quando Lilly e eu estávamos cruzando a Bleecker Street e aquele homem entregador de comida chinesa bateu na gente com a bicicleta dele, e eu fiquei totalmente sem ar.

Só que desta vez não era apenas meu peito que doía, mas minha língua. Ela já estava ficando bem melhor, mas agora tinha começado a pulsar novamente.

“Parece-me”, disse Grandmère, “que uma maneira de conseguir a atenção deste jovem rapaz pode ser aparecer neste baile de braços dados com este outro jovem rapaz, parecendo perfeitamente divina numa original criação do estilista de moda de Genovia Sebastiano Grimaldi.”

Eu fiquei só olhando para ela. Porque ela estava certa. Ela estava muito certa. A não ser por...

“Grandmère”, argumentei, “o cara de que eu gosto? Até parece! Ele gosta de garotas que conseguem clonar *insetos*. Falou? Duvido muitíssimo de que ele vá ficar impressionado com um *vestido*.”

Eu não mencionei que eu estava, claro, bem na noite anterior, exatamente aquilo.

Mas quase como se ela pudesse ler minha mente, Grandmère só fez “Hmmmm”, daquele jeito de quem sabe tudo.

“Faça o que achar melhor”, concluiu ela. “Além do mais, me parece um pouco cruel você terminar com esse jovem rapaz nesta época do ano.”

“Por quê?”, perguntei, confusa. Será que Grandmère tinha sem querer passado os olhos por algum programa de TV tipo *It’s a Wondeful Life* ou algo assim? Ela nunca mostrou um átomo de espírito de festas antes. “Porque é *Natal*?”

“Não”, respondeu Grandmère, parecendo muito desgostosa comigo, talvez pela sugestão de que ela nunca ficaria mobilizada pelo aniversário de nascimento do Salvador de alguém. “Por causa dos seus exames. Se você realmente quer ser boa com ele, eu acho que você deveria pelo menos esperar para depois das provas finais antes de quebrar o coração do pobre rapaz.”

Eu estava inteiramente pronta para discutir qualquer desculpa para não terminar com Kenny que Grandmère trouxesse em seguida — mas esta eu não estava esperando.

Fiquei ali com minha boca aberta. Sei que ela estava aberta porque eu podia vê-la refletida nos três grandes espelhos.

“Não consigo entender”, prosseguiu Grandmère, “por que você simplesmente não deixa ele acreditar que você retribui seu ardor até

o final das provas. Por que aumentar o estresse do pobre garoto? Mas você deve, claro, fazer o que você acha melhor. Acho que este — er — Kenny é o tipo de garoto que se recupera facilmente da rejeição. Ele provavelmente vai conseguir se sair muito bem nos exames, apesar do coração partido.”

Oh, Deus! Se ela tivesse enfiado um garfo no meu estômago e revirado meus intestinos em volta dos dentes do garfo como se fossem espaguete, ela não poderia ter me feito sentir pior...

E, preciso admitir, também um pouco aliviada. Porque claro que não posso terminar com Kenny agora. Não importa minha nota em biologia e o baile: você não pode terminar com alguém logo antes das provas finais. É tipo a coisa mais cruel que você pode fazer.

Bem, tirando o tipo de coisa que Lana e suas amigas fazem. Sabe, coisas de vestiário de garotas, como ir até alguém que está se trocando e perguntar a ela por que usa sutiã quando ela obviamente não precisa de nenhum, ou gozar dela só porque não gosta de ser beijada por seu namorado. Esse tipo de coisa.

Então cá estou eu. Eu *quero* terminar com Kenny, mas não posso.

Eu *quero* dizer a Michael o que sinto por ele, mas também não posso fazer isso.

Eu nem mesmo posso deixar de roer minhas unhas. Vou ofender uma nação européia inteira com minhas cutículas sangrentas.

Sou patética. Não é à toa que no carro hoje de manhã — depois que eu fechei a porta sem querer no pé de Lars —

Lilly disse que eu devia realmente pensar em fazer uma terapia, porque se há alguém que precisa descobrir a harmonia interna entre seu consciente e seu subconsciente, sou eu.

87

ANTES DE PARTIR PARA GENOVIA

1. Comprar comida de gato e areia para Fat Louie

2. Parar de roer as unhas

3. Alcançar a auto-realização

4. Descobrir a harmonia interna entre o consciente e o subconsciente 5. Terminar com Kenny — mas só depois das provas finais/Baile Inominável de Inverno.

88

Terça-feira, 9 de dezembro,

Inglês

O que foi AQUILO no corredor? Kenny Showalter acabou de dizer o que eu acho que ouvi?

Sim. Oh, meu Deus, Shameeka, o que eu vou fazer? Estou tremendo tanto que mal consigo escrever.

Como assim, o que você vai fazer? O garoto está amarradão em você, Mia. Vai fundo.

Não devia ser permitido às pessoas saírem por aí dizendo coisas assim.

Especialmente tão alto. Todo mundo deve ter ouvido. Você acha que todo mundo ouviu?

Todo mundo ouviu, claro. Você devia ter visto a cara de Lilly. Achei que ela ia ter um daqueles colapsos sinápticos de que ela sempre fala.

Você acha que TODO MUNDO ouviu o que ele disse? Quer dizer, tipo o pessoal saindo do laboratório de Química? Você acha que eles ouviram?

Como eles poderiam não ouvir? Ele gritou aquilo bem alto.

Elas estavam rindo? As pessoas saindo da Química? Elas não estavam rindo, estavam?

Muitos estavam rindo.

Oh, Deus, para que eu fui nascer?!!!

Tirando Michael. Ele não estava rindo.

Ele NÃO ESTAVA? JURA? Você não está brincando comigo?

Não. Por que eu faria isso? E você liga para o que Michael Moscovitz pensa, por falar nisso?

89

Não. Não ligo. O que faz você pensar que eu ligo?

Hm, por acaso você não ia ficar calada sobre isso.

As pessoas não deviam sair por aí rindo da desgraça alheia. É isso.

Não vejo qual é a grande desgraça. Então o cara te ama? Muitas garotas iam realmente gostar se o namorado delas gritasse isso para elas entre o primeiro e o segundo tempo.

É, mas EU NÃO!!!!

Usar *verbos transitivos* para criar sentenças breves e vigorosas.

Transitivo: Ele logo lamentou suas palavras.

Intransitivo: Não se passou muito tempo antes que ele se arrependesse muito de ter dito o que disse.

90

Terça-feira, 9 de dezembro,

Biologia

Superdotados e Talentosos não foi muito engraçada hoje. Não que Biologia seja muito melhor, ainda mais porque estou aqui presa perto de Kenny, que parece ter se acalmado um pouco desde hoje cedo.

Além do mais, eu acho que as pessoas que não estão realmente envolvidas em certas aulas não têm por que aparecer nelas.

Por exemplo, só porque Judith Gershner tem sala de estudos no quinto tempo não é razão para permitirem que ela fique voando em torno da classe de Superdotados e Talentosos por cinqüenta minutos durante aquele tempo. Ela nunca devia ter sido autorizada a sair da sala de estudos em primeiro lugar. Não acho nem mesmo que ela tenha um passe livre.

Não que eu fosse entregá-la, nem nada. Mas esse tipo de quebra de regulamento flagrante realmente não devia ser encorajado. Se Lilly vai mesmo seguir em frente com esta coisa de greve, para o que ela ainda está tentando ganhar apoio, ela devia mesmo acrescentar à sua lista de reclamações o fato de que os professores nesta escola têm favoritos. Quer dizer, só porque uma garota sabe como clonar as coisas não significa que ela deva ser autorizada a percorrer a escola livremente a qualquer hora que quiser.

Mas ali estava ela quando eu entrei, e não há dúvida sobre isso: Judith Gershner está muito a fim do Michael. Eu realmente não sei o que ele sente por ela, mas ela estava usando meia-calça cor de pele

em vez das calças pretas de malha que ela sempre usa, então você sabe que tem alguma coisa acontecendo. Nenhuma garota usa meia-calça cor de pele sem uma boa razão.

E certo, então talvez eles estejam trabalhando juntos na barraca para o Carnaval de Inverno, mas isso não é razão para Judith passar o braço por trás da cadeira de Michael daquele jeito. Depois, ele costumava me ajudar com meu dever de álgebra durante S & T, mas agora ele não pode, porque Judith está monopolizando todo o tempo dele. Achei que ele poderia se ressentir desta intrusão.

Depois, Judith realmente não tem que se meter em minhas conversas particulares.

Ela mal me conhece.

Mas isso não a impediu de me dizer, quando escutou as desculpas formais de Lilly por não ter acreditado em mim sobre o telefonema esquisito de Kenny — sem dúvida sobre a veracidade sobre a qual ele resolveu gritar hoje, com sua demonstração de paixão desenfreada no corredor do terceiro andar—, que ela tem pena dele? Oh, não.

“Pobre criança”, disse Judith. “Eu ouvi o que ele disse a você no corredor. Eu estava no laboratório. Como é que foi mesmo? „Não me importo se você não sente o mesmo, Mia, eu sempre vou te amar‟, ou algo assim?”

Eu não disse nada. Isso porque eu estava ocupada imaginando como Judith ficaria com um lápis saindo do meio de sua testa.

“É realmente uma graça”, Judith disse. “Qualquer uma acharia. Quer dizer, acho que ele está realmente sofrendo por sua causa.”

Este é o problema, sabe. Todo mundo acha que o que Kenny fez foi bonitinho e tudo. Ninguém parece entender que não foi boniti-

nho. Não foi bonitinho mesmo. Foi completamente humilhante. Não acho que eu tenha ficado mais sem graça em toda a minha vida.

E acredite, eu já passei da minha cota justa de incidentes embaraçosos, especialmente desde que começou toda essa história de princesa.

Mas aparentemente eu sou a única pessoa em toda esta escola que acha que o que Kenny fez foi no mínimo muito

errado.

“Ele obviamente está muito envolvido com suas próprias emoções.” Até Lilly estava ficando do lado de Kenny naquela coisa toda. “Ao contrário de *algumas* pessoas.”

Tenho que dizer, esse comentário me faz ficar tão irada, porque a verdade é que, desde que comecei a escrever diários, eu tenho estado muito envolvida com minhas emoções. Em geral sei quase exatamente como me sinto.

O problema é que simplesmente não posso contar a ninguém.

Não sei quem ficou mais surpreso quando Michael subitamente veio em minha defesa contra sua irmã — Lilly, Judith Gershner ou eu.

“Só porque Mia não sai por aí gritando o que ela sente no corredor do terceiro andar”, Michael disse, “não quer dizer que ela não esteja envolvida com suas emoções.”

Como ele faz isso? Como é que ele é capaz de magicamente colocar em palavras exatamente o que sinto, mas pareço ter tanto problema em dizer? É por isso, sabe, que eu o amo. Quer dizer, como poderia não amá-lo?

“Isso aí”, disse eu, triunfante.

“Bem, você podia ter respondido alguma coisa a ele.” Lilly sempre fica decepcionada quando Michael vem me salvar — especial-

mente quando ele faz isso enquanto ela está me atacando sobre a falta de honestidade em minha vida emocional. “Em vez de simplesmente deixá-lo ficar plantado lá.”

“E o que” perguntei — o que não foi muito inteligente, agora me dou conta — “eu devia ter dito a ele?”

“Que tal”, respondeu Lilly, “que você o ama também?”

POR QUÊ? Isso é tudo o que quero saber. POR QUE eu fui amaldiçoada com uma melhor amiga que não entende que há algumas coisas que você simplesmente não fala na frente de TODO MUNDO DE TODA A AULA DE SUPERDOTADOS E

TALENTOSOS, INCLUINDO O IRMÃO DELA????

O problema é que Lilly nunca ficou envergonhada com nada em sua vida. Ela simplesmente não sabe o significado da palavra *vergonha*.

“Olha”, falei, sentindo que minhas bochechas estavam começando a queimar. Eu não podia mentir, claro. Como eu poderia mentir, considerando o que eu agora sei sobre minhas narinas? E tudo bem, Lilly ainda não havia descoberto, mas era apenas uma questão de tempo. Quer dizer, se *Grandmère* sabia... “Eu valorizo verdadeiramente a companhia de Kenny”, expliquei, com cuidado. “Mas amor... Quer dizer, *amor*... Isso é uma coisa muito grande. Eu não, quer dizer, eu não estou...”

Eu babei pateticamente, altamente consciente de que todo mundo na sala, em especial Michael, estava escutando.

“Entendo”, interrompeu Lilly, estreitando os olhos. “Medo de compromisso.”

“Eu não tenho medo de compromisso”, insisti. “Eu só...”

Mas os olhos escuros de Lilly já estavam brilhando com ávida expectativa. Ela estava pronta para me psicanalisar, um de seus *hobbies* favoritos, infelizmente.

“Vamos examinar a situação, certo?”, começou ela. “Quer dizer, aqui tem esse cara andando pelos corredores, berrando o quanto ele te ama, e você simplesmente olha para ele como uma ratazana pega no caminho do trem. O que você supõe que isso significa?”

“Você já considerou alguma vez”, perguntei, “que talvez a razão pela qual eu não tenha dito que o amo é porque eu...”

Eu quase disse aquilo. Verdade. Mesmo. Eu quase disse que não amo Kenny.

Mas eu não podia. Porque se eu tivesse dito isso, de alguma maneira isso teria chegado até Kenny, e isso teria sido ainda pior do que terminar com ele. Eu não podia fazer isso.

Então tudo o que eu disse foi: “Lilly, você sabe perfeitamente bem que eu não tenho medo de compromisso. Quer dizer, há muitos garotos que eu...”

“Ah, é?” Lilly parecia estar ainda mais satisfeita consigo mesma do que o normal.

Era quase como se ela estivesse representando para uma audiência. O que, claro, ela estava. A audiência de seu irmão e do namorado dela. “Diga um.”

“Um o quê?”

“Diga um garoto com quem você pode se ver comprometida por toda a eternidade.”

“O que você quer, uma lista?”, perguntei a ela.

“Uma lista seria ótimo”, disse Lilly.

Então eu redigi a seguinte lista:

95

GAROTOS COM QUEM MIA THERMOPOLIS PODE SE VER

COMPROMETIDA POR TODA A ETERNIDADE

1. Wolverine, dos *X-men*

2. Aquele cara *Gladiator*

3. Will Smith

4. Tarzan, do desenho da Disney

5. A Fera de *A Bela e a Fera*

6. Aquele cara soldado muito gato de *Mulan*

7. O cara que Brendan Fraser fez em *The Mummy* 8. Angel

9. Tom, em *Daria*

10. Justin Baxendale

Mas essa lista acabou não sendo boa, porque Lilly pegou-a e analisou-a totalmente, e acaba que metade dos caras na lista são na verdade personagens de desenho animado; um é um vampiro; e um é um mutante que pode fazer garras saltarem das articulações de seus dedos.

De fato, a não ser por Will Smith e Justin Baxendale — o veterano bonitão que havia acabado de ser transferido de Trinity e por quem um monte de garotas da Escola Albert Einstein já estão apaixonadas —, todos os caras que listei são mera ficção.

Parece que a minha impossibilidade de incluir um cara com quem eu tivesse chance de ficar, ou que pelo menos vivesse na terceira dimensão, era um indicativo de alguma coisa.

Mas não, obviamente, indicativo do fato de que o cara de quem eu gosto estava na verdade na sala naquela hora, sentado perto de sua nova namorada, então eu não podia colocá-lo na lista.

Oh, não. Ninguém pensou *nisso*.

Não, a falta de homens reais atingíveis em minha lista era aparentemente indicativa de minhas expectativas não realistas no que diz respeito aos homens, e prova maior de minha inabilidade para me comprometer.

Lilly diz que, se eu não baixar minhas expectativas de alguma maneira, estou destinada a ter uma vida amorosa insatisfatória.

Como se, da maneira que as coisas estavam indo, eu esperasse alguma coisa diferente disso.

Kenny acabou de me passar esse bilhete:

Mia — Desculpe pelo que aconteceu hoje no corredor. Entendo agora que deixei você envergonhada. Às vezes esqueço que mesmo que você seja uma princesa, você ainda é muito introvertida. Prometo jamais fazer algo assim novamente. Posso compensar levando você para almoçar no Big Wong na quinta-feira? — Kenny Eu disse que sim, claro. Não só porque eu realmente gosto das almôndegas vegetarianas no vapor do Big Wong, ou porque eu não quero que as pessoas pensem que eu tenho medo de me comprometer. Eu nem mesmo disse sim porque suspeito de que, durante as almôndegas com chá quente, Kenny finalmente vai me chamar para ir ao Baile Inominável de Inverno.

Eu disse que sim porque, apesar de tudo, eu realmente gosto de Kenny, e não quero ferir seus sentimentos.

E eu me sentiria da mesma forma se não fosse uma princesa e sempre tivesse que fazer a coisa certa.

DEVER DE CASA

Álgebra: rever questões no fim dos capítulos 4-7

Inglês: redação final

Civilizações mundiais: rever questões no fim dos capítulos 5-9

S & T: nada

Francês: rever questões no fim dos capítulos 4-6

Biologia: rever questões no fim dos capítulos 6-8

98

Terça-feira, 9 de dezembro, 4

da tarde, na limusine a

caminho do Plaza

A seguinte conversa teve lugar entre o sr. Gianini e eu hoje depois da revisão de álgebra:

Sr. G:

Mia, está tudo bem?

Eu:

(Surpresa) Sim. Por que não estaria?

Sr. G:

Bem, eu pensei que você tinha conseguido entender as explicações, mas no questionário de hoje você errou os cinco problemas.

Eu:

Acho que eu estava com muita coisa na cabeça.

Sr. G:

Sua viagem a Genovia?

Eu:

É, isso e... outras coisas.

Sr. G:

Bem, se você quiser falar sobre as, hum, outras coisas, você sabe que pode contar sempre comigo. E sua mãe. Eu sei que nós parecemos estar muito preocupados com o bebê que está chegando e tudo, mas você é sempre a número um de nossa lista de prioridades. Você sabe disso, não sabe?

Eu:

(mortificada) Sim. Mas está tudo bem. De verdade.

Graças a Deus ele não sabe sobre minhas narinas.

E de verdade, o que mais eu podia ter dito? "Sr. G, meu namorado é um caso perdido mas eu não posso terminar com ele por conta

das provas finais, e estou apaixonada pelo irmão de minha melhor amiga"?

Duvido muito que ele fosse capaz de oferecer qualquer conselho significativo sobre qualquer dos assuntos acima.

Terça-feira, 9 de dezembro, 7

da noite

Não acredito nisso. Estou em casa antes que *Baywatch Hawaii* comece, pela primeira vez em, tipo assim, meses.

Deve ter alguma coisa errada com Grandmère.

Embora ela parecesse muito normal em nossa lição de hoje. Quer dizer, para ela. Exceto que ela me interrompeu no meio de minha récita da promessa de aliança genoviana (que eu tenho que memorizar, claro, para quando eu estiver visitando escolas em Genovia.

Não quero parecer uma idiota na frente de um monte de crianças de cinco anos por não saber isso) para me perguntar o que eu decidi fazer com Kenny.

É meio engraçado ela ter interesse em minha vida pessoal, já que nunca teve antes.

Bem, não muito, na verdade.

E ela ficou dizendo coisas sobre como fora engenhoso da parte de Kenny me mandar aquelas cartas anônimas de amor em outubro passado, aquelas que eu pensei (bem, certo, *esperei*, não realmente pensei) que era Michael que estava escrevendo.

Eu fiquei toda “O que foi tão engenhoso *nisso*”, ao que Grandmère apenas replicou,

“Bem, você é a namorada dele agora, não é?”.

O que eu nunca realmente havia pensado, mas acho que ela está certa.

Enfim, minha mãe ficou tão surpresa de me ver em casa tão cedo que ela até me deixou encarregada de escolher a entrega da comida (pizza margherita para mim. Eu a deixei comer rigatoni à bolonhesa, mesmo sabendo que a salsicha do molho está provavelmente impreg-

nada de nitratos que poderiam causar danos a um feto em desenvolvimento. Mas era tipo uma ocasião especial, eu estava em casa para jantar; para variar. Até o sr. Gianini exagerou um pouco e comeu algo com cogumelos porcini dentro).

Estou alucinada por estar em casa cedo, porque você não acreditaria na quantidade de coisas que tenho para estudar, e além do mais eu devia provavelmente começar minha redação final, aí preciso descobrir o que vou dar para as pessoas de Natal e Hannukah, isso sem falar no discurso de agradecimento que tenho que fazer e ensaiar para minha apresentação ao povo de Genovia pela TV (de Genovia, na verdade), o povo sobre o qual um dia eu vou reinar.

Eu devia realmente me dedicar com afinco e começar a trabalhar!

102

Terça-feira, 9 de dezembro,

7:30 da noite

Tudo bem, eu dei uma parada nos estudos e acabei me dando conta de algo. Você pode aprender muito assistindo ao *Baywatch*. Sério.

Eu compilei esta lista:

COISAS QUE EU APRENDI ASSISTINDO AO BAYWATCH

1. Mesmo estando paralisada da cintura para baixo, ao ver um garoto sendo atacado por um assassino você será capaz de se levantar e salvá-lo.

2. Se você tem bulimia, é provavelmente porque dois homens amam você ao mesmo tempo. Apenas diga aos dois que você só quer ser amiga deles, e sua bulimia vai embora.

3. É sempre fácil conseguir uma vaga para estacionar perto da praia.

4. Salva-vidas do sexo masculino sempre colocam uma camiseta quando saem da praia. Salva-vidas do sexo feminino não precisam se importar com isso.

5. Se você encontrar uma garota bonita mas problemática, ela provavelmente é uma contrabandista de diamantes ou tem distúrbio de personalidade: não aceite seu convite para jantar.

6. Dick van Patten, embora seja um cidadão idoso, pode ser supreendentemente difícil de ser vencido numa luta de boxe.

7. Se as pessoas estão morrendo misteriosamente na água, é provavelmente porque uma gigantesca enguia elétrica escapou de um aquário nas proximidades.

8. Uma garota que está pensando em abandonar seu bebê deveria deixá-lo na praia.

São muitas as chances de que um salva-vidas legal leve o bebê para casa e resolva adotá-lo e criá-lo como se fosse seu.

9. É muito fácil nadar com um tubarão.

10. Focas selvagens são animais de estimação adoráveis e facilmente treinadas.

Terça-feira, 9 de dezembro,

8:30 da noite

Acabo de receber um e-mail de Lilly. Não sou a única que recebeu, na verdade. De alguma maneira ela descobriu como mandar um e-mail coletivo para cada aluno da escola.

Bem, eu não devia estar surpresa, acho. Ela é um gênio. Mas ela deve ter desenvolvido atrofia do cérebro por estudar muito, porque olhe o que ela escreveu:
ATENÇÃO TODOS OS ESTUDANTES NA

ESCOLA ALBERT EINSTEIN

Estressados com muitas provas, redações finais e projetos finais? Não aceite simples e passivamente a opressiva carga de trabalho dada a nós pela administração tirânica! Uma silenciosa greve foi marcada para amanhã. Às 10:00, exatamente, junte-se aos seus camaradas estudantes para mostrar aos nossos professores como nos sentimos a respeito de calendários de provas inflexíveis, censura repressora e apenas um dia de leitura para nos prepararmos para nossas finais. Deixem seus lápis, deixem seus livros e reúnam-se na Rua 75 Leste entre a Madison e a Park (use as portas dos principais escritórios da administração, se possível) para uma assembléia contra a diretora Gupta e os administradores. Faça com que sua voz seja ouvida!

105

Com certeza absoluta não posso fazer greve amanhã às 10 horas. Isso é bem no meio da aula de álgebra. Os sentimentos do sr. Gianini ficarão muito feridos se nós todos simplesmente nos levantarmos e sairmos.

Mas se eu disser que não vou participar, Lilly vai ficar furiosa. Mas se eu participar, meu pai vai me matar. Sem mencionar minha mãe. Quer dizer, podemos ser todos suspensos, ou algo assim. Ou atropelados por um caminhão de entrega. Há muitos deles na 75 a essa hora do dia.

Por quê? Por que eu devo ser dominada por uma melhor amiga que é tão claramente sociopata?

106

Terça-feira, 9 de dezembro,

8:45 da noite

Acabo de receber a seguinte mensagem de Michael no *chat*

:

CRACKING: Você já recebeu esse e-mail coletivo totalmente alucinado de minha irmã?

Respondi imediatamente.

FTLOUIE: Recebi.

CRACKING: Você não vai colaborar com essa greve idiota dela, vai?

FTLOUIE: Ah, é. Ela não vai ficar muito furiosa se eu não colaborar, nem nada.

CRACKING:Você não tem de fazer tudo o que ela diz, sabe, Mia. Quer dizer, você já a enfrentou antes. Por que não agora?

Humm, porque eu já tenho coisa suficiente para me preocupar nesse exato instante

— por exemplo, provas finais; minha iminente viagem a Genovia; ah, sim, o fato de que eu te amo — sem acrescentar uma briga com minha melhor amiga à lista.

Mas eu não disse isso, claro.

FTLOUIE: Acho que o caminho da resistência mínima ainda é o mais seguro quando se trata de sua irmã.

107

CRACKING: Bem, eu não vou entrar. Na greve, quer dizer.

FTLOUIE: É diferente para você. Você é irmão dela. Ela tem de continuar falando com você. Vocês moram juntos.

CRACKING: Não por muito tempo. Graças a Deus.

Ah, é. Ele vai embora para a faculdade em breve.

Bem, não para tão longe. Mas cerca de uns cem quarteirões ou isso.

FTLOUIE: É verdade. Você foi aceito em Columbia. Por antecipação, também. Eu nem te dei os parabéns. Então parabéns.

CRACKING: Valeu.

FTLOUIE: Você deve estar feliz porque já vai conhecendo pelo menos outra pessoa lá.

Judith Gershner, quer dizer.

CRACKING: É. Escute, você ainda vai estar na cidade no Carnaval de Inverno, certo?

Quer dizer, você não vai partir para Genovia antes do dia 19, vai?

Tudo o que eu pude pensar foi: *Porque ele está me perguntando isso? Quer dizer, ele não pode me convidar para o baile. Ele deve saber que vou com Kenny. Quer dizer, se Kenny me convidar, é isso. Além do mais, Michael não está disponível. Ele não vai com Judith? Certo? ELE NÃO VAI?*

FTLOUIE: Vou para Genovia no dia 20.

108

CRACKING: Ah, legal. Porque você devia dar uma passada na barraca do Clube do Computador no Carnaval e ver este programa em que eu estou trabalhando. Acho que você vai gostar.

Eu devia ter adivinhado. Michael não vai me convidar para nenhum baile. Não nesta vida, pelo menos. Eu devia ter sabido que era apenas o seu estúpido programa de computador que ele queria que eu visse. E daí? Suponho que uns brutamontes do exército vão pular em cima de mim e eu vou ter que matá-los, ou o que seja. Idéia de Judith, tenho certeza.

Eu quis escrever para ele: *Você não faz a menor idéia do que eu estou passando?*

Que a única pessoa com quem eu posso me ver comprometida para toda a eternidade é VOCÊ? Você não SABE disso ainda????

Mas em vez disso eu escrevi:

FTLOUIE: Legal, vou sim. Bom, tenho que ir. Tchau.

Às vezes eu me odeio completamente.

109

Quarta-feira, 10 de dezembro,

sala de estudos

Você nunca vai acreditar nisso. Não consigo dormir pensando em uma coisa que *Grandmère* me falou.

Sério. Eu estava profundamente adormecida — bem, tão adormecida quanto você pode estar com um gato de onze quilos ronronando em seu abdômen — quando de repente eu acordei com essa frase totalmente aleatória girando na minha cabeça:

“Bom, você é a namorada dele agora, não é?”

Isso foi o que Grandmère disse quando eu perguntei a ela o que era tão engenhoso no fato de Kenny ter me mandado aquelas cartas de amor anônimas.

E você sabe o que mais?

ELA TEM RAZÃO.

Parece totalmente bizarro admitir que Grandmère pode ter razão em alguma coisa, mas acho quer verdade. As

cartas de amor anônimas de Kenny *realmente* funcionaram.

Quer dizer, eu *sou* namorada dele agora.

Então o que me impede de escrever algumas cartas de amor anônimas para o garoto de quem *eu* gosto? Quer dizer, de verdade? Além do fato de que eu já tenho um namorado e o cara de que eu gosto já tem uma namorada?

Acho que este é um plano que pode ter algum mérito. Ele precisa ser mais trabalhado, claro, mas pô, medidas desesperadas pedem por momentos desesperados.

Ou algo assim. Estou com muito sono para pensar melhor.

110

Quarta-feira, 10 de dezembro,

sala de estudos

Tudo bem, fiquei acordada a noite inteira pensando sobre isso e estou muito certa de que consegui calcular tudo. Mesmo estando senda aqui, meu plano está sendo colocado em ação, graças a Tina Hakim Baba e uma parada na Deli Ho‟s antes do início das aulas.

Na verdade, o Ho‟s não tinha realmente o que eu queria. Eu queria um cartão que fosse branco por dentro, com uma foto na frente que fosse sofisticada mas não muito *sexy*. Mas os únicos cartões em branco que eles tinham no Ho‟s (que não estavam cheios de fotos de gatinhos) eram uns com fotos de frutas sendo mergulhadas em calda de chocolate.

Eu tentei escolher uma fruta não fálica, mas até o morango que peguei é meio assim mais *sexy* do que eu teria gostado. Não sei o que é *sexy* numa fruta com calda de chocolate transbordando dela, mas Tina ficou tipo “uau”, quando viu aquilo.

Além do mais, ela corajosamente concordou em copiar meu poema dentro do cartão, para que Michael não reconhecesse minha letra. Ela até gostou do meu poema, que eu escrevi às cinco da manhã:

Rosas são vermelhas

Violetas são azuis

Você pode não saber

Mas alguém ama você.

Não é o meu melhor trabalho, devo admitir, mas foi realmente difícil aparecer com alguma coisa melhor depois de apenas três horas de sono.

Eu hesitei um pouco sobre o uso da palavra com A. Achei que talvez eu devesse substituir *ama* por *gosta.* Não quero que ele ache que há uma maníaca assustadora atrás dele, e tudo.

Mas Tina disse que *ama* estava absolutamente correto. Porque, como ela argumentou, “é a verdade, não é?”.

E já que é anônima, acho que não importa que eu esteja abrindo totalmente minha alma.

Enfim, Tina vai passar pelo armário de Michael bem antes da aula de EF e vai enfiar o cartão lá dentro.

Não posso acreditar que cheguei a um nível tão baixo. Mas como papai me disse uma vez, corações tímidos nunca conseguem as damas belas.

112

Quarta-feira, 10 de dezembro,

sala de estudos

Lars acaba de comentar que eu não estou exatamente arriscando nada, já que não assinei o cartão e até fui ao extremo de fazer outra pessoa escrever o poema para mim (Lars sabe tudo a respeito disso, porque tive de explicar a ele por que tínhamos que ir ao Ho‟s às 8:15 da manhã). Ele ajudou a escolher o cartão, mas eu ficarei feliz se aquela for sua única colaboração para este projeto em particular. Pelo fato de ele ser homem, não consigo achar que sua opinião seja válida.

Além do mais, ele já se casou umas quatro vezes, então eu duvido muitíssimo que ele saiba qualquer coisa a respeito de romances.

Além do mais, ele já devia saber agora que não é permitido conversar na sala de estudos.

113

Quarta-feira, 10 de dezembro,

Álgebra, 9:30 da manhã

Acabo de ver Lilly no corredor. Ela sussurrou, “Não esqueça! Dez horas! Não me decepcione!”

Bem, a verdade é que eu esqueci. A greve! A estúpida greve!

E pobre sr. Gianini, que está lá em pé passando o capítulo cinco, sem suspeitar de nada. Não é culpa dele que a sra. Spears não tenha gostado do tema da redação final de Lilly. Lilly não pode simplesmente, arbitrariamente, punir todos os professores da escola por alguma coisa que uma professora fez.

Já são **n**ove e trinta e cinco. O que vou fazer?

Quarta-feira, 10 de dezembro,

Álgebra, 9:45 da manhã

Lana acaba de se virar para trás e sussurrar: “Você vai fazer greve junto com sua amiga gorda?”

Eu tenho objeções reais a isso. Apenas numa cultura tão imbecil como a nossa garotas como Christina Aguilera são cultuadas como modelos de beleza, quando elas estão na verdade sofrendo de algum tipo de escorbuto. Lilly jamais seria considerada gorda. Porque Lilly não é gorda. Ela só é redonda, como um cachorrinho.

Odeio isso.

Quarta-feira, 10 de dezembro,

Álgebra, 9:50 da manhã

Dez minutos até a greve. Não agüento. Vou sair.

Quarta-feira, 10 de dezembro,

9:55 da manhã

Tudo bem. Estou no corredor, perto do alarme de incêndio, próxima ao bebedor do segundo andar. Eu tenho um passe livre do sr. G, porque eu disse a ele que tinha de ir ao banheiro.

Lars está comigo, claro. Gostaria que ele parasse de rir. Ele não parece se dar conta da seriedade da situação. Além do mais, Justin Baxendale também acabou de passar com um passe livre, e ele nos lançou aquele olhar realmente esquisito.

E é mesmo, eu provavelmente estou parecendo meio estranha, passeando pelo corredor com meu guarda-costas, que está nesse exato instante experimentando um ataque repentino de riso, mesmo assim eu não preciso ser olhada estranhamente por Justin Baxendale.

Os cílios dele são bem longos e escuros e eles fazem seus olhos parecerem meio que esfumaçados...

OH, MEU DEUS! NÃO ACREDITO QUE ESTOU ESCREVENDO SOBRE OS

CÍLIOS DE JUSTIN BAXENDALE NUMA HORA DESSAS!

Quer dizer, estou numa verdadeira encruzilhada aqui: se eu não fizer greve com a Lilly, vou perder minha melhor amiga.

Mas se eu fizer greve com todo mundo, estarei desrespeitando totalmente meu padrasto.

Então eu realmente só tenho uma escolha.

Lars acaba de se oferecer para fazer por mim. Mas não posso deixar. Não posso deixá-lo assumir a responsabilidade por mim se

nós formos pegos. Eu sou a princesa. Eu tenho que fazer por mim mesma.

Eu só disse a ele para se preparar para correr. Esta é uma hora em que ser tão alta cai muito bem. Eu tenho passos bastante longos.

Bem, aqui vamos nós.

Quarta-feira, 10 de dezembro,

10 da manhã, Rua 75 Leste,

atrás de uma espécie de

andaime

Não entendo por que ela está tão furiosa. Quer dizer, é verdade, todo mundo evacuar o prédio devido a um alarme de incêndio tocando não é a mesma coisa que todo mundo sair em protesto contra as técnicas de ensino repressivas de alguns professores.

Mas ainda assim estamos todos no meio da rua, na chuva, e ninguém está de casaco porque eles não nos

deixariam parar em nossos armários por medo de que todos fôssemos consumidos por uma conflagração febril, então provavelmente vamos ficar com hipotermia por causa do frio e morrer.

Era isso o que ela queria, certo?

Mas não. Ela nem mesmo fica feliz com isso.

“Alguém sacaneou agente!”, ela ficou gritando. “Alguém contou. Por que mais eles iriam marcar um treinamento de incêndio exatamente para a mesma hora que minha greve? Estou dizendo a você, nada vai fazer esses burocratas pararem de tentar nos impedir de discursar contra eles. Nada! Eles vão até mesmo nos fazer ficar aqui nessa garoa gelada, esperando enfraquecer nossos sistemas imunológicos para que nós não tenhamos mais a força de lutar contra eles. Bem, eu desta vez me recuso a pegar um resfriado! Me recuso a sucumbir aos seus abusos inaceitáveis!”

Sugeri a Lilly que ela escreva sua redação final sobre as sufragistas, porque elas, como nós, tinham de suportar inúmeras indignidades em sua batalha por direitos iguais.

Lilly, entretanto, me disse para não ser superficial.

Meu Deus, não é mole ser a melhor amiga de uma gênia.

Quarta-feira, 10 de dezembro,

Álgebra, 9:50 da manhã

Não consigo saber se Michael pegou o bilhete ou não!!!!

Pior, a idiota da Judith Gershner está aqui DE NOVO. Por que ela não consegue ficar em sua própria aula? Por que ela está sempre rodeando a nossa? Nós estávamos todos nos entendendo perfeitamente bem até que *ela* chegou.

Minha vida é patética.

Pensei em cruzar o corredor para a sala dos professores e fazer à sra. Hill uma pergunta sobre alguma coisa — como por exemplo, porque ela fez os guardas removerem a porta do almoxarifado, daí não conseguirmos mais trancar Boris lá dentro

—, então ela poderia fazer uma inspeção e PERCEBER que há uma garota em nossa sala que *não* deveria estar ali.

Mas eu não poderia fazer isso, por causa do Michael. Quer dizer, Michael obviamente *quer* Judith aqui, ou então ele diria a ela para ir embora.

CERTO?????

Enfim, com Michael tão ocupado e tudo com a senhorita Gershner, acho que estou por minha conta e risco com toda essa história de revisão de álgebra.

Tudo bem. Estou completamente bem com isso. Posso estudar por conta própria muito bem. Observe:

A, B, C = disjunção partitiva de conjunto universal

Coleção de subgrupos de U não-vazios que são disjunções partitivas e cuja união é igual ao grupo de U

Entendo isso. Entendo totalmente o que isso significa. Quem precisa da ajuda de Michael? Não eu. Estou totalmente numa boa com a coleção de subgrupos não-vazios.

TOTALMENTE NUMA BOA COM ISSO.

Oh, Michael

você fez de meu coração

uma disjunção partitiva.

Por que você não vê

que nós estamos destinados a ser

um conjunto universal?

Em vez disso, você transformou minha alma

Numa coleção

de subgrupos não-vazios.

Não posso acreditar

que nosso amor estava destinado a ser

disjunção partitiva.

Mas é melhor

uma união —

igual ao grupo de

Você e eu.

Quarta-feira, 10 de dezembro,

Francês

Sabe o que mais acabei de perceber? Que se essa coisa funcionar

— sabe, se eu conseguir manter Michael longe de Judith Gershner, terminar

com

Kenny

e

acabar,

sabe,

numa

situação

potencialmente

romântica com o irmão de Lilly —, eu simplesmente não vou saber o que fazer.

Sério.

Beijar, por exemplo. Eu só beijei uma pessoa antes, e foi Kenny. Não acredito que Kenny e eu realmente tenhamos passado pela experiência beijante completa, porque certamente não foi tão divertido como as pessoas sempre fazem parecer na TV.

Este é um pensamento muito perturbador, e me levou a uma conclusão igualmente perturbadora: sei muito pouco sobre beijar.

De fato, me parece que, se vou dar qualquer beijo em alguém, eu devia obter alguns conselhos antes. De um *expert* em beijos, quer dizer.

Motivo pelo qual estou consultando Tina Hakim Baba. Ela pode não ter permissão para usar maquiagem na escola, mas ela vem beijando Dave Farouq El-Abar — que vai para Trinity — há cerca de três meses, *e* está gostando disso, então eu a considero uma *expert* no assunto.

Estou incluindo os resultados deste documento altamente científico para futura referência.

Tina:

Preciso saber sobre beijos. Você pode por favor responder cada uma das seguintes perguntas EM DETALHES????

E NÃO MOSTRE isso a ninguém!!!! NÃO perca este papel!!!! Mia 1. Um garoto pode saber se a pessoa com quem ele está tem experiência? Como um beijador inexperiente beija (para que eu possa evitar fazer isso)?

O cara pode perceber o seu nervosismo, ou que você não está à vontade, mas todo mundo fica nervoso quando está beijando alguém novo. É natural! Mas beijar é muito fácil de aprender—acredite em mim! Um bejador inexperiente pode querer para logo por estar com medo ou algo assim. Mas isso é normal. ESPERA-SE que seja estranho. É o que toma tudo tão divertido.

2. Existe o grande beijador? Se existe, quais são as qualificações (para que eu possa saber o que praticar)?

Existe. Um grande beijador é sempre carinhoso, gentil e paciente, e não insistente.

3. Quanta pressão você exerce com os lábios? Quer dizer, você empurra ou, como num aperto de mãos, você deve apenas ser firme? Ou você deve apenas ficar lá e deixá-lo fazer o trabalho todo?

Se você quer um beijo gentil (carinhoso) não aplique muita pressão (isso também é verdade se ele estiver usando aparelho — você não quer cau-

124

sar nenhum acidente). Se você der um beijo "forte" num cara (pressão demais), ele pode pensar que você está desesperada ou que você quer ir mais fundo do que você provavelmente quer.

Claro que você não deve só ficar lá e deixá-lo fazer o trabalho todo: beije-o de volta! Mas sempre o beije do jeito que VOCÊ quer ser beijada. É assim que os caras aprendem. Se nós não mostrarmos a eles como fazer tudo, nós nunca chegaremos a lugar nenhum!

4. Como você sabe que é hora de parar?

Pare quando ele parar, ou quando você sentir que já foi suficiente, ou que não quer ir mais fundo. Afaste a cabeça devagar (para não assustar o outro) ou, se for o momento certo, você pode trocar o beijo por um abraço, para depois dar um passo atrás.

5. É nojento mesmo quando a gente gosta da pessoa?

Claro que não! Beijar nunca é nojento!

Bem, tudo bem, talvez com Kenny possa ser. É *sempre melhor com alguém de que você realmente gosta.*

Claro, mesmo com alguém de que você realmente gosta, às vezes beijar pode ser nojento. Uma vez Dave me lambeu no queixo, e eu quase falei, Sai daqui. Mas acho que foi por acidente (a lambida).

6. Se ele está apaixonado por você, ele se importa se você for ruim? (Defina mau beijador. Veja acima.)

Se o cara gosta/ama você, ele não vai se importar se você é uma boa beijadora ou não. Na verdade, mesmo se você for uma má beijadora, ele

vai provavelmente pensar que você é boa. E vice-versa. Ele deve gostar de você pelo que você é — não pelo jeito que você beija.

DEFINIÇÃO DE MAU BEIJADOR: um mau beijador é alguém que deixa seu rosto todo babado, saliva em você, enfia a língua quando você não está preparada, tem mau hálito, ou as vezes pode haver beijadores cujas línguas são muito secas e espinhosas como um cacto, mas eu nunca experimentei um desses, só ouvi falar.

7. Quando você sabe se é hora de abrir a boca (entrando assim no beijo de língua)?

Você provavelmente vai sentir a língua dele tocar seus lábios. Se você quiser prosseguir com a idéia, abra os lábios um pouco. Se não, mantenha-os fechados.

Aguarde *au demain — capítulo II: como beijar de língua!!!!*

DEVER DE CASA

Álgebra — rever questões no fim dos capítulos 8-10

Inglês — Diário de inglês: Livros que eu li

Civilizações Mundiais — rever questões no fim dos capítulos 10-12

S&T: nada

Francês: rever questões no fim dos capítulos 7-9

Biologia: rever questões no fim dos capítulos 9-12

Quarta-feira, 10 de dezembro,

9 da noite, na limusine

saindo de Grandmère e indo

pra casa

Estou tão cansada que mal consigo escrever. Grandmère me fez experimentar cada um dos vestidos no *showroom* de Sebastiano. Você não acreditaria no número de vestidos que usei hoje. Vestidos curtos, vestidos longos, vestidos de saia reta, vestidos de saia rodada, vestidos brancos, vestidos rosas, vestidos azuis e até um vestido verde-lima (que Sebastiano declarou que deixava minhas bochechas mais “vermê”).

O objetivo de todo esse negócio de experimentação-de-vestido era escolher um para usar na Noite de Natal, durante meu primeiro discurso oficialmente transmitido para o povo genoviano. Tenho que parecer real, mas não muito real. Bonita, mas não muito bonita. Sofisticada, mas não muito sofisticada.

Estou dizendo a você, foi um pesadelo de mulheres magérrimas de branco (o novo preto), abotoando e zipando e me enfiando e me tirando de vestidos. Agora eu sei como todas aquelas supermodelos devem se sentir. Não me espanta que elas usem tantas drogas.

Na verdade, foi meio difícil escolher o vestido para meu primeiro grande evento televisionado, porque surpreendentemente Sebastiano mostrou ser um estilista muito bom. Houve vários vestidos que se fosse pega com eles eu realmente não *morreria* de vergonha.

Oops. Foi sem querer. Mas fico imaginando se Sebastiano realmente quer me matar.

Ele parece gostar de ser um estilista de moda, o que ele não poderia fazer se fosse príncipe de Genovia: ele estaria muito ocupado transformando projetos de lei em leis e coisas desse tipo.

Apesar disso, dá para ver que ele gosta totalmente de usar uma coroa. Não que, como administrador de Genovia, ele jamais tivesse de fazer isso. Eu nunca vi meu pai usando uma coroa. Só ternos. E *shorts,* quando ele joga raquetebol com outros líderes mundiais.

Ih, será que eu vou ter que aprender a jogar raquetebol?

Mas se Sebastiano se tornasse príncipe de Genovia, ele iria usar uma coroa o tempo todo. Ele me disse que nada traz mais brilho aos olhos de alguém do que diamantes em forma de peras. Ele prefere a Tiffany‟s. Ou, como ele a chama, Tiff‟s.

Já que vamos ficar tão amigos e tal, contei a Sebastiano sobre o Baile Inominável de Inverno, e que eu não tenho roupa para ir. Sebastiano pareceu desapontado quando entendeu que eu não estaria usando uma tiara no meu baile escolar, mas ele superou isso e começou a me fazer um monte de perguntas sobre o acontecimento: “Com quem você vai?” e “Como ele é?” e coisas assim.

Não sei o que foi, mas me descobri contando a Sebastiano tudo sobre minha vida amorosa. Foi tão estranho. Eu não queria, mas tudo simplesmente começou a sair.

Graças a Deus Grandmère não estava lá... ele teria sido obrigado a sair para comprar mais cigarros e para gelar mais seu *sidecar.*

Contei a Sebastiano tudo sobre Kenny e como ele me ama mas eu não o amo, e como eu realmente gosto de outra pessoa, mas ele não sabe nem que estou viva.

Sebastiano é um ótimo ouvinte. Eu não sei o quanto ele entendeu do que eu disse, se é que entendeu alguma coisa, mas ele não tirou os olhos de mim enquanto eu falava e, quando eu terminei, ele me olhou de cima a baixo no espelho e só disse uma coisa:

“Esse garoto de que você gosta. Como você sabe que ele não gosta de você também?”

“Porque sim”, respondi. “Ele gosta dessa outra garota.”

Sebastiano fez um movimento impaciente com as mãos. O gesto ficou mais dramático pelo fato de que ele estava usando mangas com aqueles enormes punhos com laços de renda.

“Não, não, não, não, não”, ele disse. “Ele ajudar você com seu dever de alge. Ele gostar você, ou ele não fazer isso. Por que ele fazer isso, se ele não gostar você?”

Eu entendi “Ele ajudar você com seu dever de alge” como “Ele ajuda você com seu dever de casa de álgebra”. Pensei um instante sobre por que Michael sempre fora tão solícito com aquilo. Me ajudar em álgebra, quero dizer. Acho que só porque eu sou a melhor amiga de sua irmã, e ele não é o tipo de pessoa que pode ficar sentado por ali e ver a melhor amiga de sua irmã ser reprovada na escola sem, sabe, pelo menos tentar fazer alguma coisa a respeito.

Enquanto eu estava pensando sobre isso, não pude deixar de lembrar que os joelhos de Michael, embaixo de nossas mesas, às vezes se esfregavam nos meus enquanto ele me falava sobre números inteiros. Ou que às vezes ele se inclina tão perto para corrigir alguma coisa que eu escrevi errado que eu posso sentir o cheiro limpo e bom de seu sabonete. Ou que às vezes, quando eu faço minha imitação de Lana Weinberger ou qualquer coisa, ele joga a cabeça para trás e ri.

Os lábios de Michael parecem supergostosos quando ele está sorrindo.

“Diga a Sebastiano”, me pediu Sebastiano. “Diga a Sebastiano por que esse garoto ajudar você se ele não gostar de você.”

Eu suspirei. “Porque eu sou a melhor amiga da irmã mais nova dele”, expliquei, tristemente. Realmente, poderia *haver* alguma coisa mais humilhante? Quer dizer, claramente Michael nunca ficou impressionado com meu intelecto aguçado ou minha aparência arrebatadoramente bela, dada minha baixa média de pontos e, claro, meu gigantismo.

Sebastiano puxou minha manga e falou: “Você não preocupar. Eu fazer vestido para baile, esse garoto ele não pensar em você como melhor amiga de irmã mais nova.”

É. Com certeza. Que seja. Por que todos os meus parentes têm que ser tão estranhos?

Enfim, nós escolhemos o que vou usar na TV nacional de Genovia durante minha apresentação. É essa coisa de tafetá branco com uma enorme saia rodada e esse cinturão azul claro (as cores reais são azul e branco). Mas Sebastiano fez uma de suas assistentes tirar fotos de mim em todos os vestidos, para que eu possa ver como eu fiquei neles e então decidir. Eu achei que isso era bastante profissional para um cara que chama café da manhã de “caf”.

Mas isso tudo não é o assunto sobre o qual quero escrever. Estou tão cansada que mal sei o que estou fazendo. O que eu quero escrever é sobre o que aconteceu hoje depois da revisão de álgebra.

É que o sr. Gianini, depois que todo mundo menos eu tinha saído, começou a falar:

“Mia, ouvi um rumor de que se esperava que

houvesse algum tipo de greve de estudantes hoje. Você ouviu falar nisso?”

Eu:

(gelando na cadeira) Humm, não.

Sr. Gianini:

Ah. Então você não sabe se alguém — talvez em protesto contra o protesto — apertou o alarme de incêndio do segundo andar?

Aquele perto do bebedor?

Eu:

(desejando que Lars parasse de tossir sugestivamente) Humm, não.

Sr. Gianini:

Foi o que pensei. Porque você sabe que a punição por apertar um dos alarmes de incêndio — quando não há, claro, sinal de fogo —

é a expulsão.

Eu:

Oh, sim, eu sei disso.

Sr. Gianini:

Achei que você podia ter visto quem fez isso, já que acredito que dei a você um passe livre pouco antes que o alarme tocasse.

Eu:

Oh, não. Não vi ninguém.

A não ser Justin Baxendale, e seus cílios enfumaçados. Mas eu não disse isso.

Sr. Gianini:

Achei que não. Bem. Se você souber quem foi, poderia dizer a essa pessoa, por mim, para jamais fazer isso novamente

Eu:

Humm. Tá bom.

Sr. Gianini:

E agradeça a ela por mim, também. A última coisa que precisamos agora, com a tensão subindo tanto por causa das finais, é uma greve de estudantes. (O sr. Gianini pegou a maleta e o casaco.) Vejo você em casa.

Então ele piscou para mim. PISCOU para mim, como se ele soubesse que tinha sido eu que fiz aquilo. Mas ele não podia saber. Quer dizer, ele não sabe sobre minhas narinas (que estavam totalmente infladas o tempo todo; eu podia *senti-las!).* Certo?

CERTO????

Quarta-feira, 10 de dezembro,

9 da noite, na limusine

saindo de Grandmère e

Lilly vai acabar me deixando maluca.

Sério. Como se não fosse suficiente eu ter provas finais e minha apresentação em Genovia e minha vida amorosa e tudo para me preocupar. Eu tenho de escutar a reclamação de Lilly sobre como a administração da Escola Albert Einstein está determinada a persegui-la. Durante todo o caminho para a escola hoje de manhã foi aquela lenga-lenga sobre como é tudo um complô para silenciá-la porque ela uma vez reclamou sobre a máquina de Coca-Cola do lado de fora do ginásio. Aparentemente a máquina de Coca-cola é indicativa dos esforços da administração para nos transformar todos em bebedores de refrigerante sem cérebro, clones e usando Gap, na opinião de Lilly.

Se você quer saber minha opinião, tudo isso não tem a ver com a Coca-Cola, ou as tentativas da administração da escola para nos transformar em bandos de pessoas sem cérebro. É realmente só porque Lilly ainda está furiosa porque não pode usar um capítulo do livro dela sobre experiências na escola em sua redação final.

Eu lembrei a Lilly que, se ela não apresentar um novo tema, vai ganhar um F como nota de bimestre. Somado a seu A do último bimestre, dá um C, o que vai significativamente baixar sua média de pontos e colocar em risco suas chances de entrar em Berkeley, que é

sua primeira opção de faculdade. Ela pode ser forçada a cair para sua segunda opção, Brown, o que eu sei que

seria um golpe e tanto.

Ela nem mesmo escutou o que eu estava falando. Ela diz que vai ter uma reunião de organização desse novo grupo (do qual ela é presidente), Estudantes Contra o Corporativismo da Escola Albert Einstein (ECCEAE), no sábado, e eu tenho de ir, porque eu sou a secretária do grupo. Não me pergunte como *isso* aconteceu. Lilly diz que eu escrevo tudo o que acontece mesmo, então isso não seria um problema para mim.

Queria que Michael estivesse lá para me proteger de sua irmã, mas como ele tem feito todos os dias esta semana, ele pegou o metrô mais cedo para a escola para poder trabalhar em seu projeto para o Carnaval de Inverno.

Imagino que Judith Gershner também vem aparecendo na escola mais cedo esta semana.

Falando nele, peguei outro cartão, desta vez da loja de presentes do Plaza, a caminho do *showroom* de Sebastiano na noite passada. É bem melhor do que aquele outro estúpido, com o morango. Este tem uma foto de uma dama levando um dedo aos lábios. Dentro, ele diz:

Shhhh...

Embaixo, fiz Tina escrever

As rosas são vermelhas

Mas as cerejas são mais

Ela pode clonar moscas

Mas de você eu gosto mais.

134

Eu queria dizer que gosto dele mais que Judith Gershner gosta, mas não tenho muita certeza de que isso fica claro no poema. Tina diz que fica, mas Tina acha que eu devia ter usado amo em vez de gosto, então quem sabe se sua opinião tem qualquer valor?

Este é um poema claramente pedindo um gosto e não um amo. Eu devo saber. Escrevo muitos.

Poemas, quero dizer.

135

Diário de Inglês

Este semestre nós lemos muitos romances, incluindo *O sol é para todos, Huckleberry Finn* e *A letra escarlate.* Em seu diário de inglês, por favor lembre seus sentimentos sobre os livros que lemos e livros em geral. Quais foram suas experiências mais significativas como leitora? Seus livros favoritos? Seu menos favorito?

Por favor utilize verbos transitivos.

Livros que eu li, e o que significaram para mim

Por Mia Thermopolis

Livros que foram bons:

1. *Tubarão* — Aposto que você não sabia que na versão em livro Richard Dreyfuss e a mulher de Roy Scheider fazem sexo. Mas eles fazem.

2. *O apanhador no campo de centeio* — Esse é totalmente bom. Tem montes de palavrões.

3. *O sol é para todos* — Este é um livro excelente. Eles deviam fazer uma versão em cinema com Mel Gibson como Atticus, e ele devia explodir o sr.

Ewell com um lança-chamas no final.

4. *Uma dobra do tempo* — Só que a gente nunca descobre a coisa mais importante: se Meg tem ou não seios. Estou achando

que ela provavelmente tinha, considerando o fato de que já usava os óculos e o aparelho. Quer dizer, tudo isso e sem peito, também? Deus não seria tão cruel.

5. *Emanuelle* — No oitavo ano, minha melhor amiga e eu descobrimos este livro no alto de uma lata de lixo na Rua 3 Leste. Nós fizemos turnos para lê-lo em voz alta. Foi muito, muito bom. Pelo menos as partes de que me lembro. Minha mãe nos pegou lendo ele e o levou embora antes que tivéssemos a chance de terminá-lo.

Livros que encheram o saco:*

1. *A letra escarlate* — Você sabe o que teria sido legal? Se houvesse uma quebra na continuidade espaço-tempo, e um daqueles terroristazinhos europeus que Bruce Willis está sempre perseguindo nos filmes *Duro de matar* jogasse uma bomba nuclear na cidade onde Arthur Dimmesdale e todos aqueles fracassados viviam, e mandassem tudo pelos ares. Esta é meio que a única coisa que posso pensar que teria tornado esse livro interessante, mesmo que remotamente.

2. *Nossa cidade* — Tudo bem, esta é uma peça e não um livro, mas eles ainda nos fazem lê-lo, e tudo o que tenho

a dizer sobre isso é que basicamente você descobre, quando morre, que ninguém ligava para você e que todos ficamos sós para sempre, fim. Tudo bem! Valeu! Me sinto bem melhor agora!

3. *O moinho à beira-rio* — Não quero revelar nenhum segredo aqui, mas no meio do livro, quando as coisas estão indo bem

e há todos aqueles romances quentes (mas não tão quentes quanto em *Emanuelle,* então não tenha muitas esperanças), alguém muito crucial para a história MORRE, o que, se você quer saber minha opinião, foi só uma estratégia para que o autor pudesse cumprir seu prazo de entrega do livro.

4. *Anne de Green Gables* — Todo aquele blablablá sobre imaginação. Eu tentei imaginar algumas perseguições de carro ou explosões que fariam realmente esse livro ser bom, mas eu devo ser como todos os amigos sem graça e sem imaginação de Anne, porque não consegui.

5. *Pequena casa na pradaria* — Pequeno bocejo no grande ronco. Eu tenho 97

mil iguais a esse, porque as pessoas ficavam me dando livros desse tipo quando eu era pequena, e tudo o que tenho de dizer é que se Half Pint tivesse vivido em Manhattan, ela teria tido a você-sabe-o-quê dela chutada daqui até a Avenida D.

*Sra. Spears, acredito que a palavra *encheram* é transitiva nesse caso.

Quinta-feira, 11 de dezembro,

quarto tempo

Nada de EF hoje!

Em vez disso, há uma assembléia.

E não é porque há um evento esportivo que eles querem que todos nós demonstremos o nosso apoio. Não! Esta não foi uma reunião de estímulo. Não havia nenhuma animadora de torcida à vista. Bom, tudo bem, havia animadoras de torcida à vista, mas elas não estavam de uniforme nem nada assim. Elas estavam sentadas nas arquibancadas com o resto de nós. Bem, não realmente com o resto de nós, já que elas estavam nos melhores assentos, aqueles do meio, todas se empurrando para ver quem ia se sentar perto de Justin Baxendale, que aparentemente havia ultrapassado Josh Richter como o cara mais gato da escola, mas enfim.

Não. Em vez disso, parece que houve uma grande infração disciplinar na Escola Albert Einstein. Um ato de vandalismo sem sentido que havia mexido com a fé da administração em nós. Que foi o motivo pelo qual eles convocaram uma assembléia, para que eles pudessem colocar melhor seus sentimentos de — como Lilly acaba de sussurrar em meu ouvido — de desilusão e traição.

E qual foi esse ato que fez com que a diretora Gupta e os administradores ficassem tão prontos para a guerra?

Bem, alguém apertou o alarme de incêndio ontem, é isso.

Oops.

Preciso dizer que nunca fiz nada realmente mau antes — bem, 139

eu joguei uma berinjela de uma janela do décimo-sexto andar uns dois meses atrás, mas ninguém se machucou nem nada — mas realmente há algo meio que emocionante nisso.

Quer dizer, eu nunca ia querer fazer nada *tão* ruim, tipo qualquer coisa em que alguém pudesse se machucar.

Mas eu também preciso dizer que é imensamente gratificante ter todas essas pessoas vindo ao microfone e condenando meu comportamento.

Eu provavelmente não me sentiria tão bem sobre isso se eu tivesse sido descoberta, no entanto.

Estou sendo impelida a seguir em frente e esperar a prestação de contas enquanto escrevo isso. Aparentemente, a culpa por minha ação vai me perseguir durante toda a adolescência, possivelmente até depois dos vinte anos e até além disso.

Tudo bem, posso só dizer a você o quanto eu NÃO vou pensar sobre a escola quando eu tiver mais de vinte anos? Vou estar muito ocupada trabalhando com o Greenpeace salvando as baleias para me preocupar com algum estúpido alarme de incêndio que eu apertei no primeiro ano.

A administração está oferecendo uma recompensa por informações que levem à identidade do prepetrador deste crime hediondo. Uma recompensa! Você sabe qual é a recompensa? Um passe livre de cinema para a sala do Sony Imax. Isso é tudo o que eu valho! Um passe de cinema!

A única pessoa que poderia possivelmente me entregar não está nem prestando atenção à assembléia. Estou vendo que Justin Baxendale pegou um Gameboy e está jogando sem som, enquanto Lana e suas

amiguinhas da torcida olham por sobre os seus largos ombros, provavelmente ofegando tanto que devem estar embaçando a tela.

Acho que Justin ainda não somou dois e dois. Sabe, sobre me ver no corredor logo antes que o alarme de incêndio soasse. Com alguma sorte, ele nunca somará.

Só que o sr. Gianini... Essa é outra história. Eu o vejo lá, falando com a sra. Hill. Ele obviamente não contou a ninguém que suspeita de mim.

Talvez ele não suspeite de mim. Talvez ele pense que Lilly tenha feito isso e eu saiba. Isso pode ser. Posso garantir que Lilly realmente desejaria que tivesse sido ela, porque fica resmungando sobre como, quando descobrir quem fez isso, ela vai matar essa pessoa etc.

Ela só está com inveja, claro. É porque agora parece algum tipo de manifestação política, em vez do que realmente foi: uma maneira de prevenir uma manifestação política.

A diretora Gupta está olhando para nós muito severamente. Ela diz que é sempre natural querer fazer um pouco de fumaça logo antes das provas finais, mas que ela espera que nós escolheremos canais positivos para isso, como o recolhimento de moedas que o Clube de Ajuda Comunitária está organizando para beneficiar as vítimas da Tempestade Tropical

Fred, que inundou bastante os arredores dos

subúrbios de Nova Jersey em novembro passado.

Ha! Como se contribuir com um estúpido recolhimento de moedas pudesse proporcionar a alguém o mesmo tipo de emoção que cometer um ato completamente despropositado de desobediência civil.

LISTA DE LILLY MOSCOVITZ DOS DEZ MELHORES

FILMES DE TODOS OS TEMPOS

Não diga nada: *Ll* oyd Dobler, iconoclasta do *kick-boxing* representado por John Cusack (aliás, quando é que ele vai concorrer a presidente para a gente ter alguém bacana na sala oval?), é que corre atrás da mais inteligente da turma (Ione Skye), que logo aprende o que todos nós sabemos: Lloyd é o namorado dos sonhos de todas as garotas. Ele nos entende. Ele deseja proteger-nos de vidros quebrados no estacionamento do Seven Eleven. Precisamos dizer mais? (Este filme também tem aquela música famosa, *Joe Líes.)*

Jovens sem rumo: Rebelde no mau caminho (Aidan Quinn) corre atrás da animadora de torcida certinha (Daryl Hannah). Um exemplo clássico de adolescentes lutando para quebrar o cabresto da expectativa dos pais. *(Além do mais dá para ver o você-sabe-o-quê do Aidan Quinn!)*

Procura-se Susan desesperadamente: Dona de casa suburbana entediada encontra o homem de seus sonhos no East Village. Um manifesto dos anos 80 sobre o

aumento de poder das mulheres. Também estrelando Madona e aquela dama que fez Jackie, a irmã

de Roseanne. *(Também estrelando, Aidan Quinn como o bonitão do East Víllage, só que não dá para ver realmente o você-sabe-o-quê dele neste filme. Mas dá pa ver a bunda!)*

O Feitiço de Áquila: Amantes azarados são pegos num feitiço do mal que apenas Matthew Broderick pode ajudá-los a quebrar. Rutger

Hauer faz um poderoso Navarre, um cavaleiro que vive apenas para exigir vingança contra o homem que ofendeu sua bela lsabeau, representada por Michelle Pfeiffer. Uma elegante e emocionante história de amor. *(Mas o que há com os cabelos de Matthew Broderick?)*

Dirty Dancíng: A mimada adolescente Baby aprende muito mais que o chá-chá-chá de Johnny, o instrutor de dança de cabelos compridos do *resort* de verão. Um clássico conto de jovens chegando à maturidade em Catskills, com importantes mensagens sobre o sistema de classes da América. *(Só que não dá para ver a bunda de ninguém.)*

Flashdance: Operária durante o dia e dançarina exótica à noite, a Alex de Jennifer Beals é uma feminista de fio dental, uma Elizabeth Cady Stanton da dança do ventre, que deseja fazer uma audição para o balé de Pittsburgh. *(Mas primeiro ela dorme com Míchael Nouri, seu chefe totalmente gato, e joga uma pedrona na janela dele!)*

Um casal quase perfeito: O antigo jogador de hóquei D.B. Sweeney se une a Moira Kelly, uma importante

patinadora rica e vaidosa, numa disputa nada razoável pelo ouro olímpico. Interessante pela construção estratégica de tensão sexual através da dança no gelo. *(Encostar-afastar. Encostaaaaaaar-afastar.)*

Alguém muito especial: Vitória da sapeca Mary Stuart Masterson sobre a vaidosa Lea Thompson pelo coração de Eric Stolz. Como sempre, *insight* perspicaz de John Hughes sobre a estrutura psicossocial dos adolescentes. *(O último filme no qual Eríc Stolz estava realmente gato.)*

Caindo na real: Quem a cineasta independente Winona Ryder vai escolher, o inteligente e preguiçoso Ethan Hawke, ou o claramente ambicioso Ben Stiller? *(Não é óbvio?) Footloose*: Forasteiro enfrenta as leis antidança de uma pequena cidade. Estrelando Kevin Bacon, que salva Lori Singer de seu violento namorado caipira. Mais notável pela cena do encontro da Associação de Pais e Professores: o personagem de Kevin Bacon mostra que já fez o dever de casa, ilustrado pela citação de muitas passagens bíblicas que dão apoio à dança. *(Nos filmes Fera urbana e O homem sem sombra dá para ver o você-sabe-o-quê de Kevin Bacon).*

Quinta-feira, 11 de dezembro,

S&T

Hoje foi meu almoço com Kenny no Big Wong.

Eu realmente não tenho nada a dizer a respeito, exceto que ele não me chamou para ir ao Baile Inominável de Inverno. Não apenas isso, mas parece que a paixão de

Kenny por mim baixou significativamente desde que alcançou o seu apogeu na terça-feira.

Eu, claro, estava começando a suspeitar disso, já que ele parou de me telefonar depois da escola e eu não recebi nenhuma mensagem dele no *chat* desde antes da grande Queda no Gelo. Ele diz que é porque está muito ocupado estudando para as provas finais e tal, mas eu suspeito de algo mais.

Ele sabe. Ele sabe sobre Michael

Quer dizer, fala sério. Como ele poderia não saber?

Bom, tudo bem, talvez ele não saiba sobre Michael *especificamente,* mas Kenny deve *saber genericamente* que não é ele que me deixa pegando fogo.

Se eu pegasse fogo, é isso.

Não, Kenny só está sendo legal.

O que eu aprecio, e tudo, mas só queria que ele viesse me dizer isso. Toda essa delicadeza e essa solicitude só estão me fazendo me sentir pior. Quer dizer, como eu pude? De verdade? Como eu pude ter concordado em ser a namorada de Kenny, sabendo muito bem que eu gostava de outra pessoa? Por direito, Kenny devia ir à revista *Majesty* e soltar tudo. “Traição Real”, é como eles poderiam chamar isso. Eu ia entender totalmente, se ele fizesse isso.

Mas ele não vai fazer. Porque ele é muito bacana.

Em vez disso, ele pediu almôndegas vegetarianas no vapor para mim e croquetes de carne de porco para ele (um sinal encorajador de que Kenny pode não me amar tanto quanto ele costumava insistir: ele está comendo carne novamente) e falou sobre biologia e sobre o que aconteceu na assembléia (eu não contei a ele que fui eu quem apertou o alarme, e ele não me perguntou, então não havia necessidade de inflar minhas narinas).

Ele mencionou novamente o quanto ele sentia por minha língua, perguntou como eu estava indo em álgebra, e se ofereceu para vir me ensinar se eu quisesse (Kenny já tinha feito a prova de álgebra dos calouros), claro, mesmo eu morando com um professor de álgebra. Além de tudo, dava para ver que ele estava querendo ser legal.

O que só me faz sentir pior. Por causa do que vou ter que fazer depois das finais e tudo.

Mas ele não me convidou para o baile.

Não sei se isso significa que não iremos, ou se significa que para ele está óbvio que nós vamos juntos.

Eu juro, não entendo mesmo os garotos.

Como se o almoço não tivesse sido ruim o suficiente, S & T não está sendo muito boa, também.. Não, Judith Gershner não está aqui... mas nem o Michael. O cara FALTOU. Ninguém sabe onde ele está. Lilly teve de dizer à sra. Hill, quando ela percebeu que seu irmão estava no banheiro.

Fico imaginando onde ele estará de verdade. Lilly diz que, desde que ele começou a escrever esse novo

programa que o Clube do Computador vai apresentar no Carnaval de Inverno, ela quase não o vê mais.

O que não é uma grande mudança, já que Michael mal sai do quarto de qualquer maneira, mas enfim. De repente ele vai para casa estudar, para variar.

Mas eu acho que ele não se importa mais com as notas, já que entrou para a universidade que queria.

Além disso, como Lilly, Michael é um gênio. Para que ele precisa estudar?

Ao contrário do resto de nós.

Espero que eles coloquem de volta a porta do almoxarifado. É extremamente difícil se concentrar com Boris arranhando seu violino aqui. Lilly diz que isso é apenas outra tática dos administradores para minar nossa resistência, para que nós nos transformemos nos vagabundos sem cérebro que eles estão tentando nos tornar, mas acho que é só por conta daquela vez em que todo mundo se esqueceu de abrir a porta e ele ficou trancado lá até o guarda-noturno ouvir seu pedido angustiado para ser solto.

O que é culpa de Lilly, se você pensar bem. Quer dizer, ela é namorada dele. Ela realmente devia tomar mais conta dele.

DEVER DE CASA

Álgebra: exercício para a prova

Inglês: redação final

Civilizações mundiais: exercício para a prova

S & T: nada

Francês: l‟examen pratique

Biologia: exercício para a prova

Quinta-feira, 11 de dezembro,

9 da noite

Grandmère está seriamente descontrolada. Hoje à noite ela começou a fazer um teste comigo, perguntando os nomes e responsabilidades de todos os ministros do gabinete de meu pai. Não apenas eu tenho de saber exatamente o que eles fazem, mas também seu estado civil e os nomes e idades de seus filhos, se houver. Parece que são os filhos com quem eu vou ter de ficar durante a celebração do Natal no palácio. Fico imaginando que eles vão me odiar tanto, ou até mais, quanto o sobrinho e a sobrinha do sr. Gianini me odiaram no Dia de Ação de Graças.

Acho que vou passar todos os meus feriados de agora em diante na companhia de garotos que me odeiam.

Sabe, eu só gostaria de dizer que eu não tenho mesmo culpa de ser uma princesa.

Eles não têm o direito de me odiar tanto. Eu fiz tudo o que podia para manter uma vida normal, apesar de meu *status* real. Eu dispensei oportunidades de estar nas capas de *Cosmo Girl, Teen People, Seventeen, YM e Girl’s Lifè.* Eu recusei o convite para ir ao *Total Request Live,* da

MTV, e apresentar o vídeo número um do país, e quando o prefeito perguntou se eu queria ser a pessoa que pressiona o botão para ligar as luzes na Times Square na Noite de Ano-Novo, eu disse não (não só porque eu vou estar em Genovia no Ano-Novo, mas porque eu me oponho à campanha mata-mosquitos do prefeito, pois os inseticidas usados na campanha contaminaram a população local de caranguejos-rei, e podem estar carregando o vírus da Febre do

Nilo. Um composto do sangue dos caranguejos-rei, que se aninham por toda a costa leste, é usado para testar a pureza de cada droga e vacina administrada nos Estados Unidos. Os caranguejos são catados, drenados de um terço de seu sangue e depois soltos novamente no mar... um mar que agora está matando todos eles, bem como muitos outros artrópodes, como lagostas, graças à quantidade de inseticida na água).

Enfim, só estou dizendo que todos os garotos que me odeiam deviam apenas ficar frios, porque eu nunca estive à caça dos refletores, mas me jogaram na frente deles.

Nunca nem mesmo convoquei minha própria entrevista coletiva de imprensa.

Mas estou divagando.

Então Sebastiano estava lá, tomando aperitivos e escutando minha récita de nome após nome (Grandmère fez cartões com as fotos dos ministros do gabinete — tipo aqueles cartões dos Backstreet Boys que vêm no chiclete, só que os ministros do gabinete não usam roupa de couro). Eu estava pensando que bem podia estar enganada sobre o engajamento de Sebastiano na moda,

e que ele bem podia estar ali pegando algumas dicas para depois me empurrar na frente de uma limusine em movimento ou algo assim.

Mas quando Grandmère fez uma pausa para atender a um telefonema de seu velho amigo General Pinochet, Sebastiano começou a me fazer um monte de perguntas sobre roupa, em particular que roupas meus amigos e eu gostávamos de usar. O que eu achava, ele queria saber, de calças *stretch* de veludo? *Tops* de *spandex?* Lantejoulas?

Eu disse a ele que tudo aquilo parecia, sabe, bacana para Halloween ou Jersey City mas que em minha vida no dia-a-dia eu prefiro algo-

dão. Ele pareceu meio triste com isso, então eu disse a ele que eu realmente achava que o laranja ia ser o próximo rosa, e aquilo o alegrou muito e ele escreveu um monte de coisas em seu caderno que ele carrega por aí. Tipo como eu faço, pensando bem.

Quando Grandmère saiu do telefone, eu a informei — muito diplomaticamente, devo acrescentar — de que, considerando o progresso que nós havíamos feito nos últimos três meses, eu me sentia mais que preparada para minha iminente apresentação ao povo de Genovia, e que eu não achava que seria necessário ter aulas na próxima semana, já que eu tenho que me preparar para CINCO provas finais.

Mas Grandmère ficou totalmente ofendida com isso! Ela ficou toda “De onde você tirou a idéia de que sua educação acadêmica é mais importante do que seu treinamento real? Seu pai, suponho. Com ele, é sempre

educação, educação, educação. Ele não percebe que educação não está nem um pouco perto de ser tão importante quanto comportamento.”

“Grandmère”, argumentei, “eu preciso de uma educação se quiser dirigir Genovia apropriadamente.” Especialmente se vou converter o palácio num gigantesco abrigo para animais — algo que não vou ser capaz de fazer até que Grandmère morra, então não vejo motivo para mencionar isso a ela agora... ou nunca, por sinal.

Grandmère pronunciou alguns xingamentos em francês, o que não foi um comportamento muito principesco da parte dela, se você quiser saber a minha opinião.

Felizmente, bem nessa hora meu pai entrou, procurando sua medalha da Força Aérea Genoviana, já que ele tinha um jantar de estado para ir na embaixada. Eu contei a ele sobre minhas provas finais e como eu realmente precisava dar um tempo dessas coisas de princesa para estudar, e ele foi todo: “Sim, claro.”

Quando Grandmère protestou, ele só falou: “Pelo amor de Deus, se ela ainda não aprendeu até agora, não vai aprender nunca mais.”

Grandmère apertou os lábios e não disse mais nada depois disso. Sebastiano usou a oportunidade para me perguntar sobre o que eu achava do *rayon.* Eu disse a ele que não tinha nenhum.

Pela primeira vez eu estava dizendo a verdade.

Sexta-feira, 12 de dezembro,

sala de estudos

AQUI ESTÁ O QUE TENHO DE FAZER:

1. Parar de pensar em Michael, especialmente quando eu devia estar estudando.

2. Parar de contar a Grandmère qualquer coisa sobre minha vida pessoal.

3. Começar a agir com mais:

A. Maturidade

B. Responsabilidade

C. Realeza

4. Parar de roer as unhas.

5. Escrever tudo o que mamãe e o sr. G precisam saber sobre como cuidar de Fat Louie enquanto eu estiver fora.

6. PRESENTES DE NATAL/HANNUKAH!

7. Parar de assistir a *Baywatch* quando eu devia estar estudando.

8. Parar de jogar Pod-Racer quando eu devia estar estudando.

9. Parar de ouvir música quando eu devia estar estudando.

10. Terminar com Kenny.

Sexta-feira, 12 de dezembro,

sala da diretora Gupta

Bem, acho que agora é oficial:

Eu, Mia Thermopolis, sou uma delinqüente juvenil. Sério. Aquele alarme de incêndio que eu apertei foi apenas o início, parece.

Eu realmente não sei o que vem acontecendo comigo ultimamente. É como se, quanto mais perto eu chego de realmente ir para Genovia e representar minhas primeiras obrigações oficiais como princesa de lá, menos eu ajo como uma princesa.

E se eu for expulsa?

Se eu for, é totalmente injusto. Foi Lana que começou essa história. Eu estava sentada lá na aula de álgebra, escutando o sr. G falar sobre o plano cartesiano, quando subitamente Lana se vira para trás e joga uma cópia do *USA Today* na minha carteira.

Há um título gritando:

TODAY'S POLL

A jovem Realeza Mais Popular

Cinqüenta e sete por cento dos leitores dizem que o **Príncipe William da Inglaterra** é seu jovem favorito da realeza, com o irmão mais novo de Will, **Harry**, vindo com 28 por cento. A

princesa americana, **Princesa Mia Renaldo, da Genovia,** aparece em terceiro, com 13 por cento dos votos, e as filhas do Príncipe Andrew e de Sarah Ferguson, **Beatrice** e **Eugenie**, têm em torno de um por cento dos votos cada.

As razões para o terceiro lugar da Princesa Mia? “Não aparece” é a resposta mais comum. Ironicamente, a Princesa Mia é tida como sendo tão tímida quanto a Princesa Diana — a mãe de William e Harry — quando ela pisou pela primeira vez no duro brilho dos refletores da mídia.

A Princesa Mia, que só recentemente descobriu que era herdeira do trono de Genovia, um pequeno principado localizado na Cote d‟Azur, deve fazer sua primeira viagem oficial para aquele país na próxima semana. Um representante da princesa informa sua “grande expectativa” com relação a essa visita. A princesa vai continuar sua educação nos Estados Unidos e vai morar em Genovia apenas durante os meses de verão.

Eu li o artigo estúpido e então passei jornal de volta para Lana.

“E daí?”, susurrei para ela.

“Daí”, sussurrou Lana de volta, “imagino o quanto você seria popular —especialmente com o povo de Genovia — se eles descobrissem que sua futura rainha sai por aí apertando alarmes de incêndio quando não há nenhum fogo.”

Ela estava só supondo, claro. Ela não podia ter me visto. A menos que...

A menos que talvez Justin Baxendale tenha se tocado! Sabe, me ver no corredor daquele jeito, logo antes do alarme soar — e ele mencionou aquilo para Lana...

Não. Impossível. Estou tão remotamente distante da esfera da consciência de Justin Baxendale que sou inexistente para ele. Ele não contou nada a Lana. Lana, como o sr.

G, obviamente acha que é um pouco coincidência demais que, naquela quarta-feira fatídica, o alarme de fogo tenha soado cerca de dois minutos depois que eu desapareci da classe com o passe para o banheiro.

Mas mesmo assim. Mesmo se ela estivesse só especulando, me pareceu que sabia de tudo, como se ela só quisesse se certificar de que eu não ouvi o final do alarme.

Eu realmente não sei o que deu em mim. Não sei se foi

A. O estresse das provas finais

B. Minha viagem iminente para Genovia

C. A história com Kenny

D. O fato de que estou apaixonada por esse cara que está saindo com uma mosca de fruta humana

E. O fato de que minha mãe vai dar à luz um bebê de meu professor de álgebra F. O fato de que Lana vem me perseguindo praticamente a vida inteira e muitas vezes escapa disso sem troco, ou

G. Todas as respostas acima.

Qualquer que tenha sido a razão, eu explodi. Simplesmente explodi. De repente, me vi pegando o celular da Lana, que estava em cima da carteira ao lado de sua calculadora.

155

E então, quando vi, tinha colocado aquela coisinha rosa no chão e quebrado-a em muitos pedaços com os saltos de minhas botas de combate tamanho 44.

Acho que não posso realmente culpar o sr. G por me mandar para a sala da diretora.

Ainda

assim,

daria

para

esperar

um

pouco

de

simpatia

de

seu

próprio padrasto.

Ai-ai. Lá vem a diretora Gupta.

156

Sexta-feira, 12 de dezembro,

5 da tarde, no saguão

Bem, aí está, então. Estou suspensa.

Suspensa.

Não

consigo

acreditar.

EU!

Mia

Thermopolis!

O

que

está acontecendo comigo? Sempre fui tão boazinha!

E tudo bem, é só por um dia, mas ainda assim. Vai estar em meu histórico escolar! O que vão dizer os ministros do gabinete genoviano?

Estou me transformando em Courtney Love.

E tudo bem, não vou deixar de entrar para a universidade porque fui suspensa por um dia no primeiro

semestre de meu ano de caloura, mas como é totalmente embaraçoso! A diretora Gupta me tratou como se eu fosse algum tipo de *criminosa* ou algo assim.

E você sabe o que eles dizem: Trate uma pessoa como uma criminosa e muito em breve ela vai terminar sendo uma. Pelo menos é isso o que acho que dizem. Do jeito que as coisas estão indo, eu não ficaria surpresa se logo começar a usar meias de rede rasgadas e pintar meu cabelo de preto. Talvez eu até comece a fumar e faça uns dois *piercings* em cada orelha ou algo assim. E então vão fazer um filme de TV sobre mim, e chamá-lo *Escândalo real.* No filme eu vou até o Príncipe William e digo: "E agora, quem é a jovem realeza mais popular, hein, *punk?"* e então dou uma cabeçada nele.

Só que eu quase desmaiei da primeira vez que furei as orelhas, e acho que fumar é realmente ruim, e não duvido de que uma cabeçada machuca.

Acho que não tenho condições para ser uma delinqüente juvenil, no fim das contas.

Meu pai também acha. Ele está todo pronto para lançar os advogados da realeza genoviana sobre a diretora Gupta. O único problema, claro, é que eu não vou contar a ele — nem a mais ninguém, por sinal — o que Lana me disse para que eu atacasse o celular dela. É meio difícil provar que o ataque foi provocado se o atacante não disser qual foi a provocação. Meu pai ficou implorando um tempão para eu contar tudo quando veio me pegar na escola, depois de receber O Telefonema da diretora Gupta.

Mas quando eu não contei o que ele queria, e Lars estava cuidadosamente alheio, meu pai só falou “Bom”, e sua boca ficou toda torta, como fica quando Grandmère toma muitos *sidecars* e começa a chamá-lo de Papa Bola da Vez.

Mas como eu posso contar a ele o que Lana disse? Se eu fizer isso, então todo mundo vai saber que eu sou culpada de não apenas um, mas dois crimes!

Enfim, agora estou em casa, assistindo ao canal Lifetime com minha mãe. Ela não anda pintando muito no estúdio desde que ficou grávida. É porque ela fica exausta. E ela descobriu que é muito difícil pintar deitada. Então em vez disso ela vem fazendo um monte de rabiscos na cama, muitos desenhos de Fat Louie, que parece gostar de ter alguém em casa o dia inteiro com ele. Ele fica sentado durante horas na cama dela, observando os pombos da escada de incêndio do lado de fora da janela.

Mas, já que estou em casa hoje, mamãe fez alguns desenhos de mim. Acho que ela está fazendo minha boca muito grande, mas não estou dizendo nada, já que o sr. Gianini e eu descobrimos que é melhor

não aborrecer minha mãe em seu atual estado hormonal. Até a crítica mais leve — como perguntar a ela por que ela deixou a conta do telefone na saladeira — pode provocar um ataque de choro de mais de uma hora.

Enquanto ela me desenhava, assisti a um filme muito maravilhoso chamado *Amor de obsessão,* estrelando Tori Spelling, que fez fama em *Barrados no baile* como a namorada de um cara violento. Eu realmente não entendo por que qualquer garota ficaria com um cara

que bate nela, mas minha mãe diz que isso tem a ver com auto-estima e o relacionamento com o pai. Só que mamãe não tem esse relacionamento tão maravilhoso assim com Paizinho, e se qualquer cara tentasse bater nela, você pode apostar que ela o colocaria no hospital, então vá entender.

Enquanto minha mãe desenhava, ela tentou me fazer me abrir com ela, sabe, sobre o que Lana disse que me fez fazer aquela loucura de pisação de celular. Acho que ela estava tentando mesmo ser aquela mãe de TV na hora.

Eu acho que funcionou, porque de repente me descobri contando tudo para ela, tudinho: a história do Kenny, que eu não gosto de beijá-lo, o que ele contou para todo mundo e meu plano de terminar com ele depois da provas finais.

E mencionei também Michael e Judith Gershner, Tina, os cartões, o Carnaval de Inverno, Lilly e seu grupo de protesto e eu como secretária do grupo e tudo o mais, exceto a parte do alarme de incêndio.

Depois de um tempo minha mãe parou de desenhar e só olhou para mim.

Finalmente, quando eu terminei, ela começou a dizer: “Sabe do que eu acho que você precisa?”

E eu: “Do quê?”

E ela respondeu: “De umas férias.”

Então nós tivemos um tipo de férias, bem ali na cama dela.

Quer dizer, ela não me mandou estudar. Em vez disso, ela me fez pedir uma pizza e juntas nós assistimos ao satisfatório mas completamente inacreditável final de *Amor de obsessão,* que foi seguido, para nossa alegria, pelo filme mais horrível feito-para-TV, *Obsessão no meio-oeste,* no qual Courtney Thorne-Smith faz a Princesa do Leite local, que sai por aí num Cadillac rosa usando brincos de pele de vaca e mata pessoas como Tracey Gold (no auge da agonia de sua anorexia pós-seriado *Growing Pains)* por mexer com o namorado dela. E a melhor parte é que era tudo *baseado numa história real.*

Por um momento, lá na cama da minha mãe, foi quase como nos velhos tempos.

Sabe, antes que minha mãe conhecesse o sr. Gianini e eu descobrisse que era uma princesa.

Só que, claro, não de verdade, porque ela está grávida e eu estou suspensa.

Mas por que criticar?

Sexta-feira, 12 de dezembro,

8 da noite, no loft

Oh, meu Deus, acabei de checar meu e-mail. Estou sendo inundada com mensagens de apoio dos meus amigos!

Todos eles querem me parabenizar por minha forma decisiva de lidar com Lana Weinberger. Eles simpatizam com minha suspensão e me encorajam a ficar firme em minha postura contra a diretoria (que postura contra a

diretoria? Tudo o que eu fiz foi destruir um telefone celular. Não tem nada a ver com a diretoria). Lilly foi tão longe que me comparou com Mary, Rainha da Escócia, que foi aprisionada e depois decapitada por Elizabeth I.

Imagino se Lilly continuaria pensando a mesma coisa se soubesse que eu esmaguei o celular da Lana porque ela ameaçou espalhar que eu apertei o alarme de incêndio que arruinou a greve de Lilly.

Lilly diz que é tudo questão de princípios, que eu fui banida da escola por me recusar a renunciar às minhas crenças. Mas, na verdade, fui banida da escola por destruir a propriedade privada de outra pessoa — e só fiz isso para encobrir outro crime que cometi.

Ninguém sabe disso além de mim, no entanto. Bem, de mim e de Lana. E nem ela tem certeza. Quer dizer, aquilo podia ter sido apenas um daqueles atos gratuitos de violência que acontecem por aí.

Mas para todas as outras pessoas este é um grande ato político. Amanhã, na primeira reunião da Estudantes Contra o Corporativismo

da Escola Albert Einstein, meu caso vai ser mostrado como um exemplo de uma das muitas decisões injustas da direção Gupta.

Acho que para amanhã eu preciso desenvolver uma infecção de garganta que dure todo o fim de semana.

Enfim, respondi a todo mundo que apreciei muito o apoio, mas que não fizessem daquilo um negócio maior do que realmente é. Quer dizer, não estou orgulhosa do

que fiz. Eu preferia NÃO ter feito aquilo, e não ter sido suspensa.

Um registro feliz: Michael com certeza está recebendo os cartões que venho mandando para ele. Tina passou pelo armário dele hoje depois da EF e o viu pegar o último, tirar e colocar em sua mochila! Infelizmente, de acordo com Tina, ele não fez nenhuma expressão de paixão avassaladora enquanto colocava o cartão na mochila, nem olhou para ele com ternura. Ele nem mesmo o guardou com muito cuidado: Tina lamentou me informar que ele enfiou o *laptop* iMac dele na mochila depois, indubitavelmente esmagando o cartão.

Mas Tina se apressou em me dizer, ele não teria feito isso se soubesse que o cartão era seu, Mia! Talvez se você tivesse assinado...

Mas se eu assinasse, ele saberia que eu gosto dele! Mais que isso, ele saberia que o amo, já que acredito que a palavra com A foi mencionada em pelo menos um cartão. E

se ele não sentir a mesma coisa por mim? Que vexame! Tipo pior do que ser suspensa.

Oh, não! Enquanto eu estava escrevendo isso, recebi mensagem no *chat* de, entre todas as pessoas, o próprio Michael! Eu fiquei tão alucinada que gritei e assustei Fat Louie, que estava dormindo em meu colo enquanto eu escrevia. Ele enfiou todas as 162

suas unhas em mim e agora estou com furinhos espalhados pelas minhas coxas.

Michael escreveu:

CRACKING: Ei, Thermopolis, que papo é esse que ouvi sobre você estar suspensa?

Eu escrevi de volta:

FTLOUIE: Só por um dia

CRACKING: O que você fez?

FTLOUIE: Quebrei um telefone celular de uma chefe de torcida.

CRACKING: Seus pais devem estar tão orgulhosos.

FTLOUIE: Se estão, eles fizeram um ótimo trabalho escondendo isso de mim.

CRACKING: Então você está de castigo?

FTLOUIE: Surpreendentemente, não, O ataque ao celular foi provocado.

CRACKING: Então você ainda vai ao Carnaval na semana que vem?

FTLOUIE: Como secretária da Estudantes Contra o Corporativismo da Escola Albert Einstein, acredito que minha presença seja requerida. Sua irmã está querendo que a gente tenha uma barraca.

CRACKING: Essa Lilly. Ela sempre está procurando o melhor da espécie humana.

FTLOUIE: É um ponto de vista.

Acho que teríamos conversado bem mais, mas naquela hora minha mãe gritou para eu sair da linha, já que ela está esperando notícias do sr. Gianini, que, surpreendentemente, ainda não chegou em casa da escola, mesmo que já tivesse passado da hora do jantar. Então eu me desconectei.

Esta é a segunda vez que Michael pergunta se eu vou ao Carnaval de Inverno. O que será que está acontecendo?

Sexta-feira, 12 de dezembro,

9 da noite, no loft

Agora sabemos por que o sr. G se atrasou tanto para chegar em casa: Ele parou no caminho para comprar uma árvore de Natal.

Não apenas qualquer árvore de Natal, mas uma de quatro metros de altura que deve ter pelo menos dois metros de largura na base.

Eu não disse nada contra, claro, porque minha mãe ficou tão feliz e animada com ela que imediatamente apareceu com todos os seus enfeites de Celebridades Mortas de Natal (minha mãe não usa bolas bonitas de vidro ou enfeites brilhantes em sua árvore de Natal, como pessoas normais. Em vez disso, ela pinta pedaços de lata com as imagens de celebridades que morreram naquele ano, e pendura tudo na árvore. É por isso que a gente tem a única árvore da América do Norte com ornamentos homenageando Richard e Pat Nixon, Elvis, Audrey Hepburn, Kurt Cobain, Jim Henson, John Belushi, Rock Hudson, Alec Guiness, Divine, John Lennon e muitos, muitos mais).

E o sr. Gianini ficou olhando para mim, para ver se eu estava feliz, também. Ele trouxe a árvore, explicou, porque sabia do dia ruim que eu havia tido, e ele não queria que fosse um desastre total.

O sr. G, claro, não tem idéia sobre o tema de minha redação final de Natal.

O que eu podia falar? Quer dizer, ele já havia saído e comprado a árvore, e você sabe que uma árvore daquele tamanho deve ter custado caro à beça. E ele queria fazer uma coisa bacana. E realmente fez.

Ainda assim, eu preferiria que as pessoas por aqui me consultassem antes sobre algumas coisas. Como por exemplo, a gravidez, e agora essa árvore. Se o sr. G tivesse me perguntado, eu teria falado tipo "Vamos ao Big Kmart no Astor Place comprar uma árvore artificial bem bacana para não contribuir com a destruição do hábitat natural do urso polar, certo?"

Só que ele não me perguntou.

E a verdade é que, mesmo se ele tivesse perguntado, minha mãe jamais teria comprado uma árvore artificial. O que ela mais gosta de fazer no Natal é ficar deitada no chão com a cabeça embaixo da árvore, olhando pelos galhos e inalando o doce cheiro especial da essência de pinho. Ela diz que é a única lembrança de sua infância em Indiana de que ela realmente gosta.

É difícil pensar nos ursos polares quando sua mãe diz algo assim.

Sábado, 13 de dezembro, 2 da

tarde, apartamento de Lilly

Bem, a primeira reunião dos Estudantes Contra o Corporativismo da Escola Albert Einstein foi um fracasso total.

Isso porque ninguém apareceu além de mim e Boris Pelkowsky Estou um pouco chateada porque Kenny não veio. Você poderia pensar que, se ele realmente me amasse tanto quanto diz que ama, ele agarraria qualquer oportunidade que fosse de estar perto de mim, até mesmo uma reunião chata dos Estudantes Contra o Corporativismo da Escola Albert Einstein.

Mas acho que até o amor de Kenny não é tão grande assim. Como devia estar óbvio para mim agora, considerando o fato de que estamos a exatamente seis dias do Baile Inominável de Inverno e Kenny AINDA NÃO ME PERGUNTOU SE EU QUERO IR

COM ELE.

Não que eu esteja preocupada, nem nada. Quer dizer, uma garota que apertou um alarme de incêndio E esmagou o celular de Lana Weinberger, preocupada por não ter companhia para um baile idiota?

Tudo bem. Estou preocupada.

Mas não suficientemente preocupada para dar uma de Sadie Hawkins e chamar *ele* para o baile.

Lilly está muito mais inconsolável com o fato de que ninguém, além de Boris e eu, apareceu para sua reunião.

Eu tentei dizer a ela que todo mundo está muito ocupado estudando para as provas finais

para se preocupar com privatização no momento, mas ela não quis escutar. Agora ela está sentada no sofá, com Boris falando com ela numa voz tranqüilizante. Boris é muito nojento e tudo — com aqueles suéteres que ele sempre enfia dentro das calças, e aquele estranho aparelho que seu ortodontista o obriga a usar — mas você pode ver que ele sinceramente ama Lilly. Quer dizer, o jeito carinhoso com que ele está olhando para ela enquanto ela soluça sobre como vai ligar para seu representante no congresso.

Dói no coração ver Boris olhando para Lilly.

Acho que eu devo estar com inveja. Quero que um garoto olhe para *mim* desse jeito.

E não quero que seja Kenny. Quero um garoto de que eu realmente goste também, mais do que apenas como amigo.

Não consigo mais agüentar. Vou entrar na cozinha para ver o que Maya, a empregada dos Moscovitz, está fazendo. Até ajudar a lavar louça deve ser melhor do que isso.

Sábado, 13 de dezembro, 2:30

da tarde, apartamento de

Lilly

Maya não estava na cozinha. Ela estava aqui, no quarto de Michael, arrumando o uniforme escolar dele, que ela acabou de passar. Maya está por aqui arrumando as coisas de Michael e me contando sobre seu filho Manuel. Graças à ajuda dos drs.

Moscovita, Manuel foi recentemente solto da prisão na República Dominicana, onde ele fora preso por engano por suspeita de ter cometido crimes contra o Estado. Agora Manuel está fundando seu próprio partido político e Maya está tão orgulhosa quanto possível, mas está preocupada que ele possa terminar voltando à prisão se não baixar um pouco o tom dessa coisa anti-governo.

Manuel e Lilly têm muito em comum, eu acho.

As histórias de Maya sobre Manuel são sempre interessantes, mas é muito mais interessante estar no quarto de Michael. Eu já estive nele antes, claro, mas nunca quando ele não estava (ele está na escola, apesar de ser sábado, trabalhando no laboratório de computação em seu projeto para o Carnaval; parece que o *modem* da escola é mais rápido que o dele. Também, eu suponho, embora odeie ter que admitir isso, ele e Judith Gershner podem praticar livremente o *download* deles lá, sem medo de interrupção paternal).

Então estou deitada na cama de Michael enquanto Maya vaga por ali, dobrando camisas e resmungando sobre açúcar, uma das princi-

pais exportações de sua terra natal e aparentemente fonte de alguma consternação para a plataforma política de seu filho, enquanto o cachorro de Michael, Pavlov, se

senta perto de mim, bafejando no meu rosto. Não consigo deixar de pensar: *Se eu sou Michael...*

Isso é o que Michael vê quando ele olha para cima à noite (ele colocou estrelas fosforecentes lá em cima, na forma da galáxia em espiral Andrômeda) e *Esse é o cheiro do lençol de Michael* (frescor de primavera, graças ao sabão que Maya usa) e *Ali está a mesa de Michael vista da cama dele.*

Só que, olhando para a mesa, eu simplesmente notei algo. E um de meus cartões!

Aquele do morango!

Não está exatamente à mostra, nem nada. Está apenas ali na mesa dele. Mas ei, isso já é bem diferente de estar amarrotado no fundo da mochila dele. Mostra que os cartões significam algo para ele, que ele não os enterrou embaixo de todos os outros lixos da sua mesa — os manuais DOS e literatura anti-Microsoft — ou pior, os jogou fora.

Isso é encorajador, com certeza.

Ai-ai. Acabo de ouvir a porta da frente se abrir. Michael??? Ou os drs.

Moscovitz???? Melhor eu sair daqui. Michael não tem todos esses avisos ENTRE POR

SUA CONTA E RISCO na porta à toa.

Sábado, 13 de dezembro, 3 da

tarde, suíte de Grandmère

Como, você deve perguntar, eu saí do apartamento dos Moscovitz para a suíte de minha avó no Plaza no espaço de apenas meia hora?

Bem, eu conto a você.

O desastre se chama Sebastiano.

Eu sempre suspeitei, claro, de que Sebastiano não era o inocente de-temperamento-doce que ele fingia ser. Mas agora parece que o único assassinato com o qual Sebastiano precisa se preocupar é o dele mesmo. Porque, se meu pai puser as mãos nele, Sebastiano é um estilista de moda morto.

Olhando objetivamente para os fatos, acho que posso dizer com certeza que eu preferia ter sido assassinada. Quer dizer, eu estaria morta e tudo, o que seria triste — especialmente já que eu ainda não escrevi aquelas instruções para cuidar de Fat Louie enquanto eu estiver fora — mas pelo menos eu não teria que aparecer na escola segunda-feira.

Só que agora, eu não apenas tenho que aparecer na escola segunda-feira, mas tenho que aparecer na escola segunda-feira sabendo que cada um de meus colegas de classe vai ter visto o suplemento que veio no *Sunday Times:* exibindo umas vinte fotos MINHAS posando em frente a um espelho triplo com vestidos *by* Sebastiano, com as palavras “Moda perfeita para uma Princesa” emoldurando a página.

Oh, sim. Não estou brincando. Moda perfeita para uma Princesa.

Não posso realmente culpá-lo, eu acho. Sebastiano, quer dizer. Suponho que a oportunidade foi demais para ele resistir. Afinal de contas, ele é um homem de negócios, e ter uma modelo princesa para suas roupas... bem, não se consegue comprar uma exposição como essa.

Porque você sabe que todos os outros jornais vão prosseguir com a história. Sabe, Princesa de Genovia Faz Début Como Modelo. Esse tipo de coisa.

Então, com apenas uma pequena mostra de fotos, Sebastiano vai ter uma cobertura mundial de sua nova coleção.

Uma coleção que parece que eu endossei.

Grandmère não entende por que meu pai e eu estamos tão chateados. Bem, acho que ela entende por que meu pai está chateado. Você sabe, toda aquela coisa “Minha filha está sendo usada” e tal. Ela só não entende por que *eu* estou tão infeliz. “Você ficou tão bonita”, ela fica dizendo.

Então tá. Como se isso ajudasse.

Grandmère acha que estou exagerando. Mas olha só, eu desejei seguir os passos de Claudia Schiffer? Acho que não. Moda não tem nada a ver comigo. E que tal o meio ambiente? Que tal os direitos dos animais? Que tal os CARANGUEJOS-REI??????

As pessoas não vão acreditar que eu não posei para aquelas fotos. As pessoas vão achar que sou uma

vendida. As pessoas vão pensar que sou uma modelo esnobe de nariz empinado.

Eu preferia tanto que eles pensassem que sou uma delinqüente juvenil, isso eu garanto.

Mal sabia eu que, quando ouvi a porta da frente do apartamento dos Moscovitz se abrir e vazei para fora do quarto de Michael, eu estava prestes a ser presenteada com notícias desastrosas. Eram só os pais de Lilly, no fim das contas, chegando em casa da ginástica, onde eles haviam ido encontrar seus *personal trainers.* Mais tarde, eles pararam para um *latte* e leram o *Sunday Times,* cuja maior parte das seções chegam, por motivos que ninguém entende, no sábado, se você tiver assinatura.

Que surpresa eles tiveram quando abriram o jornal e viram a Princesa de Genovia apregoando essa bacana coleção de primavera desse novo estilista de moda.

Que surpresa eu tive quando os drs. Moscovitz me congratularam por minha nova carreira de modelo e eu fiquei toda tipo “do que vocês estão falando?”.

Aí, enquanto Lilly e Boris olhavam para mim com curiosidade, o dr. Moscovitz abriu o jornal e me mostrou.

E lá estava, em toda a glória de seu *layout* de quatro cores.

Não vou mentir e dizer que eu estava mal. Eu estava legal. O que eles fizeram foi pegar todas as fotos que a assistente de Sebastiano tirou de mim tentando decidir que vestido usar em minha apresentação ao povo de Genovia e colocar todas num fundo púrpura. Não estou

sorrindo nas fotos, nem nada. Só estou me olhando no espelho, com certeza pensando *Ei, não é que eu pareço mesmo um palito andante?*

Mas claro, se você não me conhecesse e não soubesse POR QUE eu estava experimentando todos aqueles vestidos, acharia que eu sou FISSURADA num visual noite.

Que é exatamente como eu gostaria que todo mundo me visse.

173

NÃO!!!!!!!

Tenho que admitir, estou um pouco magoada. Quando Sebastiano me fez aquelas perguntas todas sobre Michael, achei que a gente estava se aproximando um do outro.

Mas acho que não. Não se ele foi capaz de fazer uma coisa dessas.

Meu pai já ligou para o Ti *mes* e pediu que eles retirem o suplemento de todos os jornais que não foram entregues ainda. Ele ligou para a portaria do Plaza e insistiu para que Sebastiano fosse fichado como *persona non grata,* o que significa que não será permitido que o primo do príncipe de Genovia coloque os pés na propriedade do hotel.

Achei que isso era um pouco cruel, mas não tão cruel quanto o que meu pai *queria mesmo* fazer, que era ligar para o Departamento de Polícia de Nova York e dar queixa contra Sebastiano por usar a imagem de uma menor sem a autorização de seus pais.

Graças a Deus Grandmère convenceu-o a não fazer isso. Ela disse que já havia divulgação suficiente daquela história para acrescentar a isso a humilhação de uma prisão na realeza.

Meu pai ainda está tão furioso que nem consegue se sentar. Ele está andando de um lado para o outro na suíte. Rommel o está observando muito nervosamente do colo de Grandmère, a cabeça se movendo de um lado para o outro, de um lado para o outro, seus olhos seguindo meu pai como se ele estivesse assistindo ao US Open ou algo assim.

Aposto que, se Sebastiano *estivesse* aqui, meu pai iria esmagar um pouco mais do que apenas o celular dele.

Sábado, 13 de dezembro, 5 da

tarde, loft

Bem.

Tudo o que eu posso dizer é que Grandmère realmente passou dos limites desta vez.

Sério. Acho que meu pai nunca mais vai querer falar com ela de novo.

E sei que *eu* não vou, nunca mais.

E tudo bem, ela é uma velha e não sabia que o que estava fazendo era errado, e eu devia realmente ser mais compreensiva.

Mas depois *disso* — e ela nem mesmo levou em consideração meus sentimentos —eu francamente não acho que poderia perdoá-la.

O que aconteceu foi que Sebastiano ligou pouco antes de eu estar pronta para sair do hotel. Ele ficou perplexo quando descobriu que meu pai estava furioso com ele.

Explicou que tentou subir para nos ver, mas a segurança do Plaza o barrou.

Quando meu pai atendeu o telefone e esclareceu que a segurança do Plaza o barrou porque ele tinha sido transformado em PNG, e depois explicou a razão, Sebastiano ficou ainda mais chateado. Ele ficou falando: “Mas eu tive sua permi! Eu tive sua permi, Philippe!”

“Minha permissão para usar a imagem de minha filha para promover seus trapos de mau gosto?” Meu pai estava enojado. “Certamente você não teve!”

Mas Sebastiano ficou insistindo que tinha tido.

E pouco a pouco, descobriu-se que ele *tinha* tido permissão, de certa forma. Só que não minha. E nem de meu pai, também. Adivinhe quem, parece, deu permissão a ele?

Grandmère ficou toda indignada. “Eu só fiz isso, Philippe, porque Amelia, como você sabe, sofre de uma auto-estima baixíssima, e precisava de um empurrão.”

Mas meu pai estava tão enraivecido que nem mesmo a escutou. Ele apenas trovejou:

“E então, para consertar a auto-estima dela, você, pelas costas dela, deu permissão para usarem as fotos num anúncio de *roupas femininas?”*

Grandmère não teve muito o que dizer depois disso. Ela só ficou lá, parada, assim,

“ahn... ahn... ahn...”, como alguém num filme de terror que foi pregado em uma parede com um facão mas ainda não está totalmente morto (eu sempre fecho meus olhos durante essas partes, então eu sei exatamente quais são os sons).

Ficou claro que, mesmo que Grandmère tivesse tido uma desculpa razoável para seu comportamento, meu pai não ia escutá-la — nem ia me deixar escutar. Ele andou até mim, agarrou meu braço e me levou para fora da suíte, marchando.

Eu achei que íamos ter um momento de união, como pais e filhas sempre fazem na TV, que ele iria me dizer que Grandmère era uma mulher muito doente e que ele ia mandá-la para algum lugar onde ela pudesse ter um descanso longo e bonito, mas em vez disso tudo o que ele disse foi “vá para casa”.

Então ele me entregou a Lars — depois de bater a porta da suíte de Grandmère MUITO alto atrás dele, e antes de sair tempestuosamente em direção à sua própria suíte.

Céus.

Isso só mostra que até uma família real pode ter defeitos.

Não parece uma cena de *Ricki Lake?*

Ricki:

Clarisse, conte-nos: por que você permitiu que Sebastiano colocasse as fotos de sua neta naquele suplemento de anúncios do *Times?*

Grandmère: Para você é Sua Alteza Real, senhora Lake. Eu fiz isso para aumentar a auto-estima dela.

Eu só sei que quando eu for para a escola na segunda-feira todo inundo vai ficar tipo

“Oh, veja, lá vem Mia, aquela grande FALSA, com seu vegetarianismo, seu ativismo pelos direitos dos animais e o desprezo pelas aparências tipo „o que importa é o interior‟. Mas parece que está tudo bem posar *para fotografias de moda,* não, Mia?”

Como se não fosse suficiente ser suspensa. Agora eu vou ser desprezada pelos meus amigos, também.

Estou em casa agora, tentando fingir que nada disso aconteceu. É difícil, claro, porque quando eu entrei de novo no *loft,* vi que minha mãe já havia tirado o suplemento do nosso jornal e desenhado chifrinhos de diabo na minha cabeça em cada foto, depois enfiado tudo dentro da geladeira.

Apesar de eu apreciar essa esquisitice, não vai ser fácil eu mostrar a cara na escola segunda-feira — agora emplastrada em suplementos de anúncios em toda parte por toda a área dos três estados.

Surpreendentemente, essa história toda teve um lado bom: eu tive certeza de que fico melhor no modelo de

tafetá branco com o cinto azul. Meu pai diz que eu só vou usá-lo sobre seu cadáver, ou qualquer outra criação de Sebastiano, novamente. Mas não há outro estilista em Genovia que pudesse fazer um trabalho tão bom, sem contar com o tempo para terminar o vestido. Então parece que será mesmo o vestido de Sebastiano, que foi entregue no *loft* esta manhã.

É uma coisa a menos na minha cabeça.

Eu acho.

Sábado, 13 de dezembro, 8 da

noite,no loft

Eu já recebi dezessete e-mails, seis telefonemas e uma visita (Lilly) por causa dessa coisa da moda. Lilly diz que não é tão ruim quanto eu penso, e que muita gente joga os suplementos fora sem nem mesmo olhar para eles.

Se isso é verdade, eu disse, por que todas essas pessoas estão me ligando e mandando e-mails?

Ela tentou me convencer de que eram todos membros do Estudantes Contra o Corporativismo na Escola Albert Einstein, ligando para mostrar sua solidariedade com minha suspensão, mas acho que nós duas sabíamos muito bem: Todos eles querem saber o que eu estava pensando ao me vender daquele jeito.

Como é que eu vou explicar que não tive nada a ver com aquilo, que eu nem mesmo *sabia* daquilo? Ninguém vai acreditar. Quer dizer, a prova está bem ali: estou *usando* a prova. Há evidências fotográficas a respeito.

Eu sentada aqui e minha reputação escorrendo pela sarjeta. Amanhã de manhã, milhões de assinantes do *The New York Times* vão abrir seus jornais e ficar tipo “Oh, veja só, a Princesa Mia. Já se vendeu. Imagine quanto ela recebeu por isso? Não achei que ela precisasse de dinheiro, sendo da realeza e coisa e tal.”

Finalmente eu tive de pedir a Lilly por favor para ir para casa, porque eu havia desenvolvido uma dor de cabeça horrível. Ela tentou curá-la com 179

shiatsu, que seus pais sempre empregam em seus pacientes, mas não funcionou. No final das contas, acho que ela acabou estourando um vaso sanguíneo entre meu polegar e meu indicador, já que está doendo à beça.

Agora estou determinada a começar a estudar, mesmo que seja sábado à noite e todo mundo da minha idade esteja na rua se divertindo.

Mas você não ouviu? Princesas nunca se divertirem.

AQUI ESTÁ O QUE TENHO DE FAZER

Álgebra: revisar capítulos 1-10

Inglês: redação final, 10 páginas, espaço duplo; utilizar margens apropriadas; também rever Capítulos 1-7

Civilizações Mundiais: rever capítulos 1-12

S & T: nada

Francês: revue chapitres un-neuf

Biologia: rever capítulos 1-12

Escrever nossas instruções sobre como cuidar de Fat Louie Compras de Natal/Hannukah:

Mamãe — Camiseta do Bon Jovi para grávidas

Papai — Livro sobre controle da raiva

Sr. G — Canivete do Exército Suíço

Lilly — fitas virgens

Tina Hakim Baba — cópia de *Emanuelle*

Kenny — conjunto de TV e vídeo (não acho que isso seja muito extravagante. E

não, não é por culpa também. Ele realmente quer um).

Grandmère — NADA!!!!!!

Pintar as unhas (talvez um esmalte de gosto horrível me impeça de roer) Terminar com Kenny

Organizar gaveta de meias

Vou começar com a gaveta de meias, porque com certeza isso é o mais importante.

Não dá para se concentrar em nada com as meias desarrumadas.

Então eu vou partir para a álgebra porque essa é minha pior matéria, e também minha primeira prova. Vou passar, mesmo se for a última coisa que eu fizer. NADA vai me distrair. Nem essa história de Grandmère, nem aqueles quatro e-mails de Michael (em dezessete) nem

os dois de Kenny, nem minha ida para a Europa no fim da semana que vem, nem o fato de que minha mãe e o sr. Gianini estão no quarto ao lado assistindo a *Duro de matar,* meu filme favorito de Natal, NADA.

VOU PASSAR EM ÁLGEBRA ESTE SEMESTRE, E NADA VAI ME IMPEDIR

DE ESTUDAR PARA A PROVA FINAL!!!!!!!!!!!

Sábado, 13 de dezembro, 9 da

noite no loft

Eu tive de ir lá ver a parte em que Bruce Willis joga os explosivos no vão do elevador, mas agora estou de volta ao trabalho.

Sábado, 13 de dezembro, 9:30

da noite no loft

Fiquei realmente curiosa sobre o que Michael poderia querer, então eu li seus e-mails — só os dele. Um era sobre o suplemento (Lilly contou a ele, e ele queria saber se eu estava pensando em abdicar, ha ha) e os outros três eram piadas que eu acho que eram para me fazer sentir melhor. Elas não eram muito engraçadas, mas eu ri assim mesmo.

Aposto que Judith Gershner não ri das piadas de Michael. Ela está muito ocupada fazendo clonagens.

Sábado, 13 de dezembro, 10 da

noite no loft

COMO CUIDAR DE FAT LOUIE QUANDO EU ESTIVER FORA

De manhã:

Pela manhã, por favor, encha a tigela de Fat Louie com COMIDA SECA. Mesmo se ainda houver comida na tigela, ele gosta de ter um pouco de comida fresca servida em cima, para que ele possa sentir como se estivesse tomando café da manhã como todo mundo.

Em meu banheiro há uma XÍCARA DE PLÁSTICO AZUL perto da banheira. Por favor, encha-a toda manhã com água da pia do banheiro. Você deve usar a água da pia do banheiro porque a água da pia da cozinha não é muito fria. E você tem de colocá-la na XÍCARA AZUL porque esta é a xícara em que Fat Louie está acostumado a beber enquanto estou escovando meus dentes.

Tem uma tigela no corredor do lado de fora do meu quarto. Lave-a e encha-a de água do JARRO DE ÁGUA FILTRADA na geladeira. Deve ser água do JARRO DE ÁGUA FILTRADA porque, mesmo que digam que as torneiras de Nova York são livres de contaminação, é bom para Louie tomar pelo menos alguma água que seja pura. Gatos precisam beber muita água para fazer seus sistemas funcionarem 184

bem e cuidar dos rins e prevenir infecções do trato urinário, então sempre deixe muita água para ele, não só perto de suas tigelas de comida, mas em outros lugares também.

Não confunda a tigela no corredor com a TIGELA PERTO DA ÁRVORE DE

NATAL. Aquela está lá para desencorajar Fat Louie de beber do prato da árvore. Resina de árvore pode dar gripe nele.

De manhã, Fat Louie gosta de se sentar no parapeito da janela do meu quarto e olhar para os pombos na escada de incêndio. NUNCA ABRA ESTA JANELA, mas deixe sempre as cortinas abertas para ele olhar para fora.

Também, às vezes, ele gosta de olhar pela janela perto da TV. Se ele ficar ali miando, é para você fazer carinho nele.

Depois do almoço:

Na hora do jantar, dê a Fat Louie COMIDA ENLATADA. Fat Louie só gosta de três sabores: BANQUETE DE GALINHA E ATUM (EM PEDAÇOS), BANQUETE

DE PEIXE E CAMARÃO (EM PEDAÇOS) e BANQUETE DE FRUTOS DO MAR

(EM PEDAÇOS). Ele não vai comer nada com CARNE ou CARNE DE PORCO. O

conteúdo de uma lata deve ser colocado num prato LIMPO, novo, ou ele não vai comer.

Ele também não vai comer se o conteúdo não mantiver o FORMATO DE LATA no prato, então não despedace a comida dele.

Depois de comer a comida enlatada, Fat Louie gosta de arranhar o carpete em frente à porta da frente. Esta é uma boa hora para os exercícios dele. Quando ele arranhar, coloque a mão sob as pernas dianteiras dele e as alongue (ele gosta disso), até que ele se entorte como uma vírgula. Então enfie os polegares entre as omoplatas dele e faça uma massagem para gatos. Ele vai ronronar se você fizer certo. Se você fizer errado você vai saber, porque ele vai morder você.

Fat Louie fica entediado muito facilmente e, quando ele fica entediado, ele anda em círculos, miando, então aqui estão alguns jogos que ele gosta de jogar: Pegue algumas unidades de BISCOITO PARA GATOS e as alinhe no alto do som, para Fat Louie ficar tentando pegá-las.

Coloque Fat Louie na CADEIRA DO COMPUTADOR e então se esconda atrás da estante de livros e jogue uma ponta de um cadarço de sapato nas costas da cadeira, para que ele não possa ver de onde está vindo.

Faça uma TRINCHEIRA com os travesseiros na minha cama, coloque Fat Louie dentro e enfie sua mão por uma das aberturas entre os travesseiros (recomendo usar uma luva de forno durante essa brincadeira).

Coloque um pouco de erva-de-gato numa MEIA VELHA e jogue para Fat Louie.

Então o deixe sozinho durante quatro ou cinco horas, porque a erva-de-gato o faz liberar um pouco suas garras.

A CAIXA DE AREIA

Sr. Gianini, esta é para o senhor. Mamãe não deve limpar a caixa de areia ou tocar nada que possa ter entrado em contato com ela, ou ela pode desenvolver toxoplasmose, e o bebê pode ficar doente. Sempre lave suas mãos em água morna com sabão depois de trocar a caixa de areia de Fat Louie, mesmo se você achar que não tem nada nas mãos.

A caixa de Fat Louie precisa ser limpa TODOS OS DIAS. Sempre use torrões de areia. É só despejar torrões numa sacola Grand Union e jogar fora. Nada poderia ser mais simples. Ele normalmente faz o número 2 cerca de duas horas depois de sua refeição noturna. Você vai detectar logo, por causa do odor exalando da caixa no meu banheiro.

MAIS IMPORTANTE DE TUDO

Lembre-se de não perturbar a ÁREA ESPECIAL DE FAT LOUIE ATRAS DO

VASO do meu banheiro. Lá é onde ele mantém sua coleção de objetos brilhantes. Se ele pegar alguma coisa sua e você a encontrar lá, não tome dele enquanto ele estiver olhando, senão ele

vai ficar um mês tentando morder você. Eu falei com a veterinária sobre isso, mas ela disse que não há nada que possa ser feito, tirando contratar um psicanalista de bichos por 70 dólares a hora. Nós só temos que lidar com isso.

ACIMA

DE

TUDO,

NÃO

DEIXE

DE

PEGAR

FAT

LOUIE

VÁRIAS VEZES POR DIA E ABRAÇÁ-LO E COÇÁ-LO!!!!! (ELE

GOSTA.)

188

Sábado, 13 de dezembro, meia-

noite no loft

Não posso acreditar que já é meia noite e eu ainda estou no capítulo um de *Introdução à álgebra!*

Este livro é incompreensível. Eu sinceramente espero que quem quer que o tenha escrito não tenha ganhado muito dinheiro com ele.

Eu devia simplesmente sair e perguntar ao sr. G o que vai cair na prova.

Não, isso seria cola.

189

Domingo, 14 de dezembro, 10

da manhã, no loft

Apenas 48 horas até a prova final de álgebra e eu ainda estou no capítulo um.

Domingo, 14 de dezembro,

10:30 da manhã, no loft

Lilly acaba de aparecer de novo. Ela quer estudar Civilizações Mundiais comigo. Eu disse a ela que não posso me preocupar com Civilizações Mundiais quando estou apenas no capítulo um de minha revisão de álgebra, mas ela disse que podíamos alternar: ela me faz perguntas de álgebra durante uma hora, depois eu posso perguntar a ela sobre Civilizações Mundiais durante uma hora. Eu disse tudo bem, mesmo que realmente não seja justo: ela vai tirar A em álgebra, então ela me perguntar não vai realmente ajudá-la em nada, enquanto eu perguntar a ela sobre Civilizações Mundiais me ajuda a estudar também.

Mas para isso servem os amigos, eu acho.

Domingo, 14 de dezembro, 11

da manhã, no loft

Tina acaba de ligar. Seu irmão menor e suas irmãs estão deixando-a maluca. Ela queria saber se podia vir estudar aqui. Eu disse claro.

O que mais eu poderia dizer? Além do mais, ela prometeu parar na H e H para comprar *bagels* e *cream cheese* vegetal. E ela disse que achou que as minhas fotos no suplemento eram bonitas e que eu não devia ligar se as pessoas me chamassem de vendida, porque eu estou muito gata.

Domingo, 14 de dezembro,

meio-dia, no loft

Michael disse a Boris onde está Lilly, então agora Boris está aqui também. Lilly tem razão. Boris realmente respira muito alto. Isso distrai muito.

E eu queria que ele não colocasse os pés na minha cama. O mínimo que ele podia fazer era tirar os sapatos antes. Mas, quando eu sugeri isso, Lilly disse que não seria uma boa idéia.

Argh. Não sei por que Lilly atura um namorado que não apenas é um respirador bucal mas também tem chulé.

Boris pode ser um gênio musical, mas ele tem muito o que aprender sobre higiene, na minha opinião.

Domingo, 14 de dezembro,

12:30, no loft

Agora Kenny está aqui. Não sei como se espera que eu consiga estudar qualquer coisa com todas essas pessoas

em volta. Além do mais, o sr. Gianini decidiu que este seria um bom momento para praticar bateria.

194

Domingo, 14 de dezembro, 8 da

noite, no loft

Eu disse a Lilly, e ela concordou, que já que Boris e Kenny apareceram, o estudo ia acabar desandando. Além do mais, o sr. G batucando não ajudou. Então decidimos que seria melhor dar um tempo e ir a Chinatown para um *dim sum.*

Nos divertimos no Great Shanghai comendo bolinhos vegetarianos e vagens fritas bem sequinhas com molho de alho. Eu acabei sentando perto de Boris e ele realmente me fez rir, arranjando um jeito de deixar espaço na mesa bem na frente dele quando os garçons traziam algo novo, e aí Boris e eu pegávamos os primeiros pedaços de tudo.

O que me fez perceber que, apesar dos suéteres e da respiração bucal, Boris realmente é uma pessoa engraçada e bacana. Lilly é muito sortuda. Quer dizer, o garoto que ela ama de verdade a ama também. Se eu pudesse amar Kenny do jeito que Lilly ama Boris!

Mas acho que não tenho nenhum controle sobre por quem me apaixono. Acredite em mim, se eu tivesse, eu NÃO amaria Michael. Quer dizer, só por uma coisa. Ele é o irmão mais velho de minha melhor amiga, e se Lilly descobre que eu gosto dele, ela NÃO entenderia. Também, claro, ele é um veterano e vai se formar em breve.

Ah, claro, ele já tem namorada.

Mas o que eu tenho que fazer? Não posso me *obrigar* a me apaixonar por Kenny e muito menos *fazê-lo* parar de gostar de mim, sabe, desse jeito especial.

195

Embora ele ainda não tenha me convidado para o baile. Nem mesmo tocado no assunto.

Lilly diz que eu devia simplesmente ligar para ele e falar alguma coisa tipo “Então nós vamos ou não?”. Afinal de contas, ela fica lembrando, eu tive coragem de esmigalhar o celular da Lana. Por que não tenho coragem de ligar para meu próprio namorado e perguntar a ele se vai ou não vai me levar ao baile da escola?

Mas eu estraçalhei o celular da Lana no calor da paixão. E não consigo sentir nenhuma paixão por Kenny. Há uma parte de mim que não quer ir ao baile com ele de jeito nenhum, e essa parte de mim está aliviada por ele não ter falado nada sobre isso.

Tudo bem, é uma parte muito pequena de mim, mas ela ainda está *aqui.*

Então na verdade, mesmo me divertindo ao lado de Boris no restaurante e tal, era também um pouco deprimente, por conta de toda essa coisa do Kenny.

E aí as coisas ficaram ainda mais deprimentes. Isso porque algumas garotinhas chino-americanas vieram até mim enquanto eu estava abrindo meu biscoito da fortuna e queriam saber se elas podiam ter meu autógrafo. Então elas me estenderam canetas e o suplemento de anúncios

que havia aparecido no *Times* daquele dia para eu assinar.

Eu seriamente pensei em me matar, só que eu não conseguia pensar em como fazer isso, a não ser talvez enfiando um daqueles palitos de carne no meu coração.

Em vez disso eu apenas assinei aquela coisa idiota para elas e tentei sorrir. Mas por dentro, claro, eu estava FULA DA VIDA, especialmente quando eu vi o quanto as garotinhas estavam felizes por terem

me encontrado. E por quê? Não, não por causa de meu trabalho incansável em defesa dos ursos polares, das baleias ou das crianças famintas. O que eu não havia feito ainda na verdade, mas pretendo muito fazer.

Não, porque eu estava numa revista com um monte de vestidos bonitos, e eu sou alta, pele e osso que nem uma modelo.

O que não é uma conquista, de jeito nenhum!

Depois disso, minha dor de cabeça voltou, e eu disse que tinha de ir para casa.

Ninguém protestou muito, acho que porque todo mundo se deu conta de repente de quanto tempo havíamos perdido, e do quanto havíamos deixado de estudar. Então saímos e agora estou em casa novamente e minha mãe diz que enquanto eu saí Sebastiano ligou quatro vezes — e mandou entregar outro vestido.

Não apenas qualquer vestido, também. É um vestido que Sebastiano desenhou só para mim, para usar no Baile

Inominável de Inverno. Não é *sexy.* Não é *sexy* mesmo. É

de veludo verde escuro, com longas mangas e um decote grande e quadrado.

Mas quando eu o coloquei e olhei para meu reflexo no espelho em meu quarto, algo engraçado aconteceu:

Fiquei legal. *Bem* legal.

Havia um bilhete com o vestido, que dizia:

Por favor me perdoe.

Prometo que com este vestido ele não vai pensar *em você como a melhor amiga de sua irmã mais nova.*

S.

O que foi muito carinhoso. Triste, mas carinhoso. Sebastiano não pode saber, claro, que o Caso Michael é completamente desesperador, e que não há *vestido* que faça qualquer diferença, não importa o quanto eu fique bem com ele.

Mas olha só, pelo menos Sebastiano *pediu desculpas.* Percebi que isso era muito mais do que Grandmère havia feito.

Claro que eu perdôo Sebastiano. Quer dizer, nada disso é culpa dele, na verdade.

E acho que algum dia provavelmente vou perdoar Grandmère, já que ela é muito velha para se tocar.

Mas quem eu não posso, jamais, perdoar, sou eu mesma, por me meter nessa situação, em primeiro lugar. Eu devia ter me tocado. Eu devia ter dito a Sebastiano: nada de fotos, por favor. Só que eu fiquei tão tomada, olhando para meu reflexo no espelho com todos aqueles belos vestidos, que esqueci que ser uma princesa é mais do que apenas usar vestidos bonitos: é ser um exemplo para um monte de gente... pessoas que você nem mesmo conhece e talvez nunca encontre pessoalmente.

É por isso que, se eu não passar nessa prova de álgebra, estarei morta.

Segunda-feira, 15 de

dezembro, sala de estudos

Aqui está o número de estudantes da Escola Albert Einstein que (até agora) se sentiram compelidos a fazer comentários comigo sobre o esmagamento do celular de Lana Weinberger na última sexta-feira: 37.

Aqui está o número de estudantes da Escola Albert Einstein que (até agora) se sentiram compelidos a mencionar minha suspensão na última sexta-feira: 59.

Aqui está o número de estudantes da Escola Albert Einstein que (até agora) se sentiram compelidos a fazer comentários comigo sobre minha aparição no suplemento de anúncios do *The New York Times* durante o fim de semana: 74.

Número total de comentários até agora, hoje, feitos pelos estudantes da Escola Albert Einstein: 170.

Estranhamente, depois de me arrastar por tudo isso, quando fui ao meu armário encontrei algo que parecia extremamente fora de lugar: uma simples rosa amarela, saindo para fora da porta.

O que isso pode significar? Pode haver alguém nesta escola que não me despreza?

Aparentemente sim. Mas quando olhei em volta, imaginando quem poderia ser meu único apoiador, vi apenas Justin Baxendale sendo perseguido (como sempre) por uma horda de garotas babando por ele.

Suponho que meu anônimo entregador de rosa deve ser Kenny, tentando me mimar.

Ele não vai admitir isso, mas quem mais poderia ser?

Hoje é Dia de Leitura, o que significa que devemos passar o dia todo — exceto o almoço — sentados na sala de estudos, estudando para as provas finais, que começam amanhã.

Isso por mim é bom, já que pelo menos desse jeito não há chance de eu esbarrar com Lana. A sala de estudos dela é num outro andar.

O único problema é que Kenny está nessa turma. Nós temos que nos sentar alfabeticamente, então ele está bem à frente desta fila, mas ele fica passando bilhetes para mim. Bilhetes que dizem coisas tipo: *Continue sorrindo!* e *Fique firme, meu raio de sol!*

Mas ele não vai confessar a coisa da rosa.

Por sinal, quer saber o número total de comentários feitos para mim até agora, hoje, por Michael Moscovitz? 1.

E não foi nem realmente um comentário. Ele medisse no corredor que minha bota de combate estava desamarrada.

E estava.

Minha vida está tão acabada.

Quatro dias até o Baile Inominável de Inverno, e ainda sem companhia.

200

Fórmula da distância: *d - 10xrt*

r = 10

t = 2

d = 10 + (10) (2)

= 10 + 20 = 30

Variáveis são substituíveis por números (letras)

Lei distributiva

5x + 5y-5

5 (x + y - 1)

2a - 2b + 2c

2(-l) - 2(-2) + 2(5)

- 2 + 4 + 10 = 12

Quatro vezes um número é adicionado a três. O resultado é quatro vezes o número.

Encontre o número.

x = *o número*

4x + 3 = 5x

- 4x -4x

3 = x

Regarde les oisseaux stupides.

201

O sistema de coordenadas cartesiano divide o plano em quatro partes chamadas quadrantes.

Quadrante 1 (positivo, positivo)

Quadrante 2 (negativo, positivo)

Quadrante 3 (negativo, negativo)

Quadrante 4 (positivo, negativo)

Inclinação: a inclinação de uma linha é denotada *m*

Descubra a inclinação

Inclinações negativas

Inclinações positivas

Inclinação zero

Linha vertical não tem inclinação

Linha horizontal tem inclinação 0

Pontos co-lineares ficam na mesma linha

Linhas paralelas têm a mesma inclinação

$4x + 2y = 6$

$2y = -4x + 6y$

$y = -2x + 3$

Voz ativa indica que o sujeito do verbo está atuando.

Voz passiva indica que o sujeito do verbo está sendo atuado.

202

Terça-feira, 16 de dezembro

Provas de álgebra e inglês feitas.

Só mais três, e a redação final, para acabar.

76 comentários hoje, 53 deles negativos:

„Vendida” = 29 vezes

Devo-Achar-Que-Sou-Aquilo-Tudo = 14 vezes

Aí vem a Miss Coisa = 6 vezes

Lilly diz: “Quem liga para o que as pessoas falam? Você sabe a verdade, certo? E

isso é tudo o que importa.”

É fácil para Lilly dizer isso. Lilly não é a pessoa sobre quem as pessoas estão falando todas essas coisas más. *Eu* sou.

Alguém deixou outra rosa amarela em meu armário. O que está acontecendo?

Perguntei a Kenny de novo se era ele, mas ele negou. Estranhamente, ele pareceu ficar com o rosto muito vermelho quando falei. Mas isso deve ter sido porque Justin Baxendale, que estava passando na hora, pisou no pé de Kenny. Kenny tem pés muito grandes, maiores até que os meus.

Mais três dias até o Baile Inominável de Inverno e nada de novo no *front*.

Quart-feira, 17 de dezembro

Provas de Civilizações Mundiais *finis*.

Mais duas, e a redação final, para acabar.

62 comentários, 34 negativos:

Não desista do seu emprego = 12 vezes

Vendida = 5 vezes

“Se eu fosse igual a você, sem peito, Mia, eu também poderia ser modelo” = 6 vezes Uma rosa, amarela, ainda sem indicação de quem a deixou. Talvez alguém esteja confundindo meu armário com o de Lana. Ela está, no fim das contas, sempre circulando naquela área, esperando por Josh Richter, cujo armário é vizinho ao meu, para que

os dois possam ficar fazendo sucção de rosto. É possível que ele esteja deixando rosas para ela.

Deus sabe que ninguém na Escola Albert Einstein ia querer deixar flores para mim.

Só, talvez, se eu estivesse morta, então eles iriam enfiá-las em meu caixão e dizer:

“Descanse em paz, Miss Coisa.”

Mais dois dias até o baile. Nada ainda.

Quinta-feira, 18 de dezembro,

1 da manhã

Acaba de me ocorrer.

Talvez Kenny esteja mentindo sobre as rosas. Talvez elas sejam realmente dele.

Talvez ele esteja deixando rosas meio que como pistas, até ele me convidar para o baile amanhã à noite.

É meio insultuoso, na verdade. Quer dizer, ele esperar tanto para finalmente me convidar. Por tudo o que ele sabe, eu poderia ter dito sim para outra pessoa agora.

Como se outra pessoa fosse me convidar.

HA!

Quinta-feira, 18 de dezembro,

4 da tarde, na limusine a

caminho do Plaza

É ISSO!!!!!

ACABEI!!!!!

ACABEI AS PROVAS!!!!!!!!!!!

E imagina o quê?

Tenho quase certeza de que passei em todas. Até em álgebra. As notas só serão distribuídas amanhã, durante o Carnaval de Inverno, mas eu enchi tanto o saco do sr. G

que ele finalmente disse: “Mia, você foi bem. Agora me deixe em paz, certo?”

Sacou????? Ele disse que eu fui BEM!!!!!!!!!! Sabe o que quer dizer *bem,* não sabe?

QUER DIZER QUE PASSEI!!!!!!!!!!!!!!!

Graças a Deus isso tudo acabou. Agora posso me concentrar no que é importante: Minha vida social.

Estou falando sério. Ela está num estado de ruína total. Todo mundo na escola —com exceção de meus amigos — acha que eu sou essa vendida total. Eles ficam tipo

“Faça o que eu digo, Mia, mas não faça o que eu faço”.

Bem, vou mostrar a eles. Logo depois da prova de Civilizações 206

Mundiais ontem, isso me veio como uma tonelada de tijolos. Eu soube *exatamente* o que fazer. Era o que

Grandmère faria.

Bem, tudo bem, talvez não *muito* o que Grandmère faria, mas vai resolver todo o problema. Garanto que Sebastiano não vai gostar muito disso. Mas e daí, ele devia ter perguntado A MIM, não a Grandmère, se estava tudo bem colocar aquelas fotos numa divulgação das roupas dele. Certo?

Tenho que dizer, esta é a coisa mais princesa que eu já fiz até agora. Estou muito, muito nervosa. Sério. Você não acreditaria o quanto minhas palmas estão suando.

Mas não posso continuar a me sentir acuada e docilmente aceitar esse abuso. Algo deve ser feito a respeito, e eu acho que sei o quê.

A melhor parte é que vou fazer tudo por mim mesma, sem a ajuda de ninguém.

Bom, tudo bem, o porteiro do Plaza me ajudou conseguindo um quarto, e Lars ajudou dando todos os telefonemas de seu celular.

E Lilly me ajudou a escrever o que eu ia dizer, e Tina fez minha maquiagem e meu cabelo agora mesmo.

Mas tirando isso, tudo fui eu.

Tudo bem, estamos aqui.

Lá vamos nós.

Quinta-feira, 18 de dezembro,

7 da noite

Acabei de me ver em todas as quatro grandes redes de TV, além da New York 1, a CNN, a Headline News, a MSNBC e a Fox News Channel. Parece que vai passar no *Entertainment Tonight, Access Hollywood* e *E! Entertainment News* também.

E eu preciso dizer que, para uma garota que supostamente tem problemas com sua auto-imagem, acho que fiz um bom trabalho. Não fiz besteira, nem uma só. Se talvez eu tiver falado um pouco rápido demais, bem, ainda dava para me *entender.* A menos, sabe, que seja alguém que não fala inglês ou algo assim.

Eu estava bem, também. Eu provavelmente devia ter usado outra coisa em vez de meu uniforme escolar, mas sabe, azul *royal* fica muito bem na TV.

O telefone ficou tocando o tempo todo desde que a coletiva de imprensa foi transmitida pela primeira vez. Da primeira vez que ele tocou, minha mãe atendeu e era Sebastiano, gritando incompreensivelmente sobre como eu o havia arruinado.

Só que ele no conseguia dizer arruinado, Só saía “ruiado”.

Eu me senti bem má. Quer dizer, eu não queria arruiná-lo. Especialmente depois que ele foi tão legal em desenhar aquele vestido de baile para mim.

Mas o que se esperava que eu fizesse? Eu tentei fazê-lo ver as coisas por outro lado: 208

“Sebastiano”, falei, quando peguei o telefone, “eu não arruinei você. De verdade. É

só o dinheiro da venda dos vestidos que estou usando na propaganda que vai para o Greenpeace.”

Mas Sebastiano não conseguiu ver as coisas por esse lado de maneira alguma. Ele continuou gritando: “Ruiado! Estou ruiado!”

Eu lembrei que, longe de arruiná-lo, a doação para o Greenpeace de todos os lucros com as vendas dos vestidos ia ser percebida na indústria como uma brilhante jogada de um gênio de *marketing,* e que eu não ficaria surpresa se esses vestidos saíssem voando das prateleiras, já que garotas como eu, que são realmente as pessoas para quem suas criações são adequadas, ligam e muito para o meio ambiente.

Eu devo ter aprendido uma ou duas coisas durante minhas aulas de princesa com Grandmère, já que, no fim, eu consegui vencê-lo totalmente. Na hora em que desliguei, acho que Sebastiano quase acreditou que a coisa toda tinha sido idéia dele em primeiro lugar.

A próxima vez que o telefone tocou era meu pai. Acho que vou ter que desistir do plano de comprar para ele um livro sobre controle da raiva, porque ele estava rindo às gargalhadas. Ele queria saber se tinha sido idéia de minha mãe e, quando eu disse “não, foi tudo idéia minha”, ele falou: “Você realmente *pegou* essa coisa de ser princesa, sabe”.

Então, de uma maneira estranha, eu sinto como se tivesse passado nessa prova, também.

Só que, claro, ainda não estou falando com Grandmère. Nenhum dos telefonemas que recebi hoje à noite — de Lilly, Tina, Mãezinha e Paizinho lá em Indiana, que viram a transmissão numa afiliada local — foram dela.

209

Realmente, acho que ela é quem devia pedir desculpas, porque o que ela fez foi totalmente traição.

Quase tão traição, minha mãe observou durante o jantar do Number One Noodle Son, quanto o que *eu* fiz.

O que é meio chocante. Quer dizer, nunca pensei nisso antes, mas é verdade: O que eu fiz hoje à noite foi tão vil como qualquer coisa que Grandmère já tenha feito.

Mas acho que isso não deveria ser uma surpresa. Nós *somos* parentes, afinal de contas.

E daí? Luke Skywalker e Darth Vader também eram.

Tenho que ir. Está passando *Baywatch*. Esta é a primeira vez há tempos em que estou em casa para assistir.

210

Quinta-feira, 18 de dezembro,

9 da noite

Tina acaba de ligar. Ela não queria falar sobre a entrevista coletiva. Ela queria saber o que eu ganhei de meu Floco de Neve Secreto. "Floco de neve secreto? Do que você está falando?"

"Você sabe", disse Tina. "Seu Floco de Neve Secreto. Lembra, Mia. Nós nos inscrevemos mais ou menos um mês atrás. Você coloca seu nome no pote e então alguém tira, e ele tem que ser seu Floco de Neve Secreto durante a última semana da escola antes das férias de inverno. Ele tem que surpreender com presentinhos e

essas coisas. Sabe, tipo para quebrar o estresse. Já que é a semana das provas, e tal”.

Eu me lembrava confusamente que, um dia antes do feriado do Dia de Ação de Graças, Tina me levou a uma mesa dobrável onde uns garotos com cara de *nerds,* da liderança estudantil, estavam sentados num canto da cafeteria com um grande pote cheio de pequenos pedaços de papel. Tina me fez escrever meu nome numa tira de papel e depois pegar o nome de alguém do pote.

“Oh, meu Deus!”, gritei. Com todo o estresse das provas e tudo o mais, eu tinha esquecido totalmente aquilo!

Pior, eu havia esquecido que eu tinha tirado o nome de Tina. Não que tenha sido uma coincidência de verdade, já que ela havia enfiado seu pedaço de papel no pote logo antes que eu pegasse o meu. Ainda assim, que tipo de amiga odiosa eu sou, que esquece uma coisa dessas?

Então eu me dei conta de outra coisa. As rosas amarelas. Elas não haviam sido colocadas em meu armário por engano! E elas real-

mente não eram de Kenny! Só podiam ser do meu Floco de Neve Secreto.

O que era meio chato, na verdade. Quer dizer, está ficando cada vez mais evidente que Kenny não tem intenção de me convidar para o baile de amanhã à noite.

“Não consigo acreditar que você esqueceu isso”, desabafou Tina, parecendo chateada. “Você *recebeu* coisas de seu Floco de Neve Secreto, não recebeu, Mia?”

Eu senti uma onda de culpa. Eu havia estragado tudo. Pobre Tina!

“É, claro”, respondi, imaginando onde ia encontrar um presente para ela até amanhã

de manhã, o último dia dessa coisa de Floco de Neve Secreto. “Recebi”.

Tina suspirou. “Acho que ninguém me tirou”, disse ela. “Porque eu não recebi nada.”

“Oh, não se preocupe”, falei, esperando que a culpa que me inundava não fosse notada em minha voz. “Você vai receber. Seu Floco de Neve Secreto provavelmente está esperando, sabe, até o último dia, porque ela — ou ele — tem alguma coisa muito boa para você.”

“Você acha?” perguntou Tina, triste.

“Claro que sim”, afirmei

Tranqüilizada, Tina começou a tratar de negócios.

“Agora que as provas acabaram...”

„Ah, sim?”

“...quando é que você vai contar a Michael que foi você quem mandou aqueles cartões?”

Chocada, falei: “Que tal nunca?”

212

Ao que Tina replicou, sarcasticamente: “Mia, se você não contar a ele, qual é o sentido de ter mandado aqueles cartões?”

“Que ele soubesse que há outras garotas por aí que podem gostar dele, além de Judith Gershner.”

Tina disse, zangada: “Mia, isso não é suficiente. Você tem que contar a ele que foi você. Como é que você vai conseguir ficar com ele se ele não sabe o que você sente?”

Tina Hakim Baba, surpreendentemente, tem muito em comum com meu pai. “Lembra de Kenny? Foi assim que Kenny ganhou você. Ele mandou os bilhetes anônimos, e aí finalmente confessou tudo.”

“É”, disse eu, sarcasticamente, “e veja onde *aquilo* foi parar.”

“Será diferente com você e Michael”, insistiu Tina. “Porque vocês dois estão destinados um ao outro. Eu *sinto* isso. Você tem que contar a ele, e tem que ser amanhã, porque no dia seguinte você vai partir para Genovia.”

Oh, Deus. Em minhas autocongratulações sobre ter manobrado com sucesso minha primeira entrevista coletiva, eu havia me esquecido disso também. Vou partir para Genovia depois de amanhã! Com Grandmère! Com quem eu nem estou mais falando!

Eu disse a Tina que confessaria tudo a Michael amanhã. Ela desligou toda feliz.

Mas foi bom que ela não tenha sido capaz de ver minhas narinas, porque elas estavam infladas feito loucas, por conta do fato de que eu estava totalmente mentindo para ela.

Porque não há hipótese de eu dizer a Michael Moscovitz o que sinto por ele. Não importa o que meu pai diga. Eu *não posso.*

Não na cara dele.

Nunca.

Sexta-feira, 19 de dezembro,

sala de estudos

Eles estão nos mantendo reféns aqui na sala de estudos para dar as notas de fim de semestre. Então estaremos livres para passar o resto do dia no Carnaval de Inverno no ginásio, e depois, mais tarde, no baile.

De verdade. Nós não temos mais nenhuma aula depois disso. Só se espera que possamos nos divertir.

Como se fosse possível. Nunca mais vou me divertir de novo.

Isso porque, sabe — além de meus muitos outros problemas, há o fato de que não amo meu namorado, que também aparentemente não me ama mais, pelo menos não o suficiente para me convidar para o baile da escola, mas eu na verdade amo o irmão da minha melhor amiga, que não sabe nem de longe de meus sentimentos —, acho que sei quem é meu Floco de Neve Secreto.

Verdade, não há outra explicação. Por que mais Justin Baxendale

— que mesmo ainda sendo tão novo é totalmente popular, sem mencionar como é bonito — ficaria cercando tanto meu armário? Quer dizer, fala sério. Esta é a terceira vez na semana em que eu o vi rondando ali por perto. Por que ele faria isso, a não ser para deixar as rosas?

A menos que ele esteja planejando me chantagear sobre toda aquela coisa do alarme de incêndio.

Mas Justin Baxendale não me parece exatamente do tipo chantagista. Quer dizer, ele me olha como alguém que teria coisa melhor a fazer do que chantagear uma princesa.

Então resta apenas uma explicação para ele ficar gastando tanto tempo em volta do meu armário: ele é meu Floco de Neve Secreto.

E será totalmente embaraçoso quando eu for lá fora, depois que o sinal tocar, e Justin vier para mim e confessar — porque esta é a regra, como fiquei sabendo: Você tem que revelar sua identidade para seu Floco de Neve Secreto hoje — e eu precisar olhar dentro daqueles olhos cinzentos com aqueles longos cílios, dar um grande sorriso falso e falar: “Oh, ai meu Deus, obrigada, Justin. Eu não tinha a menor idéia de que era você!”

Enfim. Este é realmente o último de meus problemas, certo? Quer dizer, considerando que sou a única garota na escola inteira que não tem par para o baile desta noite. E que amanhã tenho que partir para um país do qual eu sou princesa, com minha avó lunática que não está falando com meu pai e que, eu já sei por

experiência, não vai deixar de fumar no banheiro do avião se tiver urgência de fazê-lo.

Verdade. Grandmère é o pior pesadelo de qualquer comissário de bordo.

Mas isso não é nem metade de tudo. Quer dizer, e minha mãe e o sr. Gianini? Com certeza eles estão agindo como se não ligassem para o fato de eu passar as festas em outro país, e é verdade, nós vamos fazer nosso pequeno Natal particular antes de eu partir, mas na verdade eu aposto que eles se importam. Eu aposto que se importam muito.

E que tal minha nota em álgebra? Oh, o sr. Gianini disse que fui bem, mas o que é bem, exatamente? Um D? Um D não é bem. Não considerando o número de horas que investi para levantar meu grau de F, não é mesmo. Um D *não* é aceitável.

215

E o que — oh, Deus, *o que* — eu vou fazer com Kenny?

Pe1o menos eu resolvi o problema do presente de Tina: me conectei na Internet noite passada e fiz uma assinatura para ela em um clube de livro-do-mês de romances adolescentes. Imprimi o certificado, dizendo que ela é um membro oficial, e vou entregá-lo quando o sinal tocar.

Quando o sinal tocar, que é também a hora em que eu tenho que ir lá fora e encarar Justin Baxendale.

Não seria muito ruim se não fosse por aqueles olhos dele. Por que ele tem que ser tão bonito? E por que uma pessoa bonita teve que me tirar como seu Floco de Neve

Secreto? Pessoas bonitas, como Lana e Justin, não podem evitar sentir repulsa por pessoas de aparência normal, como eu.

Ele provavelmente nem mesmo tirou meu nome daquele pote mesmo.

Provavelmente ele pegou o nome de Lana e ficou colocando aquelas rosas em meu armário, pensando que é de Lana, já que só Deus sabe como ela nunca pára em frente a seu próprio armário.

O que é ainda pior é que Tina me disse que rosas amarelas significam amor *eterno.*

O que, claro, foi o motivo pelo qual eu achei que era Kenny no fim das contas.

Oh, ótimo. Eles estão passando os papéis impressos com nossas notas. Não estou olhando. Nem ligo. EU NÃO LIGO PARA MINHAS NOTAS.

Graças a Deus tocou o sinal. Vou simplesmente vazar daqui — sem olhar para minhas notas, totalmente sem olhar para minhas notas — e ir tratar de minha vida como se nada fora do normal estivesse acontecendo.

Só que, claro, quando eu chego a meu armário Justin está lá, esperando alguém.

Lana também está lá, esperando Josh. Sabe, eu realmente não preciso disso. Justin revelando que é meu Floco de Neve Secreto bem na frente de Lana, quer dizer. Só Deus sabe o que ela vai dizer, a garota que fica todo dia insinuando que eu uso *band-aid* em vez de sutiã

desde que nós duas atingimos a puberdade. Além do mais, ela não está lá muito feliz comigo depois de toda aquela história do celular. Eu juro que ela terá alguma coisa super má, preparada para a ocasião.

“Cara”, Justin diz.

Cara? Não sou nenhuma cara. Com quem Justin está falando?

Eu me viro. Josh está lá, ao lado de Lana.

“Cara, estou procurando você a semana toda”, diz Justin para Josh. “Você tem aquelas anotações de trigonometria para mim, ou não? Tenho que começar a prova final daqui a uma hora.”

Josh diz algo, mas eu não escuto. Não escuto porque há um som vibrando em meus ouvidos, porque bem ao lado de justin está Michael. *Michael Moscovitz.*

E em sua mão está uma *rosa amarela.*

Sexta-feira, 19 de dezembro,

Carnaval de Inverno

Oh, Deus.

Estou metida na maior encrenca.

De novo.

E nem é minha culpa desta vez. Quer dizer, eu não consegui controlar. Só *aconteceu,* sabe? E não quer dizer nada. Essas coisas acontecem.

Além do mais, não é nada que o Kenny está pensando. Não mesmo. Quer dizer, pensando bem, é uma decepção completa e total. Para mim, pelo menos.

Porque é claro que a primeira coisa que Michael diz, segurando aquela flor, quando me vê de pé ali de boca aberta para ele, é: “Aqui. Isso acabou de cair do seu armário.”

Eu a tomei dele totalmente deslumbrada. Juro por Deus que meu coração estava batendo tão forte que achei que eu ia fazer minha passagem.

Porque achei que eram dele. As rosas, quer dizer. Por um minuto, ali, eu realmente pensei que Michael Moscovitz andava deixando rosas para mim.

Mas claro que desta vez há um bilhete preso à rosa. Que diz: *Boa sorte em sua viagem para Genovia! A gente se vê quando você voltar!*

Seu Floco de Neve Secreto,

Boris Pelkowski

Boris Pelkowski. Boris Pelkowski é quem vem me deixando essas rosas. Boris Pelkowski é meu Floco de Neve Secreto.

Claro que Boris não iria saber que uma rosa amarela representa amor eterno. Boris nem mesmo sabe que não deve enfiar o suéter para dentro das calças. Como ele saberia a linguagem secreta das flores?

Não sei o que foi realmente mais forte, meu sentimento de alivio porque não era Justin Baxendale deixando aquelas rosas, no fim das contas...

...ou meu sentimento de desapontamento porque não era Michael.

Aí Michael falou: “Bem? Qual é o veredicto?”

Ao que eu respondi olhando vagamente para ele. Eu ainda não tinha superado aquilo totalmente. Sabe, aqueles breves poucos segundos em que eu pensei — eu realmente pensei, boba que sou — que ele me amava.

“Quanto você tirou em álgebra?”, perguntou ele, devagar, como se eu fosse burra.

O que, claro, eu sou. Tão burra que nunca percebi o quanto eu estava apaixonada por Michael Moscovitz até que Judith Gershner viesse e o pegasse bem debaixo do meu nariz.

Enfim, então eu abri o papel impresso contendo minhas notas, e você acreditaria que eu aumentei meu F em álgebra e subi para um B menos?

O que só vem mostrar que, se você passar cada um dos momentos de sua vida estudando alguma coisa, a probabilidade é que você consiga reter pelo menos um pouco daquilo.

É suficiente ter um B menos na prova final, de qualquer forma.

Estou tentando não parecer totalmente encantada, mas é difícil. Quer dizer, estou tão feliz.

Bem, exceto por esse negócio de não ter um par para o baile. Mesmo assim, é difícil ficar infeliz. Não há como eu ter tirado essa nota porque o professor é meu padrasto. Em álgebra, ou você dá a resposta certa, ou não. Não há nada subjetivo naquilo, como em inglês. Não há interpretação dos fatos. Ou você está certa, ou não está.

E eu estava certa. Oitenta por cento certa.

Claro que ajudou o fato de eu saber a resposta para a pergunta extra crédito da prova: Que instrumento tocava Ringo, nos Beatles?

Mas aquilo só valia dois pontos.

Enfim, aqui está a parte em que me meti em confusão. Mesmo embora, claro, não seja minha culpa.

Eu estava tão feliz com meu B menos que esqueci por um minuto o quanto sou apaixonada por Michael. Eu até esqueci, para variar, de ficar tímida perto dele. Em vez disso, eu fiz algo realmente pouco parecido comigo.

Eu joguei meus braços em torno dele.

Sério. Joguei meus braços em torno do pescoço dele e fiz: “Uaaaaaaaau!!!!!!”

Não consegui evitar. Eu estava tão feliz. Tudo bem, toda aquela coisa da rosa foi meio decepcionante, mas o B menos superou tudo. Bem, quase tudo.

Foi apenas um abraço inocente. Foi *só* isso. Michael, afinal de contas, havia me ensinado álgebra quase que o

semestre inteiro. Ele tinha participação no B menos também.

Mas acho que Kenny, que Tina agora me diz que virou no corredor bem na hora em que eu estava fazendo isso — abraçando Michael,

220

quer dizer —, não vê dessa forma. De acordo com Tina, Kenny acha que tem alguma coisa rolando entre Michael e eu.

Ao que, claro, eu só posso dizer, QUEM DERA!

Mas não posso dizer isso. Tenho que encontrar Kenny agora e dizer a ele, sabe, que foi só um abraço amigável.

Tina está toda “Por quê? Por que você não conta a ele a verdade — que você não sente o mesmo por ele que ele sente por você? Esta é a sua grande chance!”

Mas você não pode terminar com alguém durante o Carnaval de Inverno. Quer dizer, de verdade. Falando sério.

Por que minha vida tem que ser tão repleta de traumas?

221

Sexta-feira, 19 de dezembro,

ainda o Carnaval de Inverno

Bem, eu ainda não encontrei Kenny, mas realmente tenho que admitir sobre os diretores: eles podem ser uns carreiristas, mas certamente sabem como fazer uma festa.

Até Lilly está impressionada.

Claro, sinais de corporativismo estão por toda parte: há máquinas de suco de laranja do McDonald‟s em cada andar, e parece que houve um compromisso com o Entenmann‟s, porque há tantas mesas de doces e biscoitos espalhadas por aí.

Ainda assim, dá para ver que eles estão realmente tentando nos proporcionar diversão. Todos os clubes estão oferecendo atividades e barracas. Há dança de salão no ginásio, cortesia do Clube de Dança; aulas de esgrima no auditório, graças ao Clube do Drama; até aulas de animação de torcida no corredor do primeiro andar, trazidas a nós pelas — você adivinhou — animadoras de torcida juniores.

Não consegui encontrar Kenny em lugar nenhum, mas esbarrei com Lilly na barraca dos Estudantes Pela Anistia Internacional (os Estudantes Contra o Corporativismo da Escola Albert Einstein não submeteram sua inscrição a uma barraca a tempo de conseguir uma, então Lilly está enfiada na Anistia Internacional). E sabe o quê? Sabe quem tirou um F em alguma coisa?

Isso mesmo.

Lilly. Não consegui acreditar.

“A sra. Spears deu um F em inglês para você? VOCÊ tirou um F?”

222

Ela não parecia muito chateada com aquilo, no entanto. “Eu tive que tomar uma posição, Mia”, explicou ela. “E às

vezes, quando você acredita em alguma coisa, você tem que fazer sacrifícios.”

“Claro”, falei. “Mas um F? Seus pais vão matar você.”

“Não, não vão”, disse Lilly. “Eles vão só tentar me psicanalisar.”

O que é verdade.

Oh, Deus. Aí vem Tina.

Espero que ela não lembre...

Ela lembra.

Nós estamos indo para a barraca do Clube do Computador bem agora.

Não quero ir para a barraca do Clube do Computador. Já dei uma olhada lá e sei o que está acontecendo. Michael, Judith e o resto dos *nerds* dos computadores estão sentados lá, atrás de todos aqueles monitores coloridos. Quando alguém aparece, eles se sentam na frente de um dos monitores e jogam um jogo de computador que o clube criou, onde você anda através da escola e todos os professores estão com roupas engraçadas. Como a diretora Gupta, que está usando uma roupa de couro de dominatrix e segurando um chicote, e o sr. Gianini que está de calças de pijamas com um urso de pelúcia que se parece exatamente com ele.

Eles usaram um programa diferente quando o clube se inscreveu para fazer parte do Carnaval, claro, então nenhum dos professores ou administradores sabe o que todo mundo sentado lá está vendo. Será que eles

imaginam por que todos aqueles garotos estão rindo tanto?

Enfim. Não quero ir lá. Não quero nem chegar perto.

Mas Tina diz que eu tenho que ir.

“Agora é a hora perfeita para contar a ele”, insistiu ela. “Quer dizer, Kenny não está em lugar nenhum à vista.”

Oh, Deus. Isso é o que dá contar alguma coisa a suas amigas.

Ainda mais tarde na sexta-

feira, 19 de dezembro, ainda

no Carnaval de Inverno

Bem, estou no banheiro das meninas de novo. E acho que posso afirmar com certeza de que desta vez nunca mais saio daqui.

Não, acho que só vou ficar aqui até que todo mundo tenha ido para casa. Só então será seguro. Graças a Deus estou deixando o país amanhã. Talvez, na época em que eu voltar, todo mundo envolvido nesse pequeno incidente terá esquecido tudo.

Mas eu duvido. Não com a sorte que tenho, pelo menos.

Por que esse tipo de coisa sempre acontece comigo? Quer dizer, sério? O que eu fiz para os deuses se voltarem contra mim? Por que esse tipo de coisa nunca acontece com Lana Weinberger? Por que eu? Porque sempre *eu?*

Tudo bem, aqui está o que aconteceu.

Eu não tinha intenção nenhuma de realmente contar nada a Michael. Quer dizer, deixe-me explicar isso de outra forma. Eu só estava concordando com Tina porque, bem, teria parecido estranho se eu tivesse evitado completamente a barraca do Clube do Computador. Além do mais Michael havia me pedido tantas vezes para dar uma passada lá com certeza. Então não havia meio de evitar aquilo.

Mas eu nunca tive a intenção de dizer uma palavra sobre Você- Sabe-o-Quê. Quer dizer, Tina ia simplesmente ter de aprender a viver com esse desapontamento. Você não ama alguém por tanto tempo

quanto eu amei Michael, e depois simplesmente vai até ele na feira da escola e diz tipo:

“Ah, olha só, eu te amo.”

Certo? Você não *faz* isso.

Mas enfim. Então eu fui para a barraca idiota com a Tina. Todo mundo estava dando risadas e adorando o programa. Tinha uma fila bem grande na barraca, mas Michael nos viu e disse: “Entrem!”

Como se a gente devesse furar a fila na frente de todas essas outras pessoas. Quer dizer, nós fizemos isso, claro, mas todo mundo atrás de nós resmungou, e quem pode culpá-los? Eles já estavam esperando há muito tempo.

Mas eu acho que por causa do que eu fiz na noite anterior — sabe, quando eu expliquei em rede nacional

que a única razão por eu ter feito aquele anúncio de roupas era que o estilista ia doar todos os lucros para o Greenpeace — eu havia me tornado bem mais popular (comentários positivos até agora: 243. Negativos: 1. De Lana, claro).

Então os resmungos não eram tão maus quanto poderiam ter sido.

Enfim, Michael ficou falando “Aqui, Mia, sente nesse aqui”. E puxou uma cadeira na frente do monitor.

Então eu me sentei e esperei aquela coisa idiota começar, e em volta de mim outros garotos estavam rindo do que estavam vendo em suas telas. Eu só fiquei sentada ali pensando, por alguma razão, *Corações tímidos nunca conseguem as damas belas.*

O que era estúpido, porque, número um, eu NÃO ia contar a ele que eu gostava dele, e número dois, Michael é moreno, não tem nada de pálido. E ele também não é uma dama, obviamente.

Então ouvi Judith perguntar: “Espera aí, o que você está fazendo?”

225

E aí ouvi Michael dizer: “Não, tudo bem. Eu tenho um negócio especial para ela.”

Então a tela em frente aos meus olhos piscou. Eu suspirei. *Tudo bem,* pensei, *Aí vem a coisa estúpida dos professores. Não ria para eles não pensarem que você gostou.*

Então eu estava sentada lá, realmente meio deprimida, porque eu não tinha nada a esperar, se você pensar bem. Quer dizer, todo o resto do mundo estava feliz, porque mais tarde eles iam ao baile, mas ninguém tinha me convidado para ir ao baile — nem mesmo meu suposto namorado — então eu não tinha nem isso para esperar.

E todo mundo que eu conhecia ia esquiar ou para as Bahamas ou onde quer que fosse para as férias de inverno, mas o que eu tinha para fazer? Oh, lidar com um monte de membros da Sociedade de Plantadores de Oliveiras de Genovia. Tenho certeza de que eles são todos pessoas bacanas, mas fala sério.

E antes mesmo que eu parta para minha entediante viagem para Genovia, tenho que terminar com Kenny, algo que eu não quero mesmo fazer, porque realmente gosto dele, e não quero ferir seus sentimentos, mas acho que tenho que fazer isso.

Embora eu tenha de admitir, o fato de que ele ainda nem sequer tenha mencionado o baile está tornando a idéia de terminar com ele um pouco menos odiosa.

Aí amanhã, pensei, *eu parto para a Europa num avião com papai e Grandmère, que ainda não estão se falando* (e já que eu também não estou falando com Grandmère, será um vôo realmente muito divertido), *e quando eu voltar, conhecendo minha sorte, Michael e Judith estarão noivos.*

Era isso o que eu estava pensando ali sentada no exato segundo em que a tela na minha frente piscou. Isso, e,

sabe, não estou realmente no espírito de ver nenhum de meus professores em roupas engraçadas.

Só que, quando parou de piscar, não foi isso o que eu vi. O que eu vi em vez disso foi um castelo.

Sério. Era um castelo, tipo saído dos Cavaleiros da Távola Redonda, ou *A bela e a fera,* ou o que seja. A imagem deu um *zoom* até que estivéssemos sobre os muros do castelo e dentro do pátio, onde havia um jardim. E no jardim, grandes e gordas rosas vermelhas estavam florindo. Algumas das rosas haviam perdido suas pétalas e dava para vê-las caídas no chão do pátio. Era realmente, realmente bonito, e eu fiquei tipo, *Ei, isso é mais maneiro do que eu achei que seria*.

E eu esqueci que estava sentada ali em frente a um monitor de computador no Carnaval de Inverno, com umas duas dúzias de pessoas em torno de mim. Eu comecei a sentir como se eu estivesse realmente *dentro* daquele jardim.

Então aquela bandeira acenou na tela, em frente às rosas, como se estivesse flutuando no vento. A bandeira tinha algumas palavras escritas em letras douradas.

Quando ela parou de oscilar, eu pude ler o que as palavras diziam: *Rosas são vermelhas*

Violetas são azuis

Você pode não saber

Mas eu também amo você

Eu berrei e pulei para fora da cadeira, derrubando-a atrás de mim.

Todo mundo começou a rir. Acho que eles pensaram que eu tinha visto a diretora Gupta em seu traje de couro.

Só Michael sabia que eu não tinha visto isso.

E Michael não estava rindo.

Só que eu não podia olhar para Michael. Eu não podia olhar para lugar nenhum, na verdade, exceto para meus próprios pés. Porque eu não conseguia acreditar no que acabara de acontecer. Quer dizer, eu não conseguia processar aquilo no meu cérebro. O

que aquilo *queria dizer?* Queria dizer que Michael sabia que era eu quem estava mandando aqueles bilhetes para ele, e que ele sentia o mesmo?

Ou queria dizer que ele sabia que era eu quem estava mandando aqueles bilhetes para ele, e estava tentando se vingar de mim, como uma espécie de piada?

Eu não sabia. Tudo o que eu sabia era que, se eu não saísse dali, eu ia começar a chorar...

...e em frente a todo mundo da escola inteira.

Eu agarrei Tina pelo braço e a arrastei, *com força,* atrás de mim. Acho que eu estava imaginando que podia dizer a ela o que eu havia visto e talvez *ela* fosse capaz de entender o que aquilo queria dizer, já que eu certamente não conseguia.

Tina gritou — eu devo tê-la agarrado com mais força do que pensei — e ouvi Michael chamando “Mia!”.

Mas eu continuei andando, puxando Tina atrás de mim e forçando a passagem pela multidão em direção à porta, pensando apenas numa coisa:

Tenho que ir para o banheiro das garotas. Tenho que ir para o banheiro das garotas antes que eu comece a chorar muito alto.

228

Alguém me agarrou com mais força do que eu tinha agarrado o braço de Tina. Eu achei que era Michael. Eu sabia que, se eu só olhasse para ele, iria cair em grandes soluços de bebê. Eu disse “sai *daqui”,* e sacudi o braço.

Ouvi a voz de Kenny: “Mas Mia, eu *tenho* que falar com você!”

“Agora não, Kenny”, disse Tina.

Mas Kenny foi totalmente inflexível. Ele insistiu *“Agora* sim”, e pela expressão de seu rosto dava para ver que ele estava falando sério, Tina revirou os olhos e retrocedeu.

Eu fiquei ali de pé, de costas para a barraca do Clube do Computador, e rezei, *Por favor, por favor não venha até aqui, Michael. Por favor fique onde você está. Por favor, por favor,* por favor *não venha até aqui.*

“Mia”, começou Kenny. Ele parecia mais desconfortável do que eu jamais o vira, e eu já vira Kenny parecer bastante desconfortável. Ele é o tipo de cara desajeitado. “Eu só quero... quer dizer, eu só quero que você saiba. Bem. Que eu sei.”

Eu o encarei. Eu não tinha idéia do que ele estava falando. Sério. Eu tinha esquecido totalmente aquele abraço que ele vira no corredor. Aquele que eu dei em Michael. Tudo o que eu podia pensar era *Por favor não venha até aqui, Michael. Por favor não venha até aqui, Michael...*

“Olhe, Kenny”, disse eu. Eu nem mesmo sei como eu fiz minha língua funcionar, juro. Eu me sentia como um robô que alguém tinha colocado na posição *off.* “Esta realmente não é uma boa hora. A gente podia conversar depois...”

“Mia” interrompeu Kenny. Ele tinha um olhar engraçado no rosto, “Eu *sei.* Eu vi,”

Eu pisquei.

E então me lembrei. Michael e o abraço B menos.

“Oh, Kenny”, falei. “De verdade. Aquilo foi só... quer dizer, não há nada...”

“Você não precisa se preocupar”, disse Kenny. E aí eu percebi por que seu rosto parecia tão engraçado. Era porque ele tinha uma expressão que eu nunca havia visto antes. Pelo menos, não em Kenny. A expressão era de resignação. “Eu não vou contar a Lilly.”

Lilly! Oh, Deus! A última pessoa no mundo que eu queria que soubesse o que eu sentia por Michael!

Talvez não fosse tarde demais. Talvez houvesse ainda uma chance de que eu pudesse...

Mas não. Não, eu não podia mentir para ele. Por uma vez em minha vida, eu não podia sustentar uma mentira.

“Kenny”, suspirei. “Eu sinto muito, mesmo.”

Até dizer isso eu não tinha percebido que era muito tarde para correr para o vestiário das meninas: eu já tinha começado a chorar. Minha voz falhou e, quando coloquei as mãos no rosto, elas ficaram úmidas.

Maravilha. Eu estava chorando em frente a todo o corpo estudantil da Escola Albert Einstein.

“Kenny”, continuei, fungando. “Eu honestamente queria contar a você. E eu realmente gosto de você. Eu só não... amo você.”

O rosto de Kenny estava muito branco, mas ele não começou a chorar — não como eu. Graças a Deus. De fato, ele até tentou sorrir um pouco daquele jeito estranho e resignado enquanto dizia, sacudindo a cabeça, “Puxa. Não dá pra acreditar. Quer dizer, quando isso me ocorreu pela primeira vez, eu pensei, *sem chance.* Não a Mia. Sem 230

chance, ela nunca faria isso com a melhor amiga. Mas... bem, eu acho que isso explica muito... Humm, sobre nós.”

Eu não consegui encará-lo mais. Me senti um verme. Pior que um verme, porque vermes são muito úteis ao meio ambiente. Eu me senti como.., como...

Como uma mosca de fruta.

“Acho que eu já suspeitava há muito tempo de que havia outra pessoa”, prosseguiu Kenny. “Você nunca... bem,

você nunca exatamente pareceu retornar meu ardor quando nós... você sabe.”

Eu sabia. Beijávamos. Legal da parte dele trazer isso à tona, aqui no ginásio, em frente a todo mundo.

“Eu sabia que você só não estava dizendo nada porque você não queria ferir meus sentimentos”, disse Kenny. “Esse é o tipo de garota que você é. E foi por isso que eu adiei convidar você para o baile”, admitiu ele. “Porque eu percebi que você simplesmente diria não. Por conta de você, sabe, gostar de outra pessoa. Quer dizer eu sei que você nunca mentiria para mim, Mia. Você é a pessoa mais honesta que eu já conheci.”

HA! Ele estava brincando? *Eu?* Honesta? Obviamente, ele não tinha a menor idéia sobre minhas narinas.

“É por isso que sei o quanto isso deve estar rasgando você por dentro. Só acho que seria melhor você contar a Lilly logo”, aconselhou Kenny, sombriamente. “Eu comecei a suspeitar, sabe, no restaurante. E se eu percebi, outras pessoas também vão perceber.

E você não ia querer que ela soubesse por outra pessoa.”

Eu havia levantado a mão para tentar afastar algumas de minhas lágrimas com a manga, mas parei com a mão na metade do caminho e olhei para ele. “Restaurante? Que restaurante?”

“Você sabe”, respondeu Kenny, parecendo desconfortável. “Aquele dia todos nós fomos ao Chinatown. Você e ele se sentaram perto um do outro. Você ficou rindo...

Você estava muito melosa.”

Chinatown? Mas Michael não tinha ido conosco aquele dia a Chinatown...

“E você sabe”, continuou ele. “Eu não sou o único que notou que ele estava deixando aquelas rosas para você a semana toda, também.”

Eu pisquei. Eu mal podia vê-lo através das lágrimas. “O-o quê?”

“Você sabe.” Ele olhou em volta, depois baixou sua voz para um sussurro. “Boris.

Deixando todas aquelas rosas para você. Quer dizer, fala sério, Mia. Se vocês dois querem ficar nas costas de Lilly, isso é uma coisa, mas...”

O rugido em meus ouvidos que havia aparecido logo depois de ter lido o poema de Michael voltou. BORIS. BORIS PELKOWSKY. Meu namorado acaba de terminar comigo porque ele acha que estou tendo um caso com BORIS PELKOWSKI.

BORIS PELKOWSKI, que sempre tem restos de comida no aparelho.

BORIS PELKOWSKI, que usa seus suéteres enfiados nas calças.

BORIS PELKOWSKI,o namorado de minha melhor amiga.

Oh, Deus. Minha vida está acabada de vez.

Eu tentei dizer a ele. Sabe, a verdade. Que Boris não é meu amor secreto, mas meu Floco de Neve Secreto.

Mas Tina se lançou para a frente, me agarrou pelo braço, e foi falando “Desculpe, Kenny, Mia tem que ir agora”. Então ela me arrastou para dentro do banheiro das meninas.

“Tenho de dizer a ele”, fiquei falando, muitas e muitas vezes, como uma pessoa maluca, enquanto eu tentava me livrar de suas garras. “Eu tenho que contar a ele. Tenho que contar a ele a verdade.”

“Não, você não tem”, opôs-se Tina, me empurrando para dentro de uma cabine do toalete. “Vocês terminaram. Que importa o motivo? Você conseguiu, e isso é tudo o que importa.”

Eu pestanejei com todo o meu reflexo manchado de lágrimas no espelho sobre as pias. Eu parecia horrível. Nunca em sua vida você viu alguém que se parecesse menos com uma princesa do que eu naquela hora. Só olhar para mim me fazia explodir em uma nova onda de lágrimas.

Claro que Tina diz que tem certeza de que Michael não estava tentando fazer graça comigo. Claro que ela diz que ele deve ter descoberto que era eu que estava mandando aqueles cartões para ele e estava tentando me contar que ele sentia a mesma coisa por mim.

Só que claro que eu não acredito nisso. Porque se isso fosse verdade — *se isso fosse verdade* — por que ele teria me deixado ir embora? Por que ele não tentou me segurar?

Tina lembrou que ele tentou. Mas gritar quando eu li o poema e depois sair correndo em lágrimas da sala pode

não ter parecido para ele um sinal muito encorajador. É

mesmo, ele deve ter achado que eu não gostei do que vi. Além do mais, Tina lembrou, mesmo se Michael tivesse tentado ir atrás de mim, havia Kenny me encurralando no meio do caminho. Certamente deve ter parecido que nós dois estávamos precisando conversar — o que nós estávamos mesmo — e não queríamos ser perturbados.

Tudo isso podia ser verdade.

Mas também podia ser verdade que Michael só estivesse brincando. Era uma brincadeira muito má, dadas as circunstâncias, mas Michael não sabe que eu o adoro com cada fibra de meu ser. Michael não sabe que sou apaixonada por ele a vida inteira.

Michael não sabe que, sem ele, eu nunca, jamais, vou conquistar minha auto-realização.

Quer dizer, para Michael, eu sou só a amiga da irmã mais nova. Ele provavelmente não tinha a intenção de ser cruel. Ele provavelmente achou que estava sendo engraçado.

Não é culpa dele que minha vida esteja acabada, e que eu nunca, jamais vá sair deste banheiro.

Eu só vou esperar até que todo mundo tenha ido embora, e então vou me esgueirar sorrateiramente para fora, e ninguém vai me ver de novo até que o semestre que vem comece, e nessa época, com esperança, tudo isso já vai ter passado.

Ou, melhor, talvez eu simplesmente fique em Genovia...

Ei, é isso aí. Por que não?

234

Sexta-feira, 19 de dezembro,

5 da tarde, no loft

Não sei por que as pessoas simplesmente não podem me deixar sozinha.

Sério. Eu posso ter acabado as provas finais, mas ainda tenho muito o que fazer.

Quer dizer, tenho que fazer as malas, não tenho? As pessoas não sabem que quando você está partindo para sua apresentação real ao povo sobre o qual você um dia irá reinar, você tem que fazer muitas malas?

Mas não. Não, as pessoas ficam ligando, mandando e-mails, aparecendo.

Bem, não estou falando com ninguém. Acho que deixei isso perfeitamente claro.

Não estou falando com Lilly ou Tina ou meu pai ou o sr. Gianini ou minha mãe e ESPECIALMENTE com Michael, mesmo que pelos meus cálculos ele já tenha ligado quatro vezes.

Eu estou *realmente* muito ocupada para falar com alguém.

E com meus *headphones* ligados, nem mesmo posso ouvi-los batendo à porta. Que bom, devo dizer.

235

Sexta-feira, 19 de dezembro,

5:30 da tarde, escada de

incêndio

As pessoas têm direito à privacidade. Se eu quiser entrar em meu quarto e trancar a porta e não sair nem ter que lidar com ninguém, eu devia ter esse direito. As pessoas *não* podem arrancar as dobradiças da minha porta e *tirá-las.* Isso é completamente injusto.

Mas eu descobri um meio de enganar todo mundo. Estou do lado de fora, na escada de incêndio. Acho que está fazendo zero grau aqui fora, e nevando, por sinal, mas sabe o que mais? Até agora ninguém me seguiu.

Felizmente eu comprei uma dessas canetas que também é uma lanterna, então consigo ver o que escrevo, O sol se pôs pouco tempo atrás e, tenho que admitir, meu traseiro está congelando. Mas é realmente bacana aqui fora. Só dá para ouvir o assovio da neve caindo no metal da escada de incêndio, e uma ocasional sirene de alarme de carro. É sossegado, de certa forma.

E sabe o que estou descobrindo? Preciso de um descanso. Por um bom tempo.

Verdade. Preciso me alongar numa praia em algum lugar ou algo assim.

Há uma praia bacana em Genovia. Verdade. Com areias brancas, palmeiras, essa coisa toda.

Pena que, enquanto eu estiver lá, não terei tempo de visitá-la, já que vou estar muito ocupada batizando navios, ou o que seja.

Mas se eu *morasse* em Genovia... sabe, me mudasse para lá, e vivesse lá o tempo todo...

Ah, vou sentir falta da minha mãe, claro. Eu já considerei isso. Ela já se inclinou na janela umas vinte vezes, me implorando para entrar ou pelo menos colocar um casaco.

Minha mãe é uma mulher legal. Eu realmente vou sentir falta dela.

Mas ela pode vir me visitar em Genovia. Pelo menos até o oitavo mês da gravidez.

Aí então a viagem aérea pode ficar um pouco arriscada. Mas ela pode vir depois que meu irmão ou irmã bebê nascer. Isso seria bacana.

E o sr. G, ele também é legal. Ele só se inclinou para fora e perguntou se eu queria um pouco do cozido com *chili* que ele acabou de fazer. Ele diz que não colocou carne só por minha causa.

Isso foi legal da parte dele. Ele pode me visitar em Genovia, também.

Será bom viver lá. Posso ficar com meu pai o tempo todo. Ele não é um cara tão ruim assim, depois que a gente o conhece bem. Ele também quer que eu entre em casa e saia da escada de incêndio. Acho que minha mãe deve ter ligado para ele. Ele diz que está realmente orgulhoso de mim, por conta da entrevista coletiva e do meu B menos em álgebra e tudo. Ele quer me levar para jantar fora para celebrar. Podemos ir ao Zen Palate, ele diz. Um

restaurante totalmente vegetariano. Isso não é legal da parte dele?

Pena que ele tenha mandado Lars tirar minha porta, senão eu podia ter ido com ele.

Ronnie, nossa vizinha de porta, acaba de olhar pela janela para me ver. Agora ela quer saber o que eu estou fazendo, sentada na escada de incêndio em dezembro.

Eu disse a ela que precisava de privacidade, e que este parece ser o único meio de consegui-la.

Ronnie falou, “Meu doce, e eu não sei o que é isso?”

Ela disse que eu ia congelar sem um casaco, e me ofereceu seu *mink.* Eu polidamente declinei, já que não consigo usar peles de animais mortos.

Então ela me emprestou seu cobertor elétrico, ligado na tomada embaixo do ar-condicionado. Devo dizer, melhorou bastante.

Ronnie está se preparando para sair. É legal vê-la colocar a maquiagem. Enquanto faz isso, ela mantém uma conversa rápida comigo através da janela aberta. Ela me perguntou se eu estava tendo problemas na escola, e se era por isso que eu estava na escada de incêndio, e eu disse que sim. Ela perguntou que tipo de problemas, e eu contei a ela. Contei a ela que estou sendo perseguida: que amo o irmão da minha melhor amiga, mas que para ele tudo é aparentemente uma grande piada. Oh, e também que todo mundo pensa que estou tendo um caso com um violinista buco-respirador que por acaso é o namorado da minha melhor amiga.

Ronnie sacudiu a cabeça e disse que era bom saber que as coisas não mudaram desde seus tempos de escola. Ela diz que sabe o que é ser perseguida, porque Ronnie era homem.

Eu disse a Ronnie que isso realmente não importa, porque vou me mudar para Genovia. Ronnie disse que sentia muito por ouvir aquilo. Ela vai sentir minha falta, já que eu realmente melhorei as condições do depósito de lixo do prédio desde que insisti em instalar latas separadas recicláveis para jornais, latas e garrafas.

Então Ronnie disse que tinha de ir porque ia encontrar o namorado para uns drinques no Carlyle. Ela disse que eu podia continuar usando o cobertor elétrico, contanto que eu me lembrasse de devolvê-lo quando tivesse terminado.

Deus. Até minha vizinha de porta, que já foi homem, tem namorado. O QUE HÁ

DE ERRADO COMIGO????

Ai-ai. Escuto passos em meu quarto. Quem está vindo agora?

Sexta-feira, 19 de dezembro,

7:30 da noite

Bem. Acho que você me derrubaria com um sopro.

Adivinhe quem acaba de sair para a escada de incêndio e se sentar comigo por meia hora?

Grandmère.

Não estou brincando.

Eu estava sentada aqui, me sentindo toda deprimida, quando de repente aquela grande manga de peles apareceu em minha janela, e então um pé num sapato de salto alto, e então uma grande cabeça loura, e quando vi Grandmère estava sentada lá, piscando para mim das profundezas de sua longa chinchilla.

“Amelia”, começou ela, em seu tom mais absurdo. “O que você está fazendo aqui?

Está nevando. Volte para dentro.”

Eu estava chocada. Chocada por Grandmère até mesmo considerar a idéia de vir para a escada de incêndio (é uma coisa indelicada para uma princesa mencionar, mas há na verdade muito cocô de passarinho aqui fora), mas também por ela ousar falar comigo depois do que fez.

Mas ela foi direto ao assunto.

“Entendo que você esteja aborrecida comigo”, disse ela. “E você tem o direito de estar. Mas quero que você saiba que o que fiz foi por você.”

“Ah, sei!” Mesmo que eu tivesse jurado que nunca mais ia falar com ela, não consegui me conter. “Grandmère, como você pode falar isso? Você me humilhou completamente!”

“Eu não tive a intenção”, explicou Grandmère. “Eu só quis mostrar que você é tão bonita quanto essas garotas nas revistas com quem você está sempre desejando se parecer. É importante que saiba que você não é essa criatura horrenda que pensa que é.”

“Grandmère”, falei. “Isso é bacana da sua parte e tudo — eu acho — mas você não devia ter feito as coisas daquele jeito.”

“De que outro jeito eu poderia fazer?”, perguntou Grandmère. “Você não vai posar para nenhuma das revistas que se ofereceram para mandar fotógrafos. Não para a *Vogue,* ou a *Harper’s Bazaar.* Você não entende que o que Sebastiano disse sobre sua estrutura óssea é realmente verdade? Você é muito bonita, Amelia. Se apenas tivesse um pouco mais de confiança em si mesma, se mostrasse de vez em quando. Esse garoto de quem você gosta iria trocar a garota da mosca caseira por você logo logo, pense nisso!”

“Mosca de fruta”, corrigi. “E Grandmère, eu disse a você, Michael gosta dela porque ela é realmente inteligente. Eles têm um monte de coisas em comum, tipo computadores. Não tem nada a ver com a beleza dela.”

“Oh, Mia”, disse Grandmère. “Não seja ingênua.”

Pobre Grandmère. Realmente não era justo culpá-la, porque ela vem de um mundo tão diferente. No mundo de Grandmère, as mulheres são avaliadas por serem grandes belezas — ou, se não são grandes belezas, elas são reverenciadas por se vestirem impecavelmente. O que elas fazem, ou gostam de fazer para se sustentar, não é importante, porque muitas delas não fazem nada.

Ah, talvez elas façam algum trabalho de caridade, ou o que seja, mas é isso.

241

Grandmère não entende, claro, que hoje em dia ser uma grande beleza não conta muito. Ah, importa em Hollywood, claro, e nas passarelas de Milão. Mas hoje em dia, as pessoas entendem que aparências perfeitas são o resultado de DNA, algo com o que a pessoa não tem nada a ver. Não é como se fosse nenhuma grande conquista, ser bonita.

Isso é apenas genética.

Não, o que importa hoje é o que você faz com o cérebro *atrás* daqueles perfeitos olhos azuis, ou olhos castanhos, ou verdes, ou o que seja. Na época de Grandmère, uma garota como Judith, que conseguia clonar moscas de fruta, seria vista como uma aberração lastimável, a menos que ela conseguisse clonar moscas de fruta e ficar maravilhosa num Dior.

E mesmo nesta época marcadamente esclarecida, garotas como Judith ainda não exercem tanto poder de atração quanto garotas como Lana — o que não é justo, já que clonar moscas de frutas é provavelmente muito mais importante do que ter um cabelo totalmente perfeito.

As pessoas verdadeiramente patéticas são aquelas parecidas comigo: não posso clonar moscas de fruta *e* meu cabelo é horrível.

Mas tudo bem. Já estou acostumada com isso agora.

Grandmère é a única que ainda precisa ser convencida de que sou um caso absolutamente perdido.

“Olha”, tentei explicar a Grandmère, “eu disse a você. Michael não é o tipo de cara que vai ficar impressionado porque estou num suplemento do *Sunday Times* num traje de baile sem alças. É *por isso que eu gosto dele.* Se ele fosse o tipo de cara que ficasse impressionado com coisas assim, eu não ia querer nada com ele.”

Grandmère não me pareceu muito convencida.

“Bem”, disse ela. “Talvez você e eu devamos concordar em discordar. De qualquer maneira, Amelia, eu vim aqui para pedir desculpas. Eu nunca quis magoar você. Eu só queria mostrar do que é capaz, se pelo menos você tentasse.” Ela abriu largamente suas mãos luvadas. “E veja o quanto eu fui bem-sucedida. Bem, você planejou e executou uma entrevista coletiva, por sua própria conta!”

Eu não pude deixar de sorrir um pouco com aquilo. “É”, concordei. “Eu fiz isso.”

“E”, continuou ela, “eu sei que você passou em álgebra.”

Eu abri ainda mais o sorriso. “É. Eu passei.”

“Agora há apenas uma coisa que falta você fazer.”

Assenti. “Eu sei. Eu venho pensando muito a respeito disso, e acho que seria melhor se eu estendesse minha estada em Genovia. Tipo talvez eu pudesse morar lá daqui por diante. O que você acha disso?”

“Morar em... morar em Genovia?” Por uma vez eu a havia pegado desprevenida.

“Do que é que você está falando?”

“Você sabe”, esclareci. “Há escolas lá. Eu podia simplesmente terminar o primeiro ano lá. E então talvez eu pudesse ir para um desses colégios internos suíços de que você sempre está falando.”

Grandmère só ficou me encarando. “Você odiaria.”

“Não”, discordei. “Deve ser engraçado. Nada de garotos, certo? Isso seria ótimo.

Quer dizer, estou meio que enjoada de garotos agora.”

Grandmère sacudiu a cabeça. “Mas seus amigos... sua mãe...”

“Bem”, disse eu, usando a lógica, “Eles podiam ir me visitar.”

Então o rosto de Grandmère endureceu. Ela me olhou por entre as brechas altamente maquiadas em que seus olhos haviam se tornado.

“Amelia Mignonette Grimaldi Renaldo”, ela disse. “Você está fugindo de alguma coisa, não está?”

Eu sacudi a cabeça inocentemente. “Oh, não, Grandmère”, respondi. “Verdade. Eu gostaria de morar em Genovia. Ia ser perfeito.”

“PERFEITO?” Grandmère ficou de pé. Seus saltos altos ficaram presos entre as barras de metal da escada de

incêndio, mas ela não percebeu. Ela apontou imperiosamente para a minha janela.

„Você entre imediatamente”, ordenou, numa voz que eu jamais a escutara usar antes.

Tenho de admitir, fiquei tão chocada que fiz exatamente o que ela disse. Desliguei o cobertor elétrico de Ronnie e engatinhei de volta para dentro do meu quarto. Então eu fiquei de pé lá enquanto Grandmère engatinhava também.

„Você”, afirmou, ajeitando a saia, “é uma princesa da casa real de Renaldo. Uma princesa”, repetiu, indo ao meu *closet* e remexendo lá dentro, “não evita suas responsabilidades. Nem sai correndo ao primeiro sinal de adversidade.”

“Ai, Grandmère”, lamentei. “O que aconteceu hoje não foi o primeiro sinal de adversicade, entendeu? O que aconteceu hoje foi o último fiapo. Eú não agüento mais, Grandmère. Estou saindo fora.”

Grandmère tirou de meu armário o vestido que Sebastiano desenhara para eu usar no baile. Sabe, aquele que deveria fazer Michael esquecer que eu sou a melhor amiga de sua irmã mais nova.

“Tolice”, disse Grandmère.

Aquilo foi tudo.

Apenas tolice. Então ela ficou ali, batendo as pontas dos pés, me encarando.

“Grandmère”, fiz eu. Talvez tenha sido todo aquele tempo que eu passei do lado de fora. Ou talvez eu estivesse com muita certeza de que minha mãe e o sr. G e meu pai estavam todos ali ao lado, escutando. Como eles poderiam não estar? Não havia *porta,* nem nada, para separar meu quarto da sala.

“Você não entende”, argumentei. “Não posso voltar lá.”

“Razão mais que suficiente”, insistiu Grandmère, “para você ir.”

“Não”, teimei. “Em primeiro lugar, eu nem mesmo tenho par para o baile, certo? E só fracassados vão a bailes sem par, entendeu agora?”

“Você não é uma fracassada, Amelia”, disse Grandmére. “Você é uma princesa. E

princesas não saem correndo quando as coisas ficam difíceis. Elas jogam seus ombros para trás e encaram qualquer desastre que espere por elas de cabeça erguida.

Bravamente, e sem reclamar.”

“Olha só, nós não estamos falando sobre bandidos visigodos, falou, Grandmère?

Estamos falando sobre uma escola inteira que acha que eu estou apaixonada por Boris Pelkowski.”

“O que é precisamente o motivo pelo qual você deve mostrar a eles que para você não importa o que eles pensam.”

“Por que eu não posso mostrar a eles que não me importo não indo?”

“Porque esta”, afirmou Grandmère, “é a maneira covarde. E você, Mia, como já mostrou muito bem esta última semana, não é uma covarde. Agora vista-se.”

Não sei por que eu fiz o que ela disse. Talvez fosse porque em algum lugar lá dentro eu sabia que, por uma vez, Grandmère estava certa.

Ou talvez fosse porque secretamente eu acho que estava um pouco curiosa para ver o que aconteceria.

Mas acho que a razão real era porque, pela primeira vez em toda a minha vida, Grandmère não me chamou de Amelia.

Não. Ela me chamou de Mia.

E por causa de meu estúpido sentimentalismo estou num carro agora, voltando para aquela estúpida e imunda Escola Albert Einstein, a poeira que achei que havia conseguido sacudir permanentemente de meus pés menos de quatro horas atrás.

Mas não. Oh, não. Estou voltando, naquele vestido de festa idiota, de veludo, que Sebastiano desenhou para mim. Estou voltando, sem par. Estou voltando e vou provavelmente ser ridicularizada por ser a aberração biológica sem namorado que sou.

Sou, entretanto, uma princesa, e aparentemente isso significa que espera-se que eu pegue o que quer que

seja lançado para mim, não importa o quanto cruel, o quanto injusto ou imerecido isso possa ser

E, aconteça o que acontecer, eu sempre posso me confortar com essa certeza: Amanhã eu estarei a milhares de quilômetros longe de tudo isso.

Oh, Deus. Chegamos.

Acho que vou vomitar.

Sábado, 20 de dezembro, Jato

Real Genoviano

Quando eu estava para fazer seis anos, tudo o que eu queria de aniversário era um gato.

Não me importava com o tipo de gato. Eu apenas queria um. Queria um gato que fosse meu. Nós tínhamos ido visitar os pais de minha mãe na fazenda deles em Indiana, e eles tinham muitos gatos. Um deles havia tido filhotes, pequenos gatinhos peludos laranjas e brancos, que ronronavam alto quando eu os segurava sob meu queixo, e gostavam de se enroscar dentro do bolso de meus macacões e tirar sonecas. Mais do que qualquer coisa no mundo, eu queria ficar com um daqueles gatinhos.

Devo mencionar que na época eu tinha um problema de chupação-de-dedo. Minha mãe havia tentado de tudo para me fazer parar de chupar o dedo, incluindo comprar uma Barbie para mim, apesar de sua postura fundamental contra a Barbie e tudo o que ela representa, como uma espécie de suborno. Mas nada deu certo.

Então quando comecei a ficar gemendo no ouvido dela que queria um gatinho, minha mãe apareceu com um plano. Ela me disse que me daria um gatinho de aniversário se eu parasse de chupar o dedo.

O que eu fiz, imediatamente. Eu queria um gato a *esse ponto.*

Ainda assim, quando chegou meu aniversário, eu tive minhas dúvidas de que minha mãe iria cumprir a parte dela da barganha. É

que, mesmo com a idade de seis anos, eu sabia que minha mãe não era a pessoa mais responsável. Por que mais estaria a nossa eletricidade sendo sempre cortada? E muitas vezes eu aparecia na escola usando saia e calça ao mesmo tempo, porque minha mãe *me* deixava decidir o que usar. Então eu não tinha certeza de que ela iria se lembrar do gatinho — ou que, se ela lembrasse, ela saberia onde conseguir um.

Então, como você pode imaginar, quando a manhã de meu sexto aniversário chegou, eu não estava com muita esperança.

Mas quando minha mãe entrou no meu quarto segurando aquela pequena bola de pêlo amarela e branca, e a deixou cair em meu colo, e eu olhei para Louie (ele não se tornou Fat Louie até uns nove quilos e pouco tempo depois) e para seus grandes olhos azuis (isso foi antes de eles ficarem verdes), eu conheci uma alegria que jamais havia conhecido em minha vida, e nunca esperei sentir novamente.

Isto é, até a noite passada.

Estou falando totalmente sério.

A noite passada foi a melhor noite de TODA a minha vida. Depois de todo aquele fiasco com Sebastiano e as fotos, eu achei que jamais sentiria nada tipo gratidão por Grandmère, NUNCA mais.

Mas ela estava TÃO CERTA de me fazer ir àquele baile. Estou TÃO FELIZ de ter voltado para a Albert Einstein, a melhor, a mais adorável escola de todo o país, se não de todo o mundo!!!!!!!

Tudo bem, aqui está o que aconteceu:

Lars e eu saltamos em frente à escola. Havia luzes brancas compridas em todas as janelas, que devem ter colocado lá para representar massas de gelo pendente ou o que seja.

Eu tinha certeza de que ia vomitar e mencionei isso a Lars. Ele disse que eu não poderia vomitar porque, pelo que ele sabia com certeza, eu não havia comido nada desde o bolo da Entenmann bem antes do almoço, e aquilo tudo já estava provavelmente digerido agora. Com aquele tanto de informação encorajadora, ele me acompanhou degraus acima para dentro da escola.

Havia massas de pessoas zanzando em torno do guarda-casacos na entrada principal.

Lars deixou nossos casacos lá enquanto eu ficava esperando que alguém chegasse e perguntasse o que eu tinha ido fazer ali sem um par. Tudo o que aconteceu, entretanto, foi que Lilly-e-Boris e Tina-e-Dave desceram até mim e começaram a agir de forma tão bacana e

disseram o quanto eles estavam felizes por eu ter vindo (Tina me disse mais tarde que ela já havia explicado para todo mundo que Kenny e eu havíamos terminado, embora ela não tivesse contado o motivo, GRAÇAS A DEUS.)

Então, fortalecida por meus amigos, entrei no ginásio, que estava todo decorado com motivos de inverno, com flocos de neve de papel picado, uma daquelas bolas de discoteca e neve falsa por toda parte, que eu devo dizer que parecia muito mais branca e limpa do que a neve que estava começando a se amontoar no chão lá fora.

Havia toneladas de pessoas lá. Eu vi Lana e Josh (ugh), Justin Baxendale com seu usual séquito de fãs ardorosas, Shameeka e Ling Su e muitas outras pessoas. Até Kenny estava lá, mas quando me viu ele ficou muito vermelho, se virou de costas e começou a falar com uma garota da nossa sala de biologia. Tudo bem então.

Todo mundo estava lá, exceto a única pessoa que eu estava mais temendo. Ou esperando ver. Eu não sabia.

Aí eu vi Judith Gershner. Ela tinha mudado de trajes e parecia muito bonita com um vestido vermelho tipo Laura Ashley.

Mas ela não estava dançando com Michael. Ela estava dançando com um garoto que eu nunca tinha visto antes.

Então eu olhei em torno procurando Lilly e finalmente a vi usando um dos telefones pagos. Eu fui até ela e fiquei perguntando: “Onde está o seu irmão?”

Lilly desligou o telefone. “Como é que eu vou saber?”, perguntou ela. “Não estou tomando conta dele.”

Estranhamente confortada por seu comportamento — que simplesmente provava que não importa o quanto outras coisas mudassem, Lilly sempre permanecia a mesma

— eu continuei: “Bem, Judith Gershner está aqui, então eu só pensei...”

“Pelo amor de Deus”, Lilly disse. “Quantas vezes eu tenho que dizer a você?

Michael e Judith não estão ficando.”

Eu falei “Ah, tá bom. Então por que eles estavam juntos o tempo todo nas duas últimas semanas?”

“Porque eles estavam trabalhando naquele estúpido programa de computador para o Carnaval”, respondeu ela. “Além do mais, Judith Gershner já tem namorado.” Lilly me agarrou pelos ombros e me virou para que eu pudesse ver Judith no salão de dança. “Ele vai para Trinity.”

Eu olhei para Judith Gershner enquanto ela dançava lentamente com um garoto que se parecia muito com Kenny, só que mais velho e não tão descoordenado.

“Ah”, falei.

“Ah está ótimo”, disse Lilly. “Eu não sei o que há de errado com você hoje, mas não consigo lidar com você quando está agindo como

uma alucinada. Sente-se bem aqui” — Ela puxou uma cadeira. “E não ouse se levantar.

Eu quero saber onde encontrar você quando precisar.”

Eu nem mesmo perguntei a Lilly por que ela precisaria me encontrar. Só me sentei.

Senti como se não fosse mais conseguir ficar de pé. Eu estava cansada a *esse ponto.*

Não que eu estivesse desapontada. Quer dizer, eu não queria ver Michael. Pelo menos parte de mim não queria.

Outra parte de mim queria *realmente* vê-lo e perguntar exatamente o que ele quis dizer com aquele poema.

Mas eu estava meio com medo da resposta.

Porque podia não ser aquela que eu estava esperando que poderia ser.

Depois de um tempo, Lars e Wahim vieram se sentar perto de mim. Me senti uma completa boba. Quer dizer, ali estava eu, sentada num baile com dois guarda-costas, que estavam numa discussão profunda sobre as vantagens *versus* as desvantagens das balas de borracha. Ninguém estava me chamando para dançar. Ninguém ia chamar, também.

Quer dizer, eu era uma fracassada enorme, colossal. Uma fracassada enorme, colossal e sem namorado.

E, aliás, supostamente apaixonada por Boris Pelkowski.

Por que eu estava ali? Eu tinha feito o que Grandmère disse. Eu tinha aparecido. Eu tinha provado a todo mundo

que não era covarde. Por que eu não podia sair? Quer dizer, se eu quisesse?

Fiquei de pé. Eu disse a Lars, “Vamos. Chega de baile por hoje. Eu ainda tenho muitas malas para fazer. Vamos embora.”

Lars disse tudo bem, e começou a se levantar. Depois ele parou. Eu vi que ele estava olhando para alguma coisa atrás de mim. Eu me virei.

E lá estava Michael.

Ele tinha obviamente acabado de chegar. Estava sem fôlego. O laço de sua gravata nem estava amarrado. E ainda havia neve em seus cabelos.

“Achei que você não vinha”, disse ele.

Eu sabia que meu rosto estava ficando tão vermelho quanto o vestido de Judith Gershner. Mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. “Bem, eu quase não vim”, falei.

“Eu liguei para você um monte de vezes, Só que você não atendeu o telefone.”

“Eu sei.” Eu estava desejando que o chão do ginásio se abrisse, como em *It’s a Wondeful Lifè,* e que eu caísse na piscina embaixo dele e afundasse e não tivesse que ter essa conversa.

“Mia”, começou ele. “Sobre aquilo de hoje. Eu não queria fazer você chorar.”

Ou o chão se abriria e eu poderia simplesmente cair, e ficar caindo, para sempre e sempre e sempre. Isso seria legal, também. Eu olhei para o chão, desejando que ele se partisse e me sugasse.

“Você não me fez chorar”, menti. “Quer dizer, não foi aquilo. Foi um negócio que Kenny disse.”

“Sei”, respondeu Michael. “Bom, eu ouvi dizer que vocês terminaram.”

É. Provavelmente agora toda a escola já sabia. Agora, eu sentia que meu rosto estava ainda mais vermelho do que o vestido de Judith.

“Só que”, continuou Michael, “eu sabia que era você. Que era você quem estava deixando todos aqueles cartões para mim.”

Se ele tivesse enfiado a mão dentro do meu peito, puxado meu coração para fora, jogado-o no chão e chutado-o ao longo do salão,

não teria doído tanto quanto ouvir aquilo. Dava para sentir meus olhos se enchendo de lágrimas de novo.

“Você sabia?” Sabe, uma coisa é ter seu coração partido. Mas isso acontecer num baile escolar, na frente de todos... bem, isso é cruel.

“Claro que eu sabia”, repetiu ele. Parecia impaciente. “Lilly me contou”

Pela primeira vez, levantei os olhos para seu rosto.

“*Lilly* contou a você?”, gritei. Como *ela* sabia?”

Ele fez um gesto com a mão. “Eu não sei. Sua amiga Tina contou, eu acho. Mas isso não é importante.”

Eu olhei em volta do ginásio e vi Lilly e Tina na outra ponta, ambas olhando na minha direção. Quando viram que eu estava olhando para elas, se viraram muito rápido e fingiram estar profundamente absortas em conversas com seus namorados.

“Eu vou matar as duas”, murmurei.

Michael estendeu o braço e agarrou meus ombros. “Mia”, ele me deu uma pequena sacudida. “Não *importa.* O que importa é que eu estava falando sério no que escrevi. E

pensei que você também estava.”

Eu não achei que tinha escutado direito o que ele disse. Falei “Claro que eu estava falando sério.”

Ele sacudiu a cabeça. “Então por que você teve aquele ataque hoje no Carnaval?”

Gaguejei, “Bem, porque... porque... eu achei... eu achei que você estava me gozando.”

“Nunca”, afirmou ele.

E foi quando ele fez aquilo.

Sem confusão. Sem pedir minha permissão. Sem hesitar o que quer que fosse. Ele simplesmente se inclinou e me beijou, bem na boca.

E eu descobri, bem naquela hora, que Tina estava certa:

Não é nojento se você está apaixonada pelo cara.

De fato, é a coisa melhor do mundo.

E você sabe qual é a melhor parte?

Quer dizer, tirando o fato de Michael me amar, e ter mantido isso em segredo quase tanto tempo quanto eu, se não mais?

E Lilly sabendo o tempo todo mas não dizendo nada até alguns poucos dias atrás porque ela achou que seria uma interessante experiência social ver o quanto nós levaríamos para descobrir por conta própria (um longo tempo, como se revelou)?

E o fato de que Michael vai para a Columbia no próximo ano, que é apenas algumas estações de metrô adiante, então eu ainda poderei vê-lo tanto quanto quiser?

Oh, e Lana passando enquanto estávamos nos beijando, e falando, naquela voz horrorosa, “Oh, meu Deus, vão para um quarto, por favor.”

E dançando junto com ele a noite toda, até que Lffly finalmente chegasse e dissesse

“Anda, gente, está nevando muito, se nós não sairmos agora, nunca vamos chegar em casa?”

E dar um beijo de boa noite do lado de fora da portaria do meu *loft,* com a neve caindo em torno de nós (e o Lars irritado reclamando que estava com frio)?

Não, a melhor parte é que fomos direto para o beijo de língua sem nenhum problema. Tina estava certa — pareceu perfeitamente natural.

E agora o comissário do vôo real genoviano diz que temos que fechar as mesas para levantar vôo, então terei de parar de escrever em um minuto.

Papai diz que se eu não parar de falar em Michael, ele vai se sentar na frente com o piloto durante o vôo.

Grandmère diz que está impressionada com a mudança que ocorreu em mim. Ela diz que eu pareço mais alta. E sabe, talvez eu esteja. Ela acha que é porque estou usando mais uma criação original de Sebastiano, desenhada especialmente para mim, exatamente como o vestido que deveria fazer Michael ver mais em mim do que apenas a melhor amiga de sua irmã mais nova... o que acabou acontecendo, na verdade. Mas eu sei que não estou mais alta por causa do vestido.

E nem por causa do amor, também. Bem, não totalmente.

Eu vou dizer a você por que: auto-realização.

Bem, isso e o fato de que no fim das contas eu sou realmente uma princesa. Devo ser, porque sabe o que mais?

Porque estou vivendo feliz para sempre.

FIM

Este livro foi Composto na tipologia Lapidary

333, em corpo 12/17, e impresso em papel

Offset 90g/m² no Sistema Cameron da Divisão

Gráfica da Distribuidora Record.